

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

*As Representações Socioespaciais dos Antigos Habitantes e
Comerciantes da Rua Grande*



Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma Lacerda

CÉLIA REGINA MESQUITA SANTOS

Recife, PE

2002

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano do Curso de Pós-Graduação Stricto-Sensu.

*As Representações Socioespaciais dos Antigos Habitantes e
Comerciantes da Rua Grande*

CÉLIA REGINA MESQUITA SANTOS

Banca Examinadora:

Orientador: Prof^a Dr^a Norma Lacerda Gonçalves

Prof^o DR. Luis de la Mora

Prof^o DR. Maria Leonor Alves Maia

**UFPE
2002**

AS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DOS ANTIGOS HABITANTES E COMERCIANTES DA RUA GRANDE

Célia Regina Mesquita Santos

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Norma Lacerda
(orientadora)

1º examinador

2º examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha grande fonte de energia.

A Meus pais, pois deles herdei a sensibilidade na percepção das coisas e das pessoas, aprendendo desde cedo a ter uma ampla e diversificada visão de mundo que me propiciam intensos e apaixonantes encontros com a vida.

A Arnaldo, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional e constante incentivo durante essa árdua caminhada.

À Professora Dra. Norma Lacerda, minha dedicada orientadora, que soube como ninguém, conduzir-me ante os percalços encontrados no decorrer desta jornada. Principalmente pela compreensão e confiança demonstrados durante meus longos períodos de silêncio...

Aos moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes da Rua Grande, por permitirem a minha “entrada” em suas vidas, disponibilizando informações, fornecendo-me assim uma envolvente matéria prima para a construção desta.

A todos os professores do M.D.U, que forneceram as sólidas bases para que esta pesquisa tomasse “corpo” .

À UEMA - Universidade Estadual do Maranhão, na pessoa do Excelentíssimo Reitor Sr. César Pires, por nos propiciar essa oportunidade ímpar em nossa qualificação profissional.

A Marluce Wall, por ser uma incansável entusiasta do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Às novas e sólidas amizades conquistadas nesse “conturbado” mas também prazeroso período de descobertas: Luciana, Grete, Sanadja, Thaís, Alex e Rose.

A todos os colegas de “labuta”, pela união de nosso grupo, incentivando sempre quem viesse a fraquejar.

À amiga Teresinha, pela sua eterna disponibilidade em ajudar, estendendo-me a mão nos momentos de incertezas.

A Graça Soares, pelo seu precioso apoio nos momentos difíceis dessa jornada.

Aos meus alunos da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, que tão bem souberam conduzir nossos trabalhos, apesar de, algumas vezes, eu não poder lhes dar a merecida atenção.

A Cristina Bandeira que, muito gentilmente, colocou à minha disposição seu material de pesquisa.

A Kátia, minha paciente revisora de texto, pelas inúmeras vezes que cheguei em cima do prazo e fui atendida.

Aos titulares e funcionários da MC Engenharia Ltda, pela carinhosa acolhida na etapa final deste trabalho.

Enfim, a todos aqueles que de uma forma ou outra contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

A Andréia e Eduardo, para que não esqueçam que as verdadeiras conquistas são sempre frutos de perseverança e dedicação.

SUMÁRIO

	Pág.
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE SIGLAS	ix
RESUMO/ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO.....	11
1	
CAPÍTULO 1 – PASSADO E PRESENTE: REALIDADES QUE SE CRUZAM	18
1.1 Trajetória de uma rua: revivendo seu apogeu	18
1.2 Um pequeno ensaio de sua tipologia e um breve histórico de sua legislação ...	25
1.3 Rua grande: no descompasso entre o presente e o passado	32
2	
CAPÍTULO 2 – AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA TEORIA EM BUSCA DE NOVAS FORMAS DE VER E SENTIR OS LUGARES	35
2.1 Da dimensão do espaço à construção do lugar	36
2.2 De Durkheim à Moscovici: do coletivo ao social	42
2.3 Na perspectiva das Representações Sociais como práticas sociais	49
2.4 As Representações Sociais segundo outras óticas/O jogo do simbólico na busca do significado	55
2.5 A dimensão simbólica na construção da realidade	59
2.6 Espaço público x espaço privado: uma dialética dos lugares	64
3	
CAPÍTULO 3 – MÉTODO PARA APREENSÃO DA REALIDADE	67
3.1 A amostra	68
3.2 O lugar das entrevistas	71
3.3 Os instrumentos de análise	72
3.4 A coleta de dados	74
4	
CAPÍTULO 4 – APROXIMANDO DA IDENTIDADE DA RUA GRANDE: UMA APROXIMAÇÃO PRELIMINAR	77
4.1 O permanecer na rua grande para os seus moradores	79
4.2 O permanecer na rua grande para os seus comerciantes	91
4.3 Metamorfose e não metamorfose	99
4.4 Vendo-se nos outros: a criação do personagem	104
4.5 As apropriações da realidade socioespacial de uma rua e seus desdobramentos em termos de significados	108
4.6 Laços que permanecem: uma identificação com o passado	114
4.7 Recordar é viver/na dimensão do afeto	118
4.8 No percalço das transformações	121
5	
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	125
BIBLIOGRAFIA	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Rua Grande na década de 40/50	18
Figura 02 - Mapa de São Luís, 1640	18
Figura 03 - Farmácia Garrido	19
Figura 04 - Exemplo de sobrado da Rua Grande	20
Figura 05 - Cine Éden	21
Figura 06 - Antiga residência de Ana Jansen	22
Figura 07 - Mirante do Palacete Gentil Braga	23
Figura 08 - Recentes descaracterizações ocorridas na Rua Grande	24
Figura 09 - Recentes descaracterizações ocorridas na Rua Grande	24
Figura 10 - Exemplo de Sobrado	27
Figura 11 - Exemplo de Porta-e-Janela	27
Figura 12 - Exemplo de Morada Inteira	27
Figura 13 - Exemplo de Meia-Morada e Comércio	28
Figura 14 - Exemplo de Morada e Meia	28
Figura 15 - Exemplo de $\frac{3}{4}$ de Morada	28
Figura 16 - Vista parcial da Rua Grande	33
Figura 17 - Vista de um trecho da Rua Grande	33
Figura 18 - Imóveis totalmente descaracterizados na Rua Grande	34
Figura 19 - Residência de D. Terezinha Jansen.....	69
Figura 20 - Vista aérea da Ponte do São Francisco.....	82
Figura 21 - mercearia Lusitana	86
Figura 22 - Bonde “caradura”	87
Figura 23 - Interior da residência do Sr. Oswaldo Soares	97
Figura 24 - Interior da residência do Sr. Oswaldo Soares	97
Figura 25 - Interior da residência da Sra. Terezinha Jansen	97
Figura 26 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos	117
Figura 27 - Edifício Caiçara	117

LISTA DE SIGLAS

IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPLAM	Instituto de Pesquisa e Planejamento do Município
MinC	Ministério da Cultura
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Resumo

As intensas ligações que as pessoas estabelecem com seus lugares de convívio são aqui transladadas para uma Rua, mais precisamente a Rua Grande, símbolo de um majestoso passado, lugar de referência para a cidade de São Luís e palco de inúmeros e memoráveis acontecimentos, representando um papel fundamental em sua história. Nosso foco de interesse recai, portanto, nas apropriações e práticas socioespaciais que moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes desenvolvem com a Rua em questão. Esta pesquisa analisou o trecho da Rua Grande compreendido entre a Praça João Lisboa e a Rua do Passeio, compreendendo uma área de aproximadamente 760m, dez quadras e um acervo de 118 imóveis. A escolha desse recorte espacial ocorreu por ser este o setor mais adensado da Rua em questão, tanto para o comércio como para moradia.

Cientes da importância que essa Rua determina na vida de seus usuários e buscando compreender como as alterações físicas e espaciais influenciam na constituição de sua identidade, determinando assim o seu significado, consideramos de fundamental importância o referencial teórico das Representações Sociais, que nos levaram a desvendar as razões que permitem a esses grupos agirem dessa ou outra maneira em relação ao objeto de estudo. Assim, privilegamos um aporte na Psicologia Social, por essa possibilitar uma melhor compreensão dessas representações e sua intrínseca rede de significados.

Abstract

The intense connections that people establish with their dwellings are transferred to a street, more precisely the “Rua Grande” street, the symbol of a memorable past, a reference point for the city of São Luís and a stage for innumerable and memorable happenings, playing a fundamental role in its history. Our focus of interest falls, on the appropriations and social-spatial practices, which residents, former residents, merchants and former merchants developed on the above mentioned street. This research analyzed the “Rua Grande” stretch; lying between the João Lisboa square and the “Rua do Passeio” street, covering an area of approximately 760m, it is ten blocks long and contains 118 real estate buildings. The choice for studying this spatial cutout was made, for its sector being the densest of all streets, in commerce as well as in dwelling.

By being aware of the importance this street has on the lives of its users, and trying to understand how the physical and spatial alterations influence the constitution of its identity, to then determine its meaning, we consider the theoretical reference of the Social Representations of utmost importance in disclosing the reasons which allow these groups to act one way or the other towards the “Rua Grande” street. Thus, we privilege having had the knowledge in the area of Social Psychology, which allowed a more in-depth comprehension of the representations of its intrinsic web of meanings.

INTRODUÇÃO

Cada história é uma soma de relações onde se entrelaçam o social, o espacial, o cultural e o econômico, agenciados cada vez de maneira específica para constituir um conjunto de elementos construídos a partir de um imaginário (LACERDA, 1995:119).

As configurações espaciais são peças-chave no estudo das práticas sociais nas quais indivíduos e grupos de indivíduos interagem com as mudanças morfológicas e tipológicas, resultando em alterações em suas identidades. Essas configurações espaciais acompanham o processo histórico, participando intimamente da relação indivíduo/ambiente. Não é sem efeito que os significados atribuídos aos lugares permeiam as relações socioespaciais, que, construídas em determinadas situações, estão sempre atreladas ao contexto de cada lugar. Diante dessa realidade, podemos estabelecer uma sintonia entre o espaço/lugar e seus usuários.

O impasse, que sempre se apresenta quando a questão é o planejamento urbano da cidade e a busca de formas para implementá-lo e/ou incrementá-lo, cai exatamente na dicotomia entre as diversas formas de tratar o caso em que alguns *vêem* o processo de uma determinada maneira, enquanto outros *sentem* de outra maneira. Ou seja, para uns a questão do urbanismo se resume a um planejamento calcado em estudos que não privilegiam as particularidades do lugar, encerrando assim qualquer discussão que possa envolver os interesses dos sujeitos que, de uma maneira ou outra, estão relacionados ao lugar. Na contramão desse pensamento, estão os principais interessados no processo, que são os usuários do lugar. Estes, quase sempre esquecidos, não têm a chance de expor seus conhecimentos, preciosamente adquiridos através da experiência e da vivência, que só o tempo e a convivência são capazes de produzir.

A Rua Grande insere-se nesse contexto por ser um elemento de grande importância na configuração espacial da cidade de São Luís, pois está localizada na parte mais alta de seu Centro Histórico, estrategicamente situada entre os rios Bacanga e Anil, constituindo-se como eixo entre o Centro Antigo e o interior da Ilha, servindo como artéria desde os seus primórdios, pois corta praticamente todo o centro da cidade, desempenhando, portanto, um papel de extrema significância no desenrolar da história da cidade.

A Rua Grande torna-se, então, ponto de referência não só para as pessoas que ali moram e/ou trabalham, como também para uma grande parcela da população de São Luís, que, de diferentes maneiras, constroem relações com esse espaço. Dessas diferentes maneiras de *ver* e *sentir* a Rua, resulta uma infinita gama de material nas quais as Representações Sociais vão se estabelecendo.

Dessa forma, a Rua Grande representa um marco na história de vida de muitas pessoas. Dentre essas pessoas, podemos citar a autora deste trabalho que passou uma significativa parte de sua vida bem próxima a essa Rua como moradora de sua circunvizinhança, estando assim, durante toda a infância, adolescência, e parte da vida adulta, diretamente relacionada com sua história. E, por certo, esse envolvimento influenciou bastante na decisão em aprofundar nossos laços através do presente trabalho.

A escolha do tema aqui proposto, bem como de toda a problemática que permeia este trabalho, envolve uma intrínseca rede de significados cujas apropriações socioespaciais, ocorridas na Rua durante um determinado período (entre a década de 70 até os dias atuais), servem de eixo condutor na busca de sua identidade.

Assim, na presente pesquisa nos empenhamos em compreender como as mudanças socioespaciais processadas na Rua Grande, situada no Centro Histórico de São Luís, no período compreendido entre a década de 70 até os dias de hoje, contribuíram para uma alteração no seu significado, ou seja, de que maneira essa alteração está relacionada com o processo de transformação que a Rua vem apresentando, com maior intensidade nas últimas décadas. Mais precisamente, **buscamos apreender o significado que a Rua apresenta para seus moradores, comerciantes, ex-moradores e ex-comerciantes, principais atores no processo de construção de sua identidade. Esses segmentos irão revelar, através do estudo de suas Representações Sociais, de que maneira essa identidade vem sendo construída.**

Como já evidenciamos, fomos buscar, nas Representações Sociais desenvolvidas por Serge Moscovici, o aporte teórico para essa investigação, que ofereceu o instrumental analítico e metodológico às inquietantes indagações que foram surgindo no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, centramos nosso foco nos significados que a Rua Grande determina para os grupos referenciados: moradores e comerciantes antigos, que ainda permanecem na

Rua, fazendo também uma incursão na realidade de dois outros grupos (que se mostraram pertinentes no decorrer da pesquisa): o dos ex- moradores e o dos ex-comerciantes da Rua.

Ao elegermos a Rua Grande como referencial, uma incômoda inquietação já se fazia presente há algum tempo, quando presenciamos uma avassaladora transformação socioespacial em um espaço carregado de simbologia como é o caso da Rua Grande em relação à cidade de São Luís. Inquietação que se intensificou ao percebermos que esse processo se tornara contínuo, desfigurando cada vez mais um lugar que representa a própria história da cidade.

Alguns estudos já se voltam para a Rua Grande, enfocando principalmente as descaracterizações que ali vêm se processando, imprimindo-lhe outras feições, transformando-a, dia após dia, em um cenário digno dos interesses capitalistas. O que outrora fora um lugar de encontros, vai pouco a pouco se transformando num espaço de desencontros.

As inquietações se intensificam, quando a Rua Grande passa, a partir dos anos 70, a viver uma dúbia realidade: a sua inserção no modernismo, através da *avalanche comercial* que ali se instala, refletindo todas as *contradições* que esse processo desencadeia, e a crescente busca em resgatar a sua condição de celeiro sociocultural da cidade.

Assim, uma significativa parcela da sociedade demonstra sua inquietação diante desse processo de intensas transformações pelas quais a Rua vem passando, tendo, hoje, o comércio como praticamente o único eixo de sua subsistência.

Outras questões também se mostraram relevantes na particularização desse tema, como por exemplo, a que diz respeito à preservação dos Centros Históricos. Nos últimos anos, muito se tem falado na volta aos Centros Antigos das cidades, estudando-se inúmeras formas para que isso se viabilize de modo que eles contribuam para o processo de desenvolvimento local. São Luís tem um Centro Histórico privilegiado e, até certo ponto, bem conservado, o que lhe valeu recentemente a inclusão como Patrimônio Histórico da Humanidade, título que lhe foi atribuído pela UNESCO. Por conta disso, os *olhares* se voltaram para esses *centros* na tentativa de resgatar sua história e inseri-la no processo de desenvolvimento da cidade.

Essa nova ótica vem sendo compartilhada nos diversos cantos do mundo, demonstrando inclusive, uma crescente preocupação por parte dos órgãos públicos em implantar dinâmicas políticas econômicas e sociais, visando à melhoria dessas áreas.

O momento é, pois, de grande expectativa quanto ao futuro desses espaços/lugares, que, mesmo vendo crescer em diversos segmentos sociais a consciência em resgatar a história local através da preservação do patrimônio, não sente ainda o seu comprometimento com uma integração urbana que de fato incorpore os valores e as especificidades do local como condição básica para essas intervenções.

Desse modo, presenciamos uma proteção patrimonial voltada quase que exclusivamente aos espaços físicos, negligenciando o contexto social, onde a riqueza das atividades humanas se desenvolvem e interagem. Nessas condições, não temos preservadas as características culturais das comunidades, ficando estas, em geral, totalmente esquecidas, apagando por conseguinte a principal figura desse processo: o sujeito que ali estabeleceu laços de afetividade. Logo ele, que carrega consigo o verdadeiro sentido dessa história, construída no dia-a-dia de sua realidade social.

Na verdade, quando o planejamento urbano privilegia apenas o espaço físico, sem salvaguardar seus usos, especificidades e valores, no que aí incluímos os sujeitos, acaba esquecendo a essência do lugar, tendo como resultado apenas um *fetich*e dessa realidade.

Com base nessas prerrogativas, a presente pesquisa está estruturada em seis capítulos, a saber: o Primeiro Capítulo compreende a Contextualização da Pesquisa, onde delimitamos a área sob investigação, situando-a geograficamente, mostrando um pouco de sua história enfatizando também a problemática que norteou nossos questionamentos. Para uma melhor compreensão da situação na qual se insere a Rua Grande, essa Contextualização foi dividida em três partes, constando respectivamente: uma síntese de sua trajetória sociocultural, ressaltando sua importância como espaço privilegiado, marcado por distintos momentos de apogeu e declínio, procurando evidenciar as diferentes feições que essas mudanças foram imprimindo nesse dinâmico processo de mutações, fazendo uma rápida abordagem na dicotomia *tradição x modernidade*, no qual a Rua vem oscilando nas últimas décadas, com as crescentes descaracterizações em seu acervo arquitetônico. Ainda nesse contexto, sentimos necessidade em fazer uma pequena incursão no estudo tipológico da Rua, chamando atenção para as diversas alterações que ocorreram em sua trajetória. Reforçando essa questão,

adentramos num breve histórico sobre sua legislação. Finalizando esse capítulo, tratamos um pouco da questão que sempre permeia a história da Rua: presente e passado duas realidades que parecem se confundir num eterno jogo de ambivalência. Toda essa abordagem nos deu margem para um melhor entendimento do campo representacional no qual são construídas as Representações Sociais.

O Capítulo seguinte se detém na Fundamentação Teórica, cujo estudo sobre as Representações Sociais deu embasamento para as reflexões analíticas responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa. Visando a uma melhor compreensão de nosso aporte teórico essas Bases Conceituais foram decompostas em seis etapas. Nessas etapas, penetramos no mundo das Representações, em que a teoria se assenhora de um fenômeno urbano, no caso a Rua, particularizando dimensões como espaço e lugar na construção de sua realidade social, para tanto, fazendo uma revisão na literatura sobre Representações através dos estudos patenteados por Durkheim e Moscovici, em que cada um demonstra suas concepções e singularidades a respeito desse tema. Dentro desse universo, fomos em busca da complexa rede que envolve a formação de uma Representação Social, ressaltando a importância de outros enfoques na condução desse processo, explorando para isso, o estudo de alguns autores que também trabalham com esse conceito. Como estamos imbuídos na busca do significado que uma Rua determina para grupos distintos através de suas Representações Sociais, não poderíamos deixar de falar dos componentes simbólicos que habitam essas Representações. Procuramos então, a contribuição de estudiosos como Durand, Chevalier e Gheerbrant, que desenvolveram trabalhos nesse sentido, enfatizando a importância do imaginário e do afetivo no estudo das Representações Sociais, em que o símbolo é descrito através de uma intensa carga valorativa. Esses estudos nos conduziram aos domínios da dimensão simbólica na construção da realidade. Dessa forma, compreender a estreita relação entre o ato de representar e o sentido simbólico, permitiu-nos pensar a realidade social de uma maneira mais abrangente. Porém, quando falamos em realidade social, torna-se necessário particularizar seus domínios, sendo assim, nos voltamos para a questão entre o público e o privado, onde diferentes sociedades mostram seus diferentes modos de ser, esclarecendo o permanente vínculo entre essas duas realidades. Esses estudos possibilitaram a construção de uma linha teórica que, ancorada nas Representações Sociais, conduziu-nos à apreensão de determinadas realidades no eterno jogo dos significados.

O Capítulo Três apresenta a metodologia utilizada para a apreensão da realidade. Sob esse aspecto, nossa investigação se baseou no método qualitativo, elegendo a história de vida

como condutora do processo, exatamente por permitir uma maior aproximação com as pessoas. Assim, optamos por interpretar os discursos proferidos pelos sujeitos, representantes dos grupos previamente determinados pela pesquisa – moradores e comerciantes antigos, ex-moradores e ex-comerciantes, que através de suas histórias de vida vão delineando a trajetória da Rua. Consideramos portanto que as falas e as ações desses agentes sociais são o resultado de suas Representações e como tal coerentes com os conceitos, noções e modos de ver que esses grupos vão elaborando a partir de suas experiências cotidianas. No sentido de complementar esse material, procuramos também o respaldo bibliográfico de fontes que fazem algum tipo de referência a assuntos relacionados com a Rua, para tanto, fomos à bibliotecas públicas e particulares, ao Arquivo Público, ao IPHAN e ao IPLAM.

No Quarto Capítulo fazemos uma análise interpretativa com os dados coletados. Nessa investigação, percorremos alguns temas que se mostraram pertinentes com nosso estudo de caso. Primeiramente, procuramos saber dos grupos escolhidos como se processam suas relações com o objeto em estudo, para assim, compreender os processos que envolvem ao mesmo tempo: espaço, lugar, indivíduo e intervenções. De posse desses dados, partimos para uma investigação mais apurada sobre o fenômeno da *identidade*, entendida aqui como metamorfose, ou seja, movimentos de realidades sempre em transformação, seguindo assim os caminhos delineados pelos estudos desenvolvidos por Ciampa. Ainda dentro dessas considerações, deparamo-nos com o outro lado dessa questão, ou seja, a não-metamorfose, que configura a permanência, a rejeição às mudanças. Assim, os vínculos identitários podem ou não ser metamorfoseados compondo um infinito jogo de possibilidades. A partir dessas considerações chegamos até as identidades que habitam o lugar, procurando agora desvendar seus desdobramentos em termos de significado. Todas essas questões vão nos aproximando de um entendimento, cada vez mais apurado sobre a trajetória socioespacial da Rua em estudo, permitindo-nos assim desvendar suas singularidades.

Nesses termos, penetramos na essência de um lugar que compõe um exemplar único na história da cidade, constituindo-se num eixo simbólico, onde se interligam diferentes realidades. Refletir, pois, sobre o cotidiano, o senso comum, é poder evocar a dimensão do conhecido, do visível, do *sob domínio*. Reconhecer a importância desse contexto nos caminhos que levam ao urbanismo é firmar um compromisso com as questões sociais, pois, ao se privilegiar um entendimento com o estudo das identidades e dos significados, estaremos respeitando as singularidades de cada lugar, valorizando suas especificidades, mantendo

assim sua relação com o contexto no qual está inserido. E isso é de fundamental importância para a eficácia de qualquer intervenção.

Para que essa análise não fuja aos propósitos da pesquisa conduzimos nossas observações sob a lente das Representações Sociais, cuja forma de ver e sentir o social confirma sua vocação para o ativo, o dinâmico, num constante processo de ações e interações, em que valores, idéias e símbolos se conectam criando ou re-criando uma determinada realidade. Assim, consolidamos nossa pesquisa num permanente diálogo com essas Representações, que nos forneceram um rico e diversificado material para pensar e repensar o complexo processo das intervenções.

Enfim, essas questões nos levaram a refletir sobre as relações existentes entre as práticas socioespaciais e os significados que emergem dos lugares. Dessas reflexões, esperamos não só subsidiar projetos de intervenções nessa área como também incentivar outros estudos que privilegiem esse tema. Esperamos com isso, de algum modo, contribuir para que os conteúdos sociais sejam plenamente esclarecidos de maneira que se evidencie a intrínseca relação entre significado/identidade, em que os sujeitos aparecem como os principais agentes na condução dessa história, e enfatizando, para isso, a conexão entre as transformações socioespaciais e o significado dos lugares, onde espaço e lugar adquirem características próprias, de acordo com a carga valorativa a eles atribuídos.

No entanto, não pretendemos esgotar o vasto assunto que leva à compreensão das identidades e dos significados atribuídos aos lugares, pelo contrário, somos conscientes de que muitos são os caminhos na abordagem desse tema, escolhemos um deles, o que pode, de certa forma, incitar outros *olhares*. E que venham esses *olhares* para enriquecer cada vez mais esse instigante estudo.

1 PASSADO E PRESENTE: REALIDADES QUE SE CRUZAM

A cidade não é feita de pedras apenas, porque por trás de cada pedra, ou de cada pincelada de tinta, existe a ação humana, existe um pensamento, uma vontade, um querer, um desejo. Nesse sentido, falar da cidade e da sua Arquitetura é falar do homem que a edifica que com ela interage sempre e necessariamente. (LEITÃO, 1998:77)

Neste capítulo, conheceremos um pouco do contexto histórico no qual se insere a Rua Grande. Sendo assim, procuramos mostrar um pouco de sua trajetória sociocultural resgatando parte do que foi seu período de apogeu e conseqüente declínio, passando de símbolo de uma determinada realidade social para um emaranhado de mutações visando sua inserção nos novos paradigmas da modernidade.

1.1 Trajetória de uma rua: revivendo seu apogeu



Figura 01 – Rua Grande na década de 40/50
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

A Rua Grande uma das mais antigas de São Luís, compõe um espaço privilegiado onde o fervilhar dos acontecimentos diários lhe confere vida. Vida pulsante, pois ainda hoje é considerada pela população como o “coração” da cidade.

Mas houve um tempo em que ela praticamente dominou o cenário sócio-cultural da cidade, um tempo em que era ela quem ditava os modismos, pois de lá saíam as novidades para o restante da Ilha (ver **Fig. 01**). Esse tempo encontra-se meio esquecido, perdido entre tantos desencontros de uma época cercada de incertezas como a nossa.

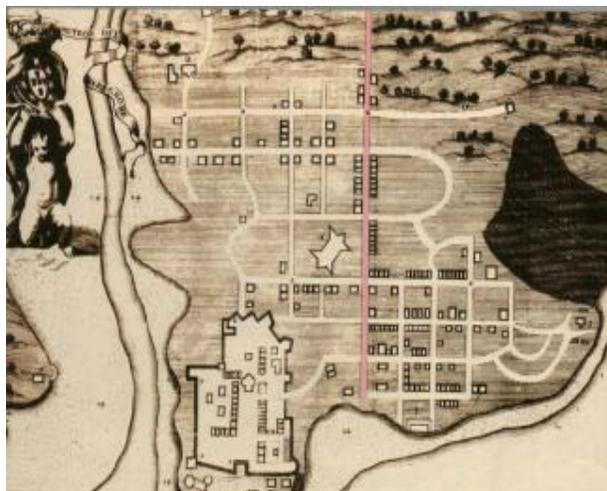


Figura 02 – Mapa de São Luís, 1640
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Situada na parte mais alta do núcleo que se constitui como Centro Antigo da cidade e estrategicamente localizada entre os rios Bacanga e Anil, no princípio (antes de 1640), a Rua Grande já se tornara principal elemento de crescimento urbano de São Luís. O eixo Centro-Anil (bairro periférico da cidade) ficou evidenciado desde aqueles tempos como um verdadeiro corredor geográfico que permitia o acesso ao interior da Ilha. Nessa época, o trecho era conhecido como Estrada Real, Rua Larga, e mais tarde, Caminho Grande (ver **Fig. 02**).

A história da Rua foi sempre marcada por momentos distintos: ora o apogeu, ora o declínio. E nesse contexto de mudanças, a Rua Grande foi adquirindo diferentes feições que lhe imprimiam diferentes significados, em que cada um deles, num processo dinâmico de mutações, conquistava uma determinada identidade.

Nessa Rua de intenso movimento, não faltavam belas residências, cinemas, clubes, lojas, igrejas, jornais, escolas, mercearias, farmácias, etc. Enfim, uma Rua praticamente auto-suficiente, em que usos e funções estavam perfeitamente integrados (baseado em fatos relatados por antigos moradores da Rua).

Embora, desde cedo, a Rua tenha adquirido uma acentuada conotação comercial, esse fato, a princípio, não parecia lhe influenciar negativamente, pelo contrário, seus sobrados continuavam belos e bem cuidados e sua efervescente vida cotidiana, com o ir e vir de pessoas, lhe conferia o status de principal artéria da cidade (ver **Fig. 03**)

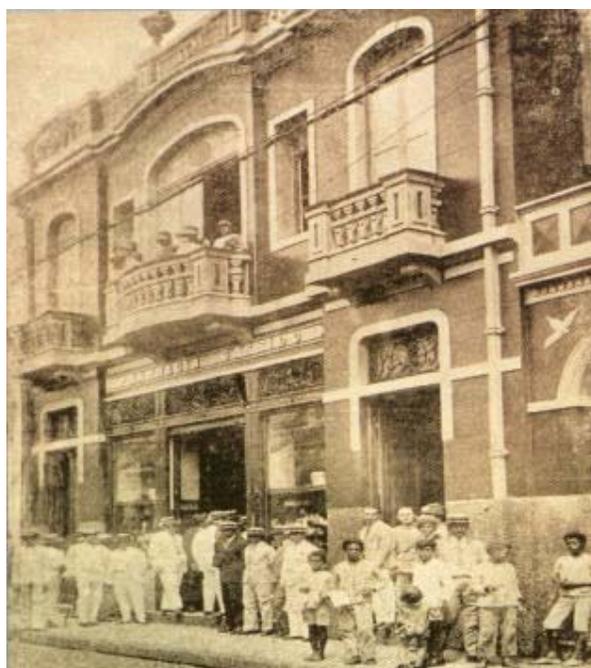


Figura 03– Farmácia Garrido (1950)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

É como nos diz Carlos Lima (apud SOUZA,1992:08), historiador e folclorista maranhense:

Os prédios, as ruas, as calçadas assim como o tempo, só existem porque são ocupados pela gente, tomados pelos episódios. O tempo é uma convenção, uma abstração, o sol nasce e se recolhe indiferente ao calendário. É preciso que os fatos assinalem a sua passagem para que ele adquira um significado, como as casas têm que ser habitadas para que se registre nelas a existência da vida.

Dessa forma, [...] a Rua Grande possui uma relação estreita com o desenvolvimento pessoal da população da cidade. As evidências são óbvias, mas transcendentemente ora é um cinema, ora uma loja comercial. Noutro momento, um antigo clube que puxa a lembrança de toda uma geração (SOUZA,1992:27).

No século XIX, falar da cidade de São Luís sem fazer uma referência à Rua Grande era praticamente impossível. Seria como falar em Nova York e não citar a 5ª Avenida. Nessa época, São Luís era um referencial não só pela sua cultura como também pelo seu crescente desenvolvimento econômico. Todo esse apogeu vai se refletir também na Rua Grande, onde prósperos moradores e comerciantes compõem sua paisagem. A Rua estava assim, quase que totalmente, nas mãos de uma burguesia que, embora convivendo no seu dia-a-dia com segmentos mais populares, deixava transparecer todo o seu refinamento no cuidado que dispensava aos imóveis ali localizados.

Ao que tudo indica, a Rua Grande era, também, por excelência, um lugar de encontro. Lá, jovens, nem tão jovens, idosos e crianças se misturavam num vaivém que só tinha fim quando o último notívago se recolhia.

Odylo Costa Filho (apud SOUZA,1992:8) nos reporta a esse fato quando diz:



Figura 04 – Exemplo de sobrado da Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

O sobrado nasce/renasce com o dia/ se as vidas humanas/ lhe dão alegria/ O sobrado morre/ nas ruínas sem dono/ se as vidas humanas/ lhe dão abandono/ O sobrado é belo/ mas sua beleza/ sem vidas humanas/ só lhe dá tristeza (ver Fig. 04).

Naquele momento, a Rua Grande vivia seu apogeu, com o comércio prosperando e seus moradores usufruindo de maneira dinâmica todos os seus recantos. Durante o dia, era o alvoroço do comércio que latejava, e, à noitinha, cedia lugar aos murmurinhos dos que ali iam unicamente para passear, ver vitrines, tomar um sorvete, ou participar de uma boa conversa em um de seus inúmeros bares e restaurantes, pois a Rua Grande possuía estabelecimentos de *fino gosto*, onde um público intelectualizado se fazia freqüente.

Paulo Souza (1992:17) nos dá uma interessante visão desse momento quando narra o interior de um desses bares:

[...] existia o famoso Ponto Chic pertencente ao espanhol Leôncio Cid Castro. Era um estabelecimento finíssimo, com amplo salão e todo espelhado internamente. As mesas eram de pé de ferro com tampos de mármore, cobertos com toalhas brancas. Lustres de cristal contribuía para a decoração desse famoso bar e restaurante. Buscando um estilo europeu, seu Leôncio caprichava em tudo. Eram cabides austríacos na entrada, cadeiras de palhinha, porcelanas inglesas e talheres de prata. Ali se reuniam as mais importantes famílias maranhenses, após o término das sessões de cinema do *Olimpia* ou do *Éden* (ver **Fig. 05**).

O estabelecimento possuía ainda um frigorífico, que veio da Alemanha. O inquieto espanhol fabricava também café e sorvete. O chocolate era importado assim como os queijos, vinhos e frutas. Todo o ambiente respirava uma atmosfera paradisíaca, onde se contemplava a elegância dos homens e a delicada beleza das mulheres.



Figura 05 - Cine Éden (1970)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Muitas foram as figuras ilustres que residiram nesse logradouro. Só para exemplificar, citaremos, entre outros, o grande intelectual maranhense Catulo da Paixão Cearense – cuja produção literária e musical alcançou enorme popularidade no seu tempo – nascido em um sobrado de azulejos, que desapareceu para dar lugar a um prédio de gosto questionável, em concreto armado (SOUZA,1992:16) e a lendária Ana Joaquina Jansen Pereira, que praticamente dominou a política local, reinando absoluta por boa parte do século XIX, chegando mesmo, segundo alguns, a mandar mais que o Bispo e o Presidente da Província, tal a sua influência. Também ela residiu na Rua Grande, em um imponente sobrado de dois andares cuja arquitetura colonial possui duas fachadas totalmente revestidas por azulejos portugueses azuis e brancos, onde inúmeras janelas com sacadas de ferro emolduram suas paredes. Atualmente, esse prédio abriga a Lojas Sabina, cujo interior foi totalmente descaracterizado (ver **Fig. 06**).



Figura 06 - Antiga residência de Ana Jansen (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

Outro ilustre morador foi Manoel Odorico Mendes – uma das inteligências mais férteis de sua época, pois além de poeta, foi também tradutor e jornalista, sendo inclusive membro da Academia Brasileira de Letras – que residiu em um pequeno sobradinho revestido de azulejos, que também desapareceu para dar lugar a um edifício. Gentil Homem de Almeida Braga, escritor maranhense de grande mérito, mais conhecido como Gentil Braga, foi outro influente morador da Rua. Do alto do mirante situado em seu palacete, cujas vinte e duas janelas descortinam duas fachadas (uma que se abre para a Rua Grande e a outra para a Rua do Passeio) – escreveu o livro “Entre o Céu e a Terra”. Muitas foram as intervenções feitas nesse prédio ao longo dos anos, deixando o sobrado com algumas alterações. Mas, ainda hoje, este imprime sua solene figura à Rua (ver **Fig. 07**).



Figura 07 – Mirante do Palacete Gentil Braga (2000)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

A burguesia da época exercia grande influência na ambiência da Rua (séc. XIX meados do século XX) e, assim, permaneceu por um longo tempo até que chegam os anseios do mundo moderno.

Nas décadas de 70/80, os primeiros sinais dessa controvérsia já se fazem presentes: grande parte de seus moradores *resolveu* que o Centro não era mais o lugar adequado para se viver e começou então o êxodo para as novas áreas que prometiam o *conforto* que as antigas agora negavam.

Ganha força a modernidade. Novos pólos industriais surgem em São Luís, com a expansão de suas áreas habitacionais para a chamada *cidade nova*, além da ponte de São Francisco (construída na década de 70). Esse deslocamento provocou, de imediato, um certo impacto na Rua Grande, com uma nova significação sendo anunciada ao seu conjunto urbano. A Rua Grande vai assim deixando de ser um espaço de moradias.

É a avalanche comercial com a disputa entre o setor imobiliário e os moradores que ainda insistem em permanecer no local. Nesse momento, provavelmente, a angústia maior desses moradores seja a incógnita quanto aos rumos que a Rua vai seguir.

Nessas circunstâncias e, talvez, na corrida para se adequar à modernidade, a Rua vai se desligando do seu passado, adquirindo novas feições. Atualmente, sem ostentar o apogeu que teve, a Rua Grande submerge num mar de descaracterizações em seu acervo arquitetônico (ver **Fig. 08-09**) tornando-se predominantemente comercial (96% dos imóveis são hoje do tipo comercial), atendendo a um público bastante diverso e sem dúvida bem diferente daquele a que outrora servia: seus usuários hoje pertencem mais às camadas populares.



Figura 08 - Recentes descaracterizações ocorridas na Rua Grande (2000)

Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

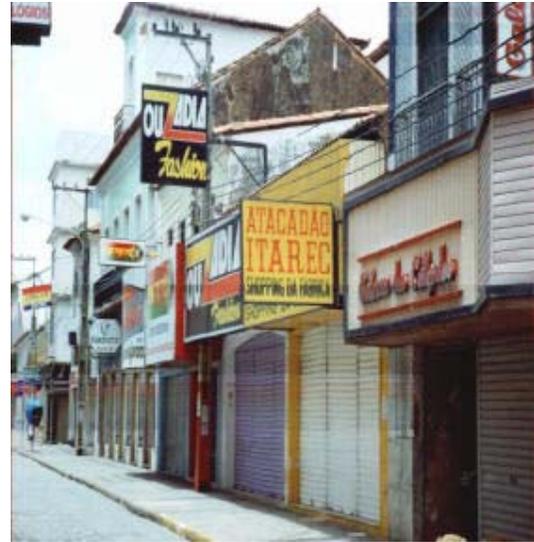


Figura 09 – Recentes descaracterizações ocorridas na Rua Grande (2000)

Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

Essa transformação de público talvez tenha como ponto de partida a transferência que as camadas sociais mais elevadas fizeram, elegendo os *modernos shopping centers* como lugar de compra e passeio, praticamente abandonando a antiga Rua, que já foi o retrato dessa mesma burguesia.

A trajetória da Rua Grande demonstra a existência de duas realidades distintas, como já vimos anteriormente, que convivem em suas singularidades: *de um lado a tradição, traduzida pela presença material de edificações, praticamente estáveis, que passaram pelo teste histórico da longa duração e, portanto, são as partes significantes* (LACERDA, ZANCHET, DINIZ, 1999:6) e de outro, a constante busca do novo, na qual os apelos do mundo contemporâneo aparecem como única via de sobrevivência.

São ainda Lacerda, Zancheti e Diniz (1999:6) que nos esclarecem essa realidade quando dizem que:

Permanência e mudança são, de fato, as forças básicas de qualquer sociedade e não podem ser interpretadas de modo compartimentado. Constituem uma unidade que, somente pode ser diferenciada em nível analítico e não real. O tempo é uma realidade insuperável e tem, somente, o sentido do passado ao futuro. Uma estrutura urbana do presente está condicionada por aquilo que foi no passado e indeterminada (abertas) naquilo que será no futuro. No presente, ela é fruto da herança histórica mais os atributos do ambiente onde está inserida. No futuro, ela será o produto da interação entre a herança histórica e as condições futuras do ambiente, da economia, da sociedade e da técnica.

Mais, quem sabe, as solicitações da vida contemporânea imprimindo uma nova postura de produção, apropriação e vivência do espaço, modificando seus usos e funções tentando, muitas vezes, de maneira abrupta, adequá-la aos anseios do momento, não foram a principal causa de tais transformações?

Com a intenção de clarificar o contexto no qual se insere nosso objeto de estudo, aprofundaremos um pouco mais sua trajetória no item que se segue.

1.2 Um Pequeno ensaio de sua tipologia e um breve histórico de sua legislação.

A Rua Grande já passou, ao longo de sua existência, por diversas alterações em sua tipologia. Nos seus primórdios já abrigou casas de taipa de pilão, com prédios baixos que em quase nada lembram as amplas construções de dois andares que a tornou uma referência para a cidade de São Luís. Pois, com o crescimento econômico da cidade no século XVIII, a Rua Grande transformou-se em um espaço extremamente valorizado em termos de seu espaço físico. Assim, ao que tudo indica, morar na Rua Grande era sinal de uma bem sucedida vida de negócios. Poucas eram as residências simples que ainda restavam. O que se via era o apogeu dos sobrados e solares de uma requintada burguesia, que ostentava seus atributos em uma arquitetura mais elaborada.

De um modo geral, nas construções feitas em São Luís, os materiais empregados eram, nas residências mais simples, o pau a pique, a taipa de pilão ou o adobe e, nas mais abastadas, a pedra e o barro. O tijolo assim como a pedra e cal, não eram muito utilizados.

As edificações mais encontradas na Rua Grande, eram o sobrado e a casa térrea, sendo que a diferença mais marcante nesse tipo de construção era o tipo de piso que cada uma apresentava: na casa térrea usava-se apenas o chão *batido* enquanto que, no sobrado, o esmero já aparecia com a colocação do assoalho. Ficavam assim evidentes as contrastantes camadas sociais que hora emergiam na Rua.

Nesse período, era comum portanto que os pavimentos térreos dos sobrados fossem de uso exclusivo dos escravos e animais ou quando muito servia para lojas. O que nunca ocorria era o seu uso pela família proprietária da residência.

Com o passar do tempo, alguns elementos decorativos foram se acrescentando à arquitetura das casas, como é o caso das colunas, frontões e escadarias, que conferiam a essas residências um ar mais aristocrata.

Tornam-se comuns também casas de porão alto, representando uma transição entre o sobrado e a casa térrea. Percebemos o surgimento de uma clara distância social em relação à Rua, pois a residência, apesar de mais próxima à Rua, não se deixa penetrar por ela mantendo sempre uma significativa distância em que seu espaço é delimitado e devidamente resguardado. Esse assunto recebe um tratamento especial no Capítulo 3 (item 3.6): Espaço Público x Espaço Privado: Uma Dialética dos Lugares.

Com o aperfeiçoamento das técnicas construtivas, o tijolo entra definitivamente nas casas, facilitando assim o trabalho criativo dos profissionais que viam nesse espaço um terreno fértil para exercitarem sua imaginação.

Assim, no século XIX, profundas transformações ocorrem nos estilos arquitetônicos da Rua Grande. Já encontramos agora os estilos Neo-Colonial e Art Decó, que já prenunciam o movimento modernista.

Quando falamos em estilo arquitetônico, lembramos que, em geral, o que se vê no Centro Histórico de São Luís são edifícios pertencentes ao estilo denominado de Tradicional Português, sendo que as tipologias desse estilo, por serem variadas, estão divididas segundo os itens que se seguem:

- a) os mais elaborados e requintados são os sobrados residenciais, que pertenciam à alta burguesia do século XVIII. Estes se impunham pela suntuosidade e esmero em seu detalhamento, principalmente no tocante às fachadas, quase sempre recobertas de azulejos portugueses. Cristina Bandeira, em seu trabalho sobre a Reabilitação do Patrimônio Histórico, descreve “*apresentando portadas em pedra de cantaria (algumas de feições neoclássicas, com frontões triangulares), balcões sinuosos, sacadas pedra de lioz com guarda-corpos em gradis de ferro forjado ou fundido em desenhos apurados*”. (BANDEIRA, 2000:28).

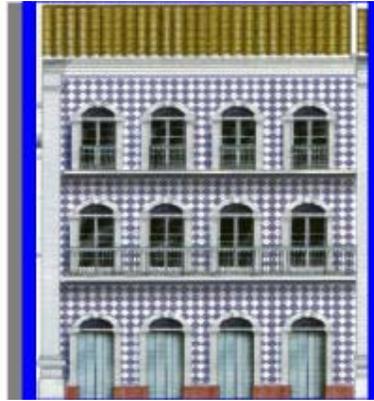


Figura 10 – Exemplo de Sobrado
Fonte: Centro Histórico de São Luís-MA

Esses sobrados podiam ter até quatro pavimentos sendo que o térreo era sempre destinado aos serviçais. A família habitava somente os andares superiores. O uso do Mirante, pavimento que aproveita o desvão gerado pela inclinação do telhado, é também freqüente nesse tipo de morada.

Uma outra característica peculiar na maioria dos sobrados ludovicences era o uso misto: no térreo funcionava o comércio e dependências de serviço e, nos demais pavimentos, o uso era estritamente residencial;

- b) habitações mais simples e populares, denominadas de Porta-e-Janela, constituídas por fachada de apenas dois vãos, sendo uma porta e uma janela;



Figura 11 – Exemplo de Porta-e-Janela
Fonte: Centro Histórico de São Luís-MA

- c) a Morada Inteira, residência familiar constituída por uma porta central e duas janelas de cada lado, resultando portanto em cinco vãos;



Figura 12 – Exemplo de Morada Inteira
Fonte: Centro Histórico de São Luís-MA

- d) a Meia-Morada e Comércio, composta por uma porta e duas janelas. É uma casa de uso misto, abrigando ao mesmo tempo moradia e comércio familiar;

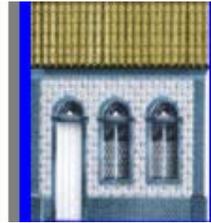


Figura 13 – Exemplo de Meia-Morada e Comércio
Fonte: Centro Histórico de São Luís-

- e) a Morada e Meia, que se constitui pela fachada com seis janelas e uma porta;

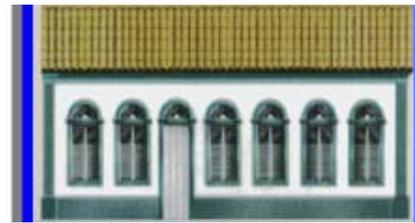


Figura 14 – Exemplo de Morada e Meia
Fonte: Centro Histórico de São Luís-MA

- f) $\frac{3}{4}$ de Morada, moradia composta por quatro vão, sendo uma porta e três janelas.



Figura 15 – Exemplo de $\frac{3}{4}$ de Morada
Fonte: Centro Histórico de São Luís-MA

Mas, além do estilo tradicional Português do Art Decô e do Neo-Colonial, outros também se fizeram presentes ao longo da Rua Grande como o Eclético, a Arquitetura Moderna e o Popular, intensificando assim sua riqueza arquitetônica. Esses estilos representam não só o reflexo de um momento artístico europeu, correspondente a cada época, como também o gosto particular de cada proprietário dos imóveis ali estabelecidos, pois cada um desses estilos, com suas peculiaridades e diversidades, emprestavam à Rua um singular aspecto de unidade e integração.

Chega então o século XX e com ele um ritmo acelerado de mudanças se inicia. Em nome do progresso, vai-se destruindo um acervo de séculos de história, sem se questionar aos moradores se essas mudanças lhes convêm ou não. As mudanças aqui referenciadas se caracterizam principalmente pela ânsia em tornar a Rua Grande um espaço eminentemente comercial, não que a Rua já não se prestasse a isso, pois vimos anteriormente que esta já apresentava casas comerciais desde os seus primórdios. Mas... pontos comerciais distribuídos ao longo da Rua, de maneira equilibrada e coerente com o entorno é uma coisa, *amontoar* a rua de lojas exclusivamente comerciais, sem a menor preocupação com o que está em volta já

é outra coisa. Porém, parece que foi isso o que aconteceu. A Rua Grande volta-se, quase que exclusivamente, para o comércio, como se este fosse sua única fonte de poder. Começa então a demolição de fachadas em prol desse novo poder econômico, transformando a própria Rua em uma enorme mercadoria. Mercadoria esta que não tinha nem mesmo o cuidado em dar continuidade à estética que a Rua apresentava, mercadoria apenas, sendo colocada em vitrines descuidadas, apostando apenas no poder de compra e venda, nada mais. E assim a Rua vai mergulhando num emaranhado de descaracterizações até se ver asfixiada pelas constantes e indevidas intervenções, permanecendo até os dias de hoje como exemplo de uma generalizada falta de sensibilidade em conservar o patrimônio público.

Talvez esses danos e tantos outros presentes, infelizmente, em quase todos os cantos do mundo, atestem o descaso com que a chegada do tão almejado *progresso* possa levar à destruição a essência maior de um lugar ou seja, a sua identidade.

É certo que em alguns momentos até houve uma certa preocupação por parte dos setores ligados aos órgãos de proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas as suas recomendações quase nunca eram levadas em conta mesmo porque não eram severamente cobradas e, sendo assim, ninguém se sentia no dever de prestar satisfação do que fazia ou deixava de fazer.

Mas, a despeito de tudo isso, já existiam leis, como a de nº 25, datada de 30 de novembro de 1937, em que o Governo Federal organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No entanto, apesar de sua existência, esta não era implementada no Centro Histórico de São Luís, pois os novos anseios determinavam, cada vez mais, um alargamento das vias públicas e, para satisfazer às necessidades dos veículos, demoliam-se igrejas e sobrados de inestimável valor artístico.

O Governo do Estado do Maranhão também manifestou a sua apreensão quanto às agressões sofridas pelo Patrimônio e, em 1966, enviou a UNESCO um pedido de auxílio. Com isso, chega a São Luís o Arquiteto Michel Parent, que elabora um conjunto de orientações para a preservação do Centro Histórico da Capital, onde se situa a Rua Grande.

Mas, o que parecia ser uma solução para o descaso transformou-se em mais um problema, com a não aplicação dessas orientações.

No ano de 1973, é então enviado pela UNESCO um novo consultor. Dessa vez é o arquiteto Viana de Lima que detém a incumbência de elaborar um minucioso e detalhado conjunto de diretrizes para a preservação de São Luís e Alcântara. Mas, nem assim, a situação toma sentido, e, mais uma vez, o documento não é utilizado.

Entra em cena novamente o Governo Federal que, através do IPHAN/MinC, determinava o tombamento federal de vários conjuntos urbanos e monumentos históricos de São Luís, englobando dezesseis processos de tombamento nos períodos de 1940-1963 e de 1974-1987.

Todo esse processo obtém significativas respostas em março de 1979, com o I Encontro Nacional da Praia Grande. Esse evento visava sobretudo à preservação do bairro e contava com importantes parcerias: a do Governo do Estado e do IPHAN/MinC. O resultado desse encontro, até hoje, rende dividendo, pois, com a determinação de criar uma comissão de coordenação para desenvolver e implementar o Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís, chamado também de Projeto Praia Grande/Reviver, deram-se condições para monitorar, de maneira consciente e responsável, todo o processo de revitalização dessa área. Desde então, o Governo Estadual vem realizando diversas etapas do referido programa.

No decorrer da história da cidade, algumas outras tentativas foram feitas em favor da preservação do seu patrimônio. Em 20 de dezembro de 1978, foi publicada no Diário Oficial do Estado, a Lei nº 3999, de 05 de dezembro de 1978, que dispõe sobre o Patrimônio Histórico e Artístico do Maranhão.

Seguindo esse exemplo, o então governador Luís Rocha criou a Zona Tombada Estadual, que protege uma área de 160 ha (com 2.500 imóveis) com o Decreto nº 10089, de 06/03/1986.

A área de proteção estadual ficou, portanto, no entorno e lindeira à zona tombada no esquema federal.

Com a criação do Plano Diretor Municipal de São Luís (Lei nº 3252, de 29/12/1992), essas duas zonas, tanto a estadual quanto a federal, foram incorporadas como Zona de Preservação Histórica, facilitando assim a operacionalização das medidas de proteção. Hoje,

temos três níveis de governo atuando em uma área urbana de 250 ha com 3.500 imóveis, que diz respeito ao Centro Histórico de São Luís.

É notório através de pesquisas feitas a partir de fotografias e desenhos da época, que a arquitetura da cidade de São Luís, nos séculos XVIII e XIX, juntamente com alguns exemplares do princípio do século XX e ainda de outras inserções vindas do século XVII, constitui-se em um expressivo acervo que o passado nos legou.

Essa colocação se encaixa com as palavras de Olavo Pereira (mimeo,s/d) quando faz uma referência à arquitetura maranhense:

[...] reconhecer em cada sítio, em cada porta-e-janela, em cada esquina, ou mesmo numa ruína em lugar ermo, o interesse público dos valores considerados excepcionais e das singelas manifestações de cunho popular que se somam à compreensão do todo construído. Torná-lo acessível às novas gerações é o dever que, por sua função social, temos para com a coletividade.

Essa situação parece ser um reflexo da empreitada que a maioria das cidades brasileiras desencadeou em busca de se adequarem aos novos padrões arquitetônicos importados de centros mais desenvolvidos, na pretensão, sem dúvida, de se inserirem na condição moderna vigente. Com isso, esses centros sofreram (e ainda vêm sofrendo) danos irreparáveis, não só pelo abandono como também pela depredação e pelo desfalque de seus componentes, muitas vezes substituídos por outros que em nada lembram os originais. Assim, a chamada renovação urbana da Rua Grande acontece em meio a uma situação de conflitos em que as partes envolvidas não visualizam um mesmo horizonte, dificultando portanto uma solução democrática.

Por partes envolvidas entendemos todos os usuários da Rua e mais os órgãos que se destinam à sua preservação. Entre os usuários particularizamos seus moradores e comerciantes que julgamos serem os principais condutores de sua história, pois a eles foi entregue grande parte do processo de construção identitária da Rua Grande, ou seja, receberam, por assim dizer, o legado de traduzir o verdadeiro significado que a Rua apresenta para a população da cidade. Portanto nada mais sensato, em se tratando de buscar referências a respeito de um determinado lugar, do que entendermos o que exatamente pensam as pessoas que fazem da sua história a história do próprio lugar.

1.3 Rua Grande: no descompasso entre o presente e o passado

No caso da Rua Grande, a questão principal que se coloca incide no processo de mudanças que esta vem absorvendo ao longo de sua trajetória, quando passa definitivamente de um centro altamente burguês para um centro extremamente popular, o que lhe confere provavelmente um outro significado e conseqüentemente uma outra identidade, ou seja, de um espaço que se beneficiou pela presença, durante um certo tempo, de um segmento social mais intelectualizado, traduzido pelo zelo à Rua, vê-se hoje, convivendo quase que exclusivamente com um público pertencente a uma outra realidade social, que talvez não tenha o conhecimento necessário para salvaguardar esse patrimônio.

O que aconteceu então àquele lugar elegante e acolhedor que reunia um público culto e refinado? E onde está a aura que tanta singularidade conferia àquele espaço?

Não será que os valores simbólicos inerentes à Rua vão se transformando à medida que ela vai absorvendo os novos padrões do mercado econômico, em que a preocupação com o patrimônio histórico é praticamente inexistente, o que leva a uma atuação em total descompasso com o acervo da Rua? Esse processo se intensifica na forma impiedosa com que a iniciativa privada vem tratando esse pedaço de nossa história.

A cidade sente hoje a angústia de [...] ver o desenvolvimento econômico e o crescimento urbanístico atropelarem o patrimônio histórico e cultural, como se o passado fosse algo desprezível, ou, no máximo, lembranças contidas num cartão postal (SOUZA,1992:9).

O que evidenciamos é uma Rua antes fincada em valores como tradição e cultura, adquirindo outras feições acompanhando as mudanças que vão ocorrendo em sua clientela. Será então que essa nova clientela não estaria causando uma profunda mudança na identidade da Rua?

Inquieta ver que um local tão carregado de significações provavelmente esteja caminhando para um total esquecimento na memória da cidade. Inquieta, também, ver os novos rumos que a Rua vem tomando ao tentar se adequar aos paradigmas da modernidade deixando de lado valores como a tradição.

Onde então inserir essa tradição no contexto atual da Rua? É possível resgatar os significados que ela detinha para a população da cidade? Quais os fatores que estão determinando a mudança em seu significado? E em que medida essas transformações estão afetando o dia-a-dia da Rua?

Supomos que o grande conflito que permeia a Rua situa-se entre a questão das profundas mudanças que vêm se processando ao longo de sua trajetória e as conseqüências que as transformações socioespaciais estão provocando em sua antiga identidade, que pouco a pouco se dilui no esquecimento.

Em decorrência de tudo que foi abordado até aqui, podemos constatar que a problemática que envolve a Rua Grande incide nas seguintes questões:

Como as mudanças que vêm se processando ao longo de sua trajetória interferem na mutação de seus significados, provocando com isso, uma profunda alteração em sua identidade? Como moradores e comerciantes da Rua percebem essas mudanças? Qual o significado que esses novos fatos adquirem na visão dessas pessoas e o que elas sentem diante desses acontecimentos? Como elas *pensam* agora a Rua? Qual a identidade que a Rua vai adquirindo nessa trajetória? Enfim, houve realmente uma mudança no significado da Rua?

Nosso recorte temporal se inicia a partir dos anos 70, quando começaram a ocorrer profundas alterações socioespaciais na Rua, até a perspectiva atual que acena com descaracterizações que beiram o inaceitável (ver **Fig. 16 - 17**).

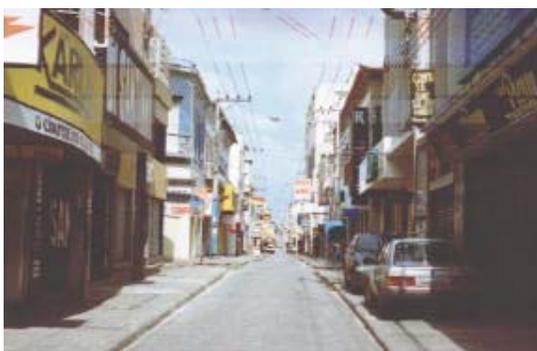


Figura 16 – Vista parcial da Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico



Figura 17 – Vista de um trecho da Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

Essas mudanças ocorreram em decorrência de sua reapropriação por novos usuários. Nesse período surge um novo processo de apropriação por parte desses usuários, que passam a imprimir uma nova maneira de ocupação desse espaço (ver **Fig. 18**), onde os novos usos vão

cada vez mais se distanciando das antigas formas ditadas por um determinado grupo social, que até então ainda detinha uma certa autonomia no desenrolar desse processo.

Talvez a grande questão apreendida seja exatamente a relação que os usuários desenvolvem com esse espaço, determinando seus rumos. Daí, a importância em identificar quem são realmente esses atores e como se deu essa interferência ao longo da história da Rua.

Consideramos que toda e qualquer intervenção ao espaço urbano deva ser no sentido de conferir valor às suas especificidades, mantendo-se assim sua importância no contexto histórico da cidade, em que a revalorização do aspecto cultural e ambiental sejam um desdobramento dessas intenções.

Assim sendo, acrescentamos ainda os seguintes questionamentos: Qual a relação que hoje se estabelece entre a Rua e seus usuários?¹ Como o diálogo entre Rua e usuário foi se firmando durante os momentos de apogeu e os de declínio que a Rua presenciou? O que confere à Rua uma identidade extremamente particular? Até que ponto as intervenções feitas em seu espaço desencadeiam mudanças no modo de ser e viver das pessoas que de uma maneira ou outra se relacionam com a Rua? Qual a relação entre os significados e as práticas socioculturais apresentadas pela Rua ao longo do período proposto para estudo?²



Figura 18 – Imóveis totalmente descaracterizados na Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

¹ Como usuários determinamos os moradores e comerciantes antigos da Rua Grande

² Faz-se aí um recorte temporal que privilegia a década de 70 até os dias de hoje.

2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA TEORIA EM BUSCA DE NOVAS FORMAS DE VER E SENTIR OS LUGARES

Pela própria concepção de mundo pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente ao de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir.

Gramsci

A Teoria das Representações Sociais, apesar de ser um tema ainda em construção, oferece uma dinâmica abrangente de elementos e categorias que permitem pensar o lado social da cidade sem dissociá-la dos principais atores desse processo, que são os indivíduos. Ou seja, as Representações Sociais são formas de conhecimento que penetram no coletivo, através dos segmentos sociais, atribuindo valores aos objetos e fazendo uma interação entre eles.

Com o estudo das Representações Sociais podemos compreender melhor o cotidiano das pessoas, seu modo de viver, seus conceitos e aspirações. Nesse caminhar o que mais interessa é a maneira como as pessoas compreendem e representam coisas e realidades. Isso significa que símbolos e significados são entendidos como construções sociais e conseqüentemente o significado do lugar deriva mais das experiências e representações que as pessoas têm dos mesmos do que das características objetivas inerentes ao objeto (MONTEIRO,1996:910).

Essa reflexão se torna extremamente oportuna pois dá ênfase a uma das maiores características das Representações Sociais: a capacidade de construir o significado de um lugar através da maneira como as pessoas experienciam esse lugar, não se detendo somente nas características próprias do objeto em si.

Dessa forma, os lugares, por serem um amplo campo no desenvolvimento das ações humanas, tornam-se elementos referenciais na condução da presente pesquisa. Entender, portanto, sua malha de ação facilitará na compreensão de suas representações.

Assim, a Teoria das Representações Sociais, que tem como base os conceitos desenvolvidos por Serge Moscovici, nos permitiu apreender a relação existente entre espaço/lugar e o significado que estes determinam às pessoas que os utilizam, fornecendo os

parâmetros necessários para nosso embasamento teórico, em que o meio, o outro, os fatos, os valores, as idéias, as imagens e os símbolos são categorias que permeiam nosso universo de estudo.

Com base nesses procedimentos, faremos a seguir um recorte enfatizando as particularidades que conferem uma determinada importância a cada espaço, em que a vivência das pessoas atribui-lhe o status de lugar. Lugar este, reduto de distintas práticas sociais, construídas a partir do seu dia-a-dia. Lugar impregnado pelos conteúdos sociais, assimilando sua inserção no mundo dos significados em sua dimensão pública.

2.1 Da Dimensão do espaço à construção do lugar

Uma sociedade, não se explica apenas pelos seus fundamentos econômicos mas também pelas representações que faz de si mesma (DUBY, apud ARRUDA, 1997:28).

Nesse momento, faz-se necessário uma noção mais aprofundada sobre espaço e lugar, pois é nessa ambiência que se desenvolvem as lógicas culturais de uma comunidade específica, produzindo assim seus significados.

Quando procuramos interpretar as práticas de apropriação social do espaço urbano, deparamo-nos com inúmeras e diferenciadas abordagens que envolvem o Planejamento Urbano. Das diversas situações em que essas abordagens se encontram, referenciamos aquelas que valorizam o *lugar*, privilegiando as diferentes formas de habitar, em que o significado de cada *espaço* se particulariza na interação com as pessoas que ali vivem. Essa sintonia é percebida na forma como se dá a apropriação socioespacial desses *lugares*, adquirindo diferentes contornos de acordo com a realidade de cada grupo social, materializando assim o verdadeiro significado do convívio social em que as práticas coletivas legitimam os valores socioculturais inerentes a cada *lugar*.

Não obstante, para falar de *lugar*, muitas podem ser suas definições e interpretações. Se olharmos pelo lado de seus componentes físicos, deparamo-nos com seu tecido urbano e sua tipologia, se, por outro lado, enfocarmos seus conteúdos culturais, estaremos processando as diferentes formas de apropriação social do espaço.

A palavra *lugar* nos remete, a princípio, às suas características geográficas onde espaço e lugar adquirem diferentes conotações. Segundo os estudos de Tuan (1993), as diferenças entre os dois segmentos se acentuam quando pensamos o *espaço* como algo mais abrangente e generalizado, que incita deslocamentos pela sua imensidade nômade; já o *lugar* aparece exatamente quando se definem as particularidades desse espaço, que pouco a pouco vão se deixando perceber, trazendo-o para a dimensão do local, do reconhecível, à medida que o dotamos de valor e conseqüentemente de significado. Seguindo ainda Tuan, o tempo é um grande aliado do lugar, pois este vai se constituindo através da vivência das pessoas, de seu cotidiano, onde se formam as identidades e afloram os significados.

Entendemos, portanto, que é no *lugar* que existe vida, onde realizamos o dia-a-dia, onde realmente as coisas ganham expressão. O lugar seria, por assim dizer, uma parte da grande dimensão que traduzimos como *espaço*, colocando-se como uma significativa parcela deste. É no lugar que se abrem amplas perspectivas para se pensar o habitar, o uso e o consumo, guardando em si uma dimensão prático-sensível em que as singularidades vão aos poucos se revelando.

Para Ana Fani Alessandri Carlos (1996:20), [...] *o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida*. É no lugar que nos aproximamos dos sentidos, dos passos de seus moradores. Pode ser o bairro, a praça, a rua ou até mesmo uma pequena vila. Basta que sejam vividos, conhecidos e reconhecidos como parte da comunidade.

Sob esse aspecto, os lugares tornam-se pontos de encontro onde a tríade cidadão/identidade/lugar vai adquirindo valores conforme a apropriação feita pelo indivíduo, em que o significado é dado pelo uso, pois são as relações que criam o sentido dos lugares.

Num mundo em constante processo de transformação são muitos os percursos realizados para conceituar o *lugar*. A Antropologia coloca-o diretamente relacionado com o processo identitário, sem no entanto, abdicar de suas bases históricas. Isso se explica pela existência de elementos, muitas vezes tão distintos entre si, convivendo pacificamente, lado a lado. É nessa interação de realidades, que se configuram as relações cotidianas, fornecendo as bases para o estreitamento dos laços identitários. São nessas relações de vizinhança, do ir e vir, do caminhar, do encontro entre conhecidos, das brincadeiras, do percurso já tão reconhecido por uma prática vivenciada, enfim, nesses atos aparentemente corriqueiros que se

forma uma imensa gama de significados, ganhando atributos pelo uso e apropriação a eles dispensados.

Assim, estudar o Meio Ambiente Urbano tem sido uma constante em diversos campos de estudo, mobilizando diferentes áreas profissionais na busca de suas potencialidades.

Como ficou evidenciado até aqui, são as pessoas que experienciam os lugares, onde cada uma delas, à sua maneira e conforme o seu jeito de sentir e perceber as coisas, vai construindo a chamada realidade social. Essa realidade está inserida em um processo dinâmico, reelaborado e modificado dia-a-dia, à medida que as interações com o outro vão acontecendo.

Diante disso, podemos afirmar que lugar e Representações Sociais estão intrinsecamente relacionados pois são nos lugares que os grupos constroem e desenvolvem seus pensamentos e ações. São exatamente nas ruas, nos bares, nos cafés, nos escritórios e assim por diante que as pessoas compreendem e representam coisas e realidades. O ato de pensar não acontece em um contexto abstrato e irreal, emerge sempre de um lugar específico onde fatos estão sempre interagindo.

Como bem coloca Mary Jane Spink (1999:30) [...] *quando se fala em espaços públicos abertos, em geral, vem à mente, a visualização de um local de encontro com o outro. É nesse momento que a rua figura como um espaço capaz de agregar infinitas possibilidades de experiências, nas quais cada indivíduo contribui na construção de seus valores com a certeza de não ser o único, já que a rua é um espaço determinantemente social.*

Assim, as pessoas são responsáveis pela significação que o lugar adquire. É como se cada idéia, pensamento e atitude fossem se disseminando até se materializar em um locus que vai ser o reflexo de toda essa diversidade.

Esse *locus* vai aqui se particularizar em uma rua: a Rua Grande, que, como todas as ruas de intenso movimento, oferece um espetáculo digno de reverência no cotidiano de seus personagens reais e fictícios que, incorporando seus aspectos simbólicos, vão definindo anseios e perpetuando valores.

Sendo assim, em todos os espaços públicos percebemos uma certa qualificação que, de acordo com a valoração que lhe é atribuída, adquire um maior ou menor significado, que vai se traduzir pelo satisfatório desempenho das funções à qual se propõe. Quando esses aspectos resultam em uma imagem positiva, todo o contexto se beneficiará e a permanência de sua identidade está garantida.

Queremos dizer com isso que o espaço público torna-se um elemento do valor ou do significado urbano da cidade, podendo até mesmo constituir-se em um símbolo que o particularizará entre tantos outros espaços semelhantes.

No caso das ruas, elas, em geral, marcam o imprevisto, o inusitado. São o lugar da improvisação, da espontaneidade, dos conflitos e entendimentos, ou seja, da ação propriamente dita em que o cotidiano emerge, com suas especificidades, testemunhando a dialética que a faz não só aparência, mas sobretudo essência. Não é por acaso que Ana Fani Carlos afirma: *a rua nos dá pistas, nos dá perspectivas da análise, nos dá elementos sobre o mundo real, sobre a vida, os cidadãos, sua história, suas perspectivas* (1996:99).

A rua percorre portanto inúmeras trilhas na construção de sua identidade sendo que, ainda nas palavras de Ana Carlos:

o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição, enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular (1996:94).

Podemos então situar as ruas como lugares que guardam em si universos distintos em que, reproduzindo-se em diferentes níveis, vão guardando uma certa totalidade, sem no entanto eliminar as particularidades características de cada espaço, com seus diferentes ritmos e modos na busca de uma constante apropriação. Esses ritmos e modos estão, no entanto, cada vez mais, adquirindo interferências de outros ritmos, absorvendo assim outras relações pessoais, que chegam com outros símbolos acrescentando-lhes por fim novos conteúdos. É a dinâmica do dia-a-dia, projetando idéias, utopias e experiências, permitindo o desenrolar de modos de vida, com hábitos e valores bastante distintos entre si. É nessa efervescência de atividades, nas quais o homem se identifica e se reconhece como parte desse todo, que podemos compreender a noção que a palavra lugar adquire na vida social desses indivíduos. É

quando o espaço se transforma em um lugar. Lugar em que se desenvolve a vida, em todas as suas dimensões.

A força motriz dos *lugares* reside única e simplesmente nos seus usos. São eles que vão lhes conferir sentido, posto que, se apresentam como um ponto de articulação entre o local e o mundial. Estes, porém, só podem ser compreendidos na dinâmica das relações que ali se desenvolvem abrindo amplas perspectivas para se pensar o viver e o habitar. E, mais uma vez, reportamo-nos a Ana Carlos: [...] *o que se revela no lugar não é apenas a história de um povo, mas o peso da história da humanidade* (1996:23).

No tocante à Rua Grande, ficou evidente que, sendo um espaço ao permitir sua leitura, torna-se cúmplice da sociedade ali estabelecida, transformando-se assim em um lugar de intensa identificação com a mesma. Nesse momento, é interessante lembrar ainda uma vez as palavras de Ana Fani Carlos quando ela afirma que [...] *o lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos* (1996:26).

Com efeito, cada sociedade possui uma gama de espaço, mas esses espaços só passam a existir como lugares quando se tornam um todo articulado, produzindo sentidos e gerando vida, nascendo assim a unidade da vida social. O lugar só aparece quando o ser humano o reconhece como parte de si, de sua história, quando é capaz de usufruir de seus usos e sentidos.

É, portanto, dessa apropriação do espaço que surge o lugar, sintonizando e redefinindo seu conteúdo num mundo em constante processo de transformação. São as relações que criam esse sentido para os lugares, pois delas partem as práticas sociais vividas, ou seja, os anseios e expectativas da população, abrindo amplas perspectivas para o pensar, o viver e o habitar. O lugar guarda em si uma dimensão ao mesmo tempo prática e sensível, concreta e simbólica, que vai se revelando no decorrer de seu cotidiano criando laços profundos de identidade, compondo [...] *um universo relativamente homogêneo em sua diversidade* (AUGI, 1994:34)

Temos, assim, o espaço como o lugar do agir comunicacional (HABERMAS apud ALMEIDA,1998:1031), ou da negociação da realidade na busca da construção de um mundo comum (ARENDT apud ALMEIDA, 1998:1031).

Essa situação pode ser melhor compreendida quando nos voltamos ao sentido simbólico das coisas, sentido esse, próprio da dimensão subjetiva do ser humano que, ao atribuir valores a esses espaços, torna-os uma extensão de si mesmo. Rubem Alves esclarece muito bem essa colocação quando diz : *[...] se as pessoas não sentirem que o espaço da cidade é uma extensão de seus corpos, então ele não será jardim, espaço protegido. Será o espaço selvagem de onde se deve fugir* (mimeo s/d).

Quando não há uma identificação entre o espaço e as pessoas, podemos dizer que o espaço transforma-se em um *vazio* para elas, não se constituindo em um lugar, somente em um espaço sem elos e, portanto, sem significados.

A significação só se estabelece quando há uma interação com sua história pessoal pois *[...] é principalmente a história pessoal do indivíduo que determina sua relação com os espaços que compõem o seu cotidiano. O lugar se transforma e vira história pessoal, permuta-se em sujeito* (SERPA apud SPINK,1998:117).

Dessa forma, a Rua Grande sempre esteve intimamente ligada ao desenvolvimento de São Luís, acompanhando sua história ao participar ativamente de seu cotidiano, sendo, ainda hoje, intensa sua importância no cenário econômico da cidade, já que é responsável por uma significativa parcela do comércio local. Em vista disso, vem também se tornando alvo constante de acirradas discussões quando o assunto remete às descaracterizações das quais vem sendo vítima nas últimas décadas, envolvendo diversos segmentos sociais.

Esse fato é comprovado não só quando abrimos os jornais locais e nos deparamos com artigos referentes à problemática da Rua, que ainda persiste e incomoda diferentes segmentos, como também com o surgimento de diversos projetos em nível governamental e acadêmico, que têm por objetivo resgatar a imagem da Rua Grande para a cidade de São Luís.

Assim, a Rua Grande tenta hoje um diálogo entre seu antigo sentido cultural e sua atual condição prática, entre categoria recebida e contexto percebido.

Nessa prerrogativa, temos a Rua Grande como um exemplo de objeto valorizado, que chegou a esse patamar exatamente pela importância que os indivíduos lhe conferiram ao longo de sua trajetória.

Ressaltamos que essa visão de lugar e de espaço se fez necessária pois quando tratamos com Representações Sociais, é imprescindível situar o *locus* onde elas acontecem, em que são legitimados os seus valores e concretizadas suas ações.

Nosso interesse pelas Representações Sociais ficou evidente quando a pesquisa se propôs compreender como as pessoas interagem com um lugar de afeto e como se desenvolvem as idéias nesse contexto, enfim, como se processa a relação entre espaço/lugar e indivíduo/grupo. Assim, através das Representações Sociais podemos compreender a lógica de determinados grupos sociais no decorrer do seu dia-a-dia.

Como o conceito de Representações Sociais foi eleito categoria central na análise para compreensão do significado da Rua Grande, torna-se fundamental um retorno aos trabalhos de Serge Moscovici que, por sua vez, teve como ponto de partida o estudo da teoria das Representações Coletivas desenvolvidas por Durkheim, precursor do tema, partindo do conceito de representações coletivas na área da sociologia, em que religião, mitos, ideologia e linguagem são estudados como forças concretas da realidade social, portanto, inerentes à sociedade. Aprofundar alguns aspectos que compõem essa teoria será nosso próximo desafio.

2.2 De Durkheim à Moscovici: do coletivo ao social

[...] as Representações Sociais, são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (JOVCHELOVITCH apud ARRUDA, 2000:72).

As Representações Sociais tornam-se o fio condutor do presente trabalho, exatamente por possuírem um caráter dinâmico e abrangente em que emergem não só os aspectos cognitivos como também os afetivos e os simbólicos. Traduzindo, portanto, conhecimento enquanto forma de erudição e vivência. As Representações constituem-se também em um terreno fértil na busca das identidades e dos significados que os lugares adquirem aos olhares dos sujeitos sociais. Trata-se, assim, não só dos fenômenos observáveis diretamente como também dos fenômenos reconstruídos cientificamente.

Nos últimos anos, tem sido relevante a função das Ciências Humanas, com o homem repensando sua história e na melhor maneira de dar continuidade a ela. Nesse contexto, as

Representações Sociais tornam-se de grande valia no desenrolar da vida cotidiana. Por serem sociais, participam do dia-a-dia das pessoas definindo os diferentes aspectos do modo de interpretar (ou reinterpretar) a realidade. Por vivermos em sociedade temos a necessidade da partilha, do encontro com o outro, de um olhar mais atento às coisas que nos cercam.

A noção de grupo se afirma, quando os indivíduos elaboram as suas representações, sendo que suas falas e ações caminham lado a lado com a realidade social na qual estão inseridos. Assim, no sentido de determinar o significado que a Rua apresenta para os grupos escolhidos nada mais pertinente que buscar nas noções e modos de ver que esses grupos elaboram a partir de suas experiências cotidianas de interação com o outro e com o lugar que habitam. As Representações Sociais desenvolvem-se nesse universo de encontros e desencontros nos quais se formam e se reproduzem as práticas sociais, adquirindo um determinado sentido no *locus* em que são formadas, delineando assim seu campo de ação.

Quando falamos em representações, a primeira pessoa a que devemos recorrer é a Durkheim, já que foi o criador desse conceito, fixando seus contornos e reconhecendo a capacidade de explicar os fenômenos mais variados na sociedade. Durkheim foi portanto o primeiro a tecer estudos sobre representações, partindo do conceito de Representações Coletivas sob o ponto de vista sociológico.

Durkheim repete essa idéia de inúmeras formas, sendo que todas elas sempre privilegiam o coletivo em detrimento ao individual, segundo suas palavras:

Se é comum a todos, é porque é obra da comunidade, já que não traz a marca de nenhuma inteligência particular, é porque, é elaborado por uma inteligência única, onde todas as outras se reúnem e vêm de certa forma se alimentar. Se ele tem mais estabilidade que as sensações ou as imagens, é porque as representações coletivas são mais estáveis que as individuais, pois, enquanto o indivíduo é sensível até mesmo a pequenas mudanças que se produzem em seu meio interno ou externo, só eventos suficientemente graves conseguem afetar o equilíbrio mental da sociedade. (DURKHEIM apud JOVCHELOVITCH,1995:60e75).

O autor enfatiza que uma sociedade só pode ser considerada harmônica quando estabelece entre si uma unidade de sentimentos, em que a linguagem é uma só, integrando-se a um sistema de partilha coletiva. Para ele, a sociedade é fator determinante sobre o indivíduo já que é ela quem sustenta a formação da lógica.

Esse coletivo, que Durkheim cultiva, pode ser apreendido como uma coerção sobre o indivíduo, que passa a agir e até mesmo a sentir, segundo determinantes do grupo no qual está inserido.

Durkheim prossegue enfatizando [...] *a partir do momento em que se reconheceu que acima do indivíduo existe a sociedade e que essa não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças operantes, nova maneira de explicar o homem tornar-se possível* (apud JOVCHELOVITCH,2000:526).

Em todos os seus discursos ele enfatiza sempre que o coletivo se sobrepõe ao individual. É a sociedade quem determina os fatos sociais, conduzindo o indivíduo e sendo conduzida por ele. O indivíduo, aqui, é quem sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é, nesse meio, que pensa ou exprime seus sentimentos.

As Representações Coletivas de Durkheim constituem-se através de conceitos que subordinam o variável ao permanente, o individual ao social. Em síntese, o que o autor queria demonstrar era exatamente a grande influência da sociedade sobre o indivíduo, já que é cronologicamente anterior a ele. A vida social torna-se, portanto *a condição de todo pensamento organizado* (MOSCOVICI, 1978:42).

Como vemos, para Durkheim as idéias são organizadas segundo um modelo fornecido pela sociedade. Isso se torna enfático quando ele diz: e se a totalidade das coisas é concebida como um sistema uno, é porque a própria sociedade é concebida da mesma maneira. Ela é um todo, ou antes, ela é o todo, único, ao qual tudo é referido. Assim a hierarquia lógica não é mais do que outro aspecto da hierarquia social e a unidade do conhecimento não é outra coisa senão a própria unidade de coletividade estendida ao universo.

Durkheim continua insistindo na força que a sociedade determina sobre seus indivíduos quando diz: *o centro dos primeiros sistemas da natureza não é o indivíduo: é a sociedade*. Segundo ele, *a sociedade é uma realidade sui generis* e as Representações Coletivas, que a exprimem, são fatos sociais, coisas reais por elas mesmas. As Representações Coletivas, diz Durkheim *são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo, para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos, longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber* (DURKHEIM apud SÁ, 1995:21).

Como vemos, Durkheim coloca sempre as Representações Coletivas em separado das representações individuais, pois segundo suas próprias palavras: *os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais das quais difeririam essencialmente* (DURKHEIM apud SÁ, 1995:21).

Ou seja, nas Representações Coletivas o essencial é a consciência que cada um possui, onde o que mais importa é a produção mental que a sociedade apresenta em consonância com uma experiência já adquirida, transmitida de geração a geração, plenamente envolvida com um determinado grupo, onde a inter-relação entre as pessoas é o cerne para o seu desenvolvimento. Apoiar-se portanto na sedimentação das tradições, em que o conhecimento é basicamente construído, preservando as formas elementares, identificadas como entidades explicativas, absolutas, irredutíveis portanto de qualquer análise posterior.

Em suas Representações Coletivas, Durkheim fala também sobre a objetividade que rege toda a teoria. Sendo assim, o método sociológico deve mostrar os fatos dentro de uma realidade pura e simples, como realmente acontecem tendo o cuidado em não reproduzir qualquer ideologia. No entanto, essa mesma objetividade que norteou as pesquisas de Durkheim e influenciou seus seguidores, sofre severa crítica por parte de outras correntes que, baseando-se nas ciências sociais, enfatizam exatamente a questão da pluralidade que deve permear toda a Teoria das Representações Sociais.

Nesse momento, a Teoria das Representações Coletivas parecia não ser suficiente para a apreensão da realidade das sociedades contemporâneas, visto que novos fenômenos, de origem e âmbito diversos, começaram a solicitar uma nova posição em relação a esses temas.

Assim, Moscovici aborda o assunto das representações de maneira diversa da de Durkheim. A começar pela alteração do termo coletivas para sociais. Moscovici considera que os novos fenômenos, como as representações da sociedade presente, não tiveram ainda o tempo necessário para uma maturação em seus valores. Estamos, agora, diante de uma sociedade em constante movimento, com uma vida social sendo permanentemente construída.

Nessa reformulação, Moscovici faz uma síntese entre o individual e o coletivo, traçando um elo indissolúvel entre os dois. Partindo da perspectiva de que a sociedade não é uma entidade passiva - já que está sempre em movimento, dando e recebendo influências - é,

portanto, esperado que os indivíduos não só acompanhem esse processo como também interajam com ele, pois é na ação do dia-a-dia desse indivíduo - que nunca está sozinho, que se dá a produção da realidade social.

Enfim, é nessa relação dinâmica, mesclada por diferentes comportamentos, que as Representações Sociais aparecem como *campos estruturados pelo habitus e pelos conteúdos históricos que impregnam o imaginário social, seja porque são estruturas estruturantes desse contexto e, como tal, motores da mudança social* (SPINK 199:9).

Isto quer dizer que as Representações Sociais atuam sempre veiculadas ao contexto onde os objetos sociais estão envolvidos, podendo, inclusive, coexistir com outras representações de pessoas e lugares diferentes (tanto no âmbito pessoal como no grupal), resultando assim, em uma pluralidade nos modos de apresentar a realidade da vida social.

Da articulação entre produção de comportamento e interação com o ambiente, resulta a representação. Mas, representar, nesse caso, não significa reproduzir, mas sim modificar, (já vimos que as modificações são uma constante nesse processo).

Para Moscovici, a Representação Social permeia tanto o social como o psicológico. Pois, ao voltar-se para o cotidiano intensifica sua relação com o mundo de objetos, de pessoas, de acontecimentos ou de idéias. Sendo que aí se desenvolvem os mistérios da mente humana.

Nesse contexto de mundos diversos, acontece a grande aventura humana: buscar sentido e entender sua própria existência. Denise Jodelet reafirma isso ao dizer: *a representação envolve um elemento ativo de construção e re-construção: o sujeito aparece como autor destas construções psíquicas e detem o poder de transformá-las na medida em que elas se desenvolvem* (JOVCHELOVITCH,2000:76).

Moscovici enfatiza o caráter dinâmico da Representação Social mostrando que *a todo instante alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica* (MOSCOVICI apud SPINK, 1995:217).

Esse dinamismo se torna evidente na intensa produção de comportamentos e nas relações com o meio ambiente, em que os estímulos exteriores interferem diretamente no

desenrolar do processo, alterando seu conteúdo e não apenas reproduzindo-o. Os indivíduos, no seu dia-a-dia, não são meros robôs, que agem por controle-remoto; pelo contrário, possuem liberdade de imaginação e um inquietante objetivo que é o de procurar o sentido de sua existência.

Sendo assim, fica óbvio que as Representações Sociais vão muito além das simples opiniões ou de imagens formadas a respeito de determinado objeto ou fenômeno. E é exatamente por terem uma lógica e uma linguagem particulares, que vão buscar implicações nos valores e conceitos sem se deter ou fixar em termos como imagem e opinião, mas sim em teorias que interpretam e elaboram o real, estando sempre além do que é imediatamente dado na ciência ou filosofia. Nesse contexto, tudo o que for recebido será submetido a um trabalho de transformação, e mesmo de evolução, para que se converta em conhecimento passível de ser utilizado pelas pessoas em seu cotidiano.

Ainda é Moscovici quem nos esclarece sobre o assunto quando afirma: *toda representação é composta de figura e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma Representação Social é a representação de imagens e linguagens, porque ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns* (MOSCOVICI, 1978:25).

Quando encarada passivamente, podemos dizer que a Representação Social foi apreendida a título de reflexo, formado na consciência individual ou coletiva de um objeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores. Esses dados externos são absorvidos num processo de atividade mentais que se inserem em um fluxo de associações no qual estão presentes as dinâmicas da vivência e das alterações entre si, resultando assim num espaço simbólico, que irá refletir essa realidade. Sendo assim, [...] *uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime* (MOSCOVICI, 1978:26).

Podemos então dizer que ela produz e determina os comportamentos, pois não só define a natureza dos estímulos que nos cercam, como também os significados das respostas a dar-lhes. E, como esses estímulos estão sempre em mutação, o significado das respostas também vai seguindo o mesmo caminho, no que se conclui que as Representações Sociais, por receberem a influência de dados externos, que estão sempre se modificando, nunca serão uma realidade acabada e unívoca.

Dando continuidade ao pensamento desenvolvido por Moscovici, torna-se oportuno esclarecer o que realmente significa a palavra *imagem* no estudo das Representações Sociais. Moscovici não concorda com a definição de imagem que a coloca como um reflexo interno de uma realidade externa, cópia fiel no espírito do que se encontra fora do espírito, sendo portanto, a reprodução passiva de um dado imediato. A função principal da *imagem* é, portanto, a seleção não só do que tem do interior mas, sobretudo do que tem do exterior. Quando porém nos referenciamos às Representações Sociais, é importante ressaltar a diferença entre o conceito atribuído à imagem e o conceito referente à representação social, como sendo duas realidades distintas.

O autor considera que não pode haver um corte entre o chamado universo exterior e o universo do indivíduo, pois sujeito e objeto não são determinadamente heterogêneos em seu campo comum. Ressalta ainda que o objeto pertence a um contexto dinâmico e ativo. Esse objeto pode ser parcialmente entendido pelo indivíduo ou pelo grupo como uma extensão do seu comportamento, passando a existir para estes como função dos meios e dos métodos que permitem o seu conhecimento.

O universo do indivíduo ou do grupo é eminentemente social e material, sendo que aí se desenrolam as imagens e opiniões que irão refletir determinados valores e posições. Quando essas imagens chegam até as pessoas, vão se mesclar a outras já existentes em sua memória, sendo submetidas a uma seleção, que controla sua percepção e, conseqüentemente, sua interpretação, ou seja, o sujeito ou o grupo está sempre exposto e sensível a estímulos exteriores. No entanto, esses estímulos são *filtrados* de acordo com a vivência/experiência interior de cada um, resultando na produção/reprodução de comportamentos e atitudes que particularizam cada um desses segmentos. Desse modo, *o homem estabelece suas relações com o mundo, comunicando-se com gerações e classes, confirma ou modifica sistemas, remodela e reconstitui elementos, atribuindo à tudo isso um determinado sentido e esse sentido irá integrá-lo à uma rede de relações que por sua vez estarão sempre dispostas a engendrar novas e surpreendentes combinações* (MOSCOVICI, 1978:48-49).

A Representação Social demonstra assim sua função na construção da realidade, pois, é no saber desenvolvido no cotidiano das relações sociais que as representações vão sendo constituídas. Esse saber é o resultado da interação entre as intersubjetividades e o coletivo. Esse processo, no entanto, não é determinadamente cognitivo pois acopla também aspectos inconscientes, emocionais e afetivos.

Nesse sentido, tudo aquilo que é percebido como imagem vai se transformando de acordo com a carga de valores que os indivíduos estabelecem com seu ambiente social e material e, a partir daí, tornar-se-á um fator de conhecimento para o grupo. Pode-se dizer então que à Representação Social é dada a função de explicar a realidade.

Conhecer um pouco da história da teoria das representações, através da revisão de alguns conceitos desenvolvidos por Durkheim e Moscovici, foi fundamental para dar continuidade a este estudo, que privilegia o entendimento do ser humano como sujeito da ação, sendo portanto, perfeitamente cabível ao estudo do fenômeno que aqui se discute. Detectamos, porém, que esses esclarecimentos precisavam de um aporte mais específico no sentido de clarificar a rede de representações que envolvem os conteúdos sociais. Partindo dessa premissa, aprofundaremos um pouco mais o estudo sobre a Teoria das Representações Sociais enfatizando outros aspectos que a compõem.

2.3 Na Perspectiva das representações sociais como práticas sociais

Reconhecemos que no estudo das Representações Sociais não existe ainda um vasto aporte para pesquisas. E, por serem um campo em construção, tornam-se necessárias uma extensa leitura e profundas reflexões para que seus conteúdos sejam plenamente absorvidos e, conseqüentemente, direcionados ao objeto de estudo. Temos porém a certeza de que este é o melhor caminho para quem deseja trabalhar com a análise do ambiente urbano, já que fornece preciosas pistas na busca de identidades e significados em que os *lugares* se mesclam às pessoas resultando numa incessante interação de saberes e conteúdos.

Ficamos então nos questionando sobre o processo de formação de uma Representação Social e como as idéias se relacionam com o senso comum dentro desse processo. Moscovici esclarece a questão partindo do princípio de que é bastante difícil dar uma resposta pronta e acabada a tais questionamentos, explicando que na elaboração da representação social dois processos surgem como sendo fundamentais, são eles: a objetivação e a amarração ou a ancoragem; sendo que a objetivação pode ser o primeiro passo para que esse objetivo se concretize. Na objetivação, algo que ainda está na categoria dos conceitos passa para a categoria do real. É também, ainda segundo Moscovici, transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo. Objetivar é, portanto, reabsorver um excesso de significações, materializando-as.

É nesse momento que ocorre uma substituição do percebido pelo conhecido, em que o testemunho dos homens torna-se o testemunho dos sentidos, e o universo, até então desconhecido e ameaçador, torna-se receptivo e familiar. É, nesse momento, que ocorre a transformação de uma abstração em algo quase físico. É como se fôssemos traduzir algo que só existe em nosso pensamento em algo real e tangível, visível e sob controle. A objetivação teria assim *a função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, naturalizá-lo* (SPINK, 1995:34).

A objetivação, conforme as palavras de Moscovici, é capaz de *descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem* (apud SPINK, 1995:40).

Compreendemos a importância desse conteúdo quando percebemos que a maioria dos estímulos, ao provocar uma resposta, nada mais é que o resultado de um duplo esforço. O primeiro dá um salto no imaginário, ao transportar os elementos objetivos para o meio cognitivo, proporcionando a estes uma mudança fundamental de status e função. Esse processo é entendido como naturalização, ou seja, quando tornamos um símbolo real estamos *naturalizando* uma idéia. Nesse espaço de tempo fica sem importância o caráter intelectual do sistema; o segundo esforço é o de classificação, em que são organizadas as partes do meio ambiente que, através da utilização de cortes, insere uma ordem que vai se adaptando à ordem já existente anteriormente, amenizando portanto qualquer impacto que uma nova concepção possa causar. Nesse processo, o fluxo de estimulações é radicalmente cortado, pois assim podemos chegar a uma escolha sobre quais elementos nos são acessíveis. Para denominar os diversos aspectos do real, utilizamos uma grade que permitirá sua definição. Essas denominações podem gerar novas grades conforme surjam diferentes associações, sendo assim, estas vão se redefinindo ao se associarem às já existentes.

Esses dois aspectos, naturalizar e classificar, são fundamentais no processo da objetivação, posto que, um reconhece o símbolo como real através da percepção de imagens, e o outro atribui à realidade uma determinada simbologia, separando algumas atribuições que, guardadas num quadro geral, vão entrar em contacto com as referências que os indivíduos e a sociedade instituem.

O processo seguinte, na elaboração da Representação Social, é denominado de amarração ou ancoragem e constitui-se pela conversão do objeto social, feito pela sociedade, a

fim de torná-lo um instrumento sempre à sua disposição. Como explica Moscovici, poder-se-ia até dizer que a amarração transforma a ciência em quadro de experiência e em rede de significações, mas isso, segundo ele próprio, seria ir depressa demais. Na amarração podemos afirmar que esta possui o poder de transformar a ciência num saber útil a todos. Em outras palavras, a amarração vê o objeto social como um instrumento de que a sociedade dispõe, elaborando conhecimentos e permitindo sua interpretação. Nesse meio tempo, o objeto é associado a formas conhecidas e reconsiderado através delas. Agora, tudo que antes parecia estranho ao indivíduo toma um lugar reconhecível, familiar, a ponto de parecer uma obra de sua autoria. Como bem complementa Moscovici: *nesse estágio ela deixa de ser aquilo “de que se fala” para se converter naquilo “através de que” se fala. Nos limites em que ela penetrou numa câmara social também se constitui ai num meio de influenciar os outros e, sob esse ângulo, adquire status instrumental* (MOSCOVICI, 1978:175).

Ainda segundo Moscovici, ancorar é *trazer para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado. Tudo que permanece inclassificável e não rotulável parece não existente, estranho e, assim, ameaçador [...] objetivar é transformar uma abstração em algo quase físico* (apud SPINK e LEME, 1995:48).

Complementa afirmando:

Se a objetivação mostra como os elementos representados de uma ciência se entregam a uma realidade social, a amarração permite compreender o modo como eles contribuem para modelar as relações sociais e como as exprimem [...] Pela objetivação transformamos noções, idéias e imagens em coisas concretas e materiais que constituem a realidade. (MOSCOVICI, 1978:176).

Com essas colocações, concluímos que os dois processos, tanto a objetivação como a ancoragem (ou amarração), servem para nos familiarizar com o infamiliar, percorrendo caminhos que ajudam a moldar uma realidade, pois ao tornar o estranho familiar, este torna-se menos extraordinário, porém mais interessante (já que se torna conhecido e entendido).

Moscovici resume tudo nas seguintes palavras: *ancorar é classificar e denominar, pois coisas que não são classificadas nem denominadas são estranhas, não existentes e, ao mesmo tempo, ameaçadoras.* (Spink, 1995:38). *Já objetivar é transformar noções idéias e imagens em coisas concretas e materiais que constituem a realidade* (MOSCOVICI, 1995:49).

Como imagem, é ainda Moscovici quem nos esclarece, ela é totalmente assimilada e o que é percebido torna-se agora o concebido. Como as imagens são essenciais na comunicação e compreensão sociais, estão sempre atreladas à realidade e, por isso, tornam-se elementos dessa realidade, superando mesmo a perspectiva de serem mais voltadas aos elementos de pensamento (como talvez fosse de se esperar).

É importante também ressaltar como essas Representações Sociais são estruturadas. Na realidade, a estrutura de cada apresentação não é apresentada desdobrada, possuindo duas faces não dissociáveis: a face figurativa e a face simbólica, que podem ser apresentadas da seguinte maneira:

$$\text{REPRESENTAÇÃO: } \frac{\text{FIGURA}}{\text{SIGNIFICAÇÃO}}$$

Isso significa que toda figura possui um sentido e que todo sentido possui também uma figura. Nesse caso, ao deslocarmos uma figura que corresponde ao que desejamos representar, estamos inserindo-a em nosso universo e, portanto, atribuindo-lhe um sentido. No entanto, esse processo não é estático, pelo contrário, é extremamente dinâmico, refazendo-se constantemente: cada vez que o sentido se incorpora ao processo, surge uma nova figura, que estará sempre se refazendo de acordo com esses estímulos. Diante disso, surge uma inquietação ao re-presentar alguma coisa: não fica claro se o que se mobiliza é algo do real ou apenas um índice convencional entremeado de valores simbólicos. Para dissipar essa dúvida é necessário que o trabalho seja consciente, chegando mesmo além do convencional (no sentido do intelecto) ou além do figurado (no sentido do real).

Intensificando essas colocações, citamos o exemplo do indivíduo ou grupo que formula uma representação de uma teoria ou de um fenômeno científico; ora, ao fazer isso, está na verdade, reatando com uma maneira de pensar e de ver que já existe. Portanto, o que está fazendo é retomando e recriando o que permanecia encoberto ou eliminado. Ou seja, volta a produzi-lo, percorrendo agora um caminho inverso ao que ele percorreu (MOSCOVICI, 1978:66).

Quando a Representação Social se mostra como um conjunto de proposições, reações e avaliações dizendo respeito a determinados pontos, no percurso de uma pesquisa de opinião ou de uma conversação, está diretamente relacionada com um ponto-chave que é o *coro*. Esse

coro diz respeito à opinião pública, que vai adquirindo diferentes conotações de acordo com as classes, as culturas ou os grupos, constituindo assim inúmeros universos de opinião.

Para explicar em que sentido uma representação é social, Moscovici recorre à hipótese de que cada universo possui três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação ou a imagem. A informação está diretamente relacionada com a organização dos conhecimentos que um grupo detém do objeto social. O campo de representação evoca a idéia de imagem ligada ao modelo social, no qual cada grupo apresenta suas idéias, suas opiniões, sendo que essas idéias e opiniões estão sempre interligadas ao conteúdo do objeto da representação, variando apenas com as expectativas de cada grupo social. Já a atitude visa à orientação global que um determinado grupo possui em relação ao objeto da Representação Social.

As três dimensões aqui ressaltadas constituem uma panorâmica do conteúdo e do sentido da representação social, sendo de grande valia para estudos comparativos, em que grupos distintos interagem num mesmo objeto social e esclarecendo questões sobre as Representações Sociais de um mesmo grupo social acerca do lugar que habitam.

Quando especificamos um determinado grupo no estudo das Representações Sociais, estamos delimitando o campo de ação em que se desenvolvem essas representações, posto que o grupo é o responsável pela formação de conceitos e elaboração de conteúdos. É na dimensão do grupo social que a representação incorpora o seu lado denominado de social. Nesse momento, enfrentamos uma verdadeira batalha para delimitar o chamado *social*, pois que representação não seria social? Para esclarecer melhor os constantes questionamentos que sempre surgem quanto às Representações Sociais, optamos por enveredar no caminho que elas percorrem em termos de situação histórica ou econômica, motivações sociais ou individuais. Enfim, no papel que desempenham na edificação de um conteúdo. Ou seja, mudar um pouco a maneira de observar suas perspectivas.

Acreditamos que uma representação é chamada de social não apenas quando tem definido o agente que a produz. Não é prioridade ter-se identificado *quem* produz os sistemas mais sim *por que* estes são produzidos, o que de certa forma, é muito mais convincente. Para apreender o verdadeiro sentido do social é mais adequado identificar a sua função correspondente do que propriamente as circunstâncias que as refletem. A representação permite assim a tradução de conflitos, tanto materiais como sociais, implantando materiais

científicos no meio de cada um, facilitando a transposição de conceitos e teorias para o plano do saber imediato, tornando-se um instrumento de comunicação. Moscovici enfatiza essa questão ao dizer: *de algum modo a comunicação modela a própria estrutura das representações* (1978:78).

Se por um lado, a representação pode tomar o lugar da ciência, por outro, pode também constituí-la ou reconstituí-la, absorvendo as relações sociais ali envolvidas. No que concluímos que, através da representação, uma ciência pode tanto se duplicar como uma sombra sobre o corpo da sociedade, como também se desdobrar, na medida em que esteja fora do ciclo dos interesses sociais.

Esses esclarecimentos nos ajudam a penetrar na questão principal do nosso objeto de estudo, que centraliza um lugar bastante peculiar para a cidade de São Luís, a Rua Grande, buscando com essa investigação os significados que esse espaço adquire ao longo de uma trajetória de profundas mudanças socioespaciais, em que os principais condutores dessa busca de significados são seus moradores e comerciantes mais antigos, pois é através de suas Representações Sociais que encontramos as respostas para nossas inquietações. Como são grupos distintos, suas representações percorrem caminhos diferentes, porém ligados a um mesmo objeto - a Rua, que aparece como um forte elo em suas vidas. Nessa dinâmica de diferenciações está toda a riqueza do conteúdo das Representações Sociais ali construídas.

Toda essa explanação sobre a Teoria das Representações Sociais deixa evidente que se trata de um campo de estudos cada vez mais produtivo. Seu valor heurístico se evidencia na crescente diversidade de pesquisa que tem inspirado. É certo, porém, que muito ainda pode ser acrescentado a esses estudos já que novas concepções estão sempre surgindo emanando uma infinita gama de valores em que a acumulação de fatos e interpretações prenuncia o crescimento da teoria em busca de uma teoria geral e quem sabe definitiva.

O caminho das Representações Sociais é, no entanto, bastante vasto; em vista disso, vamos discorrer mais algumas páginas ao seu aprofundamento, conhecendo outros autores que também privilegiaram essa teoria em seus trabalhos.

2.4 As Representações sociais segundo outras óticas / o jogo do simbólico na busca do significado

É fundamental para o ser humano experimentar significados no ambiente que o circunda. toda sua vida transcorre dentro de uma rede de significados em que as manifestações simbólicas vão dando forma a esses significados. Nesse processo, o ser humano vai absorvendo sua real condição de “ser eminentemente social.”

Rachel de Castro Almeida

É de extrema importância ressaltar o valor do imaginário e do afetivo no estudo das Representações Sociais, para que estes adquiram a abrangência e o aprofundamento necessário para a condução do presente trabalho, em que o aspecto simbólico adquire grande significado na construção de todo o processo.

Dessa forma, queremos enfatizar que o estudo das Representações Sociais implica um intercâmbio entre a cognição e a emoção. E já que permeia as duas realidades, abre espaço tanto para as intersubjetividades como para o coletivo, penetrando assim nos aspectos emocionais e afetivos sem deixar de valorizar a cognição na sua produção e reprodução. Partindo dessa premissa, Denise Jodelet comenta: *as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas vão intervir* (SPINK, 1995:61).

Outro componente interligado a este, aparecendo como elemento das Representações Sociais, é o campo da representação, que pode ser considerado como o modo em que o sujeito hierarquiza e coordena os significados e atitudes, dependendo porém de um sistemático levantamento do repertório simbólico que caracteriza o objeto de representação. Como repertório simbólico, entendemos um universo transfigurado por uma nova elaboração que continua, porém, sendo real, portanto a simbolização é o aspecto abstrato da relação do homem com o mundo. Como bem enfatiza Monique Augras: *a função simbólica estabelece relações irreais para permitir a adaptação do homem à realidade [...] é através da construção de um sistema de símbolos que o homem apreende o mundo* (1980:10).

A chamada função simbólica não é determinada somente por fatores ambientais ou genéticos. O seu desenvolvimento está precisamente sintonizado com a complexidade das relações dialéticas do homem e do mundo, gerando uma infinidade de situações.

Quando criamos um universo simbólico, estamos dando à realidade não só um caráter de ausência como também integrando a realidade para dentro do sujeito. Nesse raciocínio, Ernest Cassirer considera que as forças simbólicas não são imitações, mas sim órgãos da realidade (apud AUGRAS,1980:13). Essa definição, pela sua própria abrangência, não satisfaz completamente nossas inquietações, posto que, o símbolo é o próprio universo da humanidade. Assim, toda linguagem pode ser considerada simbólica na sua essência.

Também quando criamos uma Representação Social estamos fazendo dessa representação um ato do pensamento em que o sujeito está diretamente relacionado com o objeto. Denise Jodelet (apud JOVCHELOVITCH), apresenta o ato de representar como sendo sinônimo de substituir, estar no lugar de. Nessa perspectiva, a representação passa a ser o representante mental de alguma coisa ou alguém. Sendo assim, a representação torna-se igual ao símbolo e ao signo, já que como estes, remete seu significado a outra coisa.

Podemos afirmar então que a representação é a reprodução mental de outra coisa seja ela uma pessoa, objeto, acontecimento ou idéia, que envolve sempre o conteúdo mental restituindo simbolicamente alguma coisa que ficou ausente, aproximando algo que estava longínquo e aparentemente inacessível. O imaginário aparece, portanto, sempre alojado a uma representação, com seus elementos não observáveis porém presentes e atuantes, fornecendo ao homem condições para que este se adapte a uma determinada realidade.

No mundo dos símbolos, percebemos outro componente que interage na sua elaboração tornando-se mesmo um aspecto intrínseco à sua dinâmica: o signo. Esse signo remete-nos ao universo simbólico de uma realidade, já que se destina a representar alguma coisa a alguém.

Segundo Charles Sanders Peirce (apud CHEVALIER & GHEERBRANT) conceituado filósofo norte-americano, fundador da semiótica ou lógica da linguagem, a palavra signo remete sempre a uma representação, ou seja, segundo ele, toda representação é feita através de signos. Prossegue também afirmando que representar é estar em lugar de, estabelecendo se

assim uma intrínseca relação com um *outro*, de tal maneira que pode até ser confundido com esse *outro*.

Como criador da semiótica, Pierce ressalta que essa ciência, exatamente por tratar dos aspectos da linguagem, interessa-se sobremaneira pelo signo, sendo que este atua como a própria representação do objeto, o que facilita a sua compreensão. No entanto, para o filósofo, a representação não acontece plenamente, pois vai representar apenas algumas faces do objeto, nunca sua completude. Isso se explica pelo fato de que cada sujeito possui sua própria escala de valores e de acordo com ela vai tecendo suas escolhas. Quando isso acontece, fica evidente que nessa escolha foi embutida uma série de concepções tecidas pela realidade do emissor, comprometendo, assim, a *pureza* de seu resultado, que jamais estará livre de interferências. Ou seja, cada pessoa vai atribuir maior ou menor relevância a um objeto conforme suas expectativas em relação a esse objeto, concedendo-lhe uma determinada significância de acordo com sua própria escala de valores.

Percebemos assim a confluência de idéias entre Pierce e Moscovici na abordagem desse tema, posto que ambos discorrem sobre o fato de maneira semelhante. O mesmo acontece no que se refere à noção de imagem, que os dois autores apresentam como sendo algo que ultrapassa seu caráter visual, guardando em si um caráter duplo e dialético.

Moscovici enfatiza isso ao dizer *o aspecto da imagem, o aspecto figurativo da representação é inseparável do seu aspecto significante. A estrutura de cada representação aparece desdobrada, possuindo duas faces, tão pouco dissociáveis como o verso e o reverso de uma folha de papel; a cara figurativa e a cara simbólica. Complementando que: a representação faz com que à figura corresponda um sentido e a todo sentido corresponda uma figura ... portanto as representações individuais e sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deva ser. Mostrando assim que, a todo instante alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica.* (MOSCOVICI, 1978:217).

A separação entre Pierce e Moscovici acontece quando o primeiro considera que os significados são originários dos signos, sendo que o seu aprofundamento só acontece em consonância com o repertório de informações que o sujeito possui do objeto a ser representado. Já Moscovici não vê apenas os signos como condutor principal das representações. Para ele, a situação é bem mais complexa e abrangente não cabendo portanto fechá-la somente através de sua matéria signica. É certo, pois, que o signo faz parte de sua

dinâmica mas não é, de maneira alguma, o elemento central desta. Moscovici estabelece assim que o principal em sua teoria é a relação entre sujeito e objeto e é, em torno dessa relação, que giram as Representações Sociais, que vão adquirindo contornos e nuances diferentes conforme a sociedade e a cultura em que são geradas. As Representações Sociais atuam, portanto, por meio de observações, de análises dessas observações e de noções e linguagens, fazendo com que o sujeito possa utilizar uma pluralidade de modos de reflexão, em função do domínio do meio exterior e também das metas a que se propõe.

Quando no caso consideramos que o *sujeito* é o condutor de sua trajetória, estamos entrando no campo da psicologia social, por isso a Teoria das Representações Sociais foi buscar referência nessa ciência.

A Representação Social envolve também outras ciências em busca do seu significado como a antropologia e a sociologia, estudando assim a difusão desses saberes e sua relação com a gênese do senso comum. *Assim, se opera em torno das representações sociais, uma convergência notável entre as diversas ciências psicológicas e sociais* (JODELET apud JOVCHELOVITCH, 1984:36).

Como vimos, até então, a relação entre o material e o simbólico está sempre presente quando abordarmos as Representações Sociais, pois os *processos objetivos são sempre a contrapartida de processos subjetivos* (JOVCHELOVITCH, 2000:41).

Os conteúdos simbólicos que permeiam o imaginário coletivo fornecem vasto material para o aprofundamento de pesquisas na área social.

Para Gilbert Durand, especialista no estudo do imaginário [...] *a imagem pode se desenovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma "realidade velada"* (1998:10). Ainda nessa linha de pensamento, situa-se Gaston Bachelard, (1993) pioneiro dessa nova crítica sedenta de conteúdos imaginários. Bachelard gira ao redor de imagens poéticas e literárias, construindo uma análise literária em que a imagem aparece iluminando a própria imagem, percorrendo o caminho da poética em que as imagens simbólicas tornam-se constante.

Essa discussão permitiu uma melhor compreensão das Representações Sociais enquanto fenômeno mediador entre o indivíduo e a sociedade. Assim, tratar de Representação Social é, acima de tudo, tratar das funções pragmáticas e simbólicas, nas quais os símbolos são o resultado da capacidade que os sujeitos e os grupos sociais possuem ao integrarem as imagens como variáveis da realidade. É na complexidade das relações humanas e de sua comunicação com o meio social que os símbolos emergem como resultado de uma consciência coletiva, pois estão sempre relacionados ao universo social, em que a diversidade da vida imaginativa lhes oferece as bases para sua disseminação.

Para compreender melhor o significado do aspecto simbólico nas Representações Sociais, o item que se segue explora um pouco mais a dimensão do imaginário e do afetivo, enfatizando a superação da dicotomia entre cognição e emoção.

2.5 A Dimensão simbólica na construção da realidade

Dar uma definição para símbolos torna-se extremamente delicado pois embora se tente explicá-los através das palavras, o seu valor real fica sempre a desejar em toda e qualquer definição. Para Chevalier e Gheerbrant, (1991) o símbolo transcende o significado e vai depender da interpretação que cada um pode tecer a respeito de um determinado assunto, pessoa ou objeto, que por sua vez já traz uma outra carga de valores. É através desse dinamismo que o símbolo adquire também seu valor.

Segundo os autores, o símbolo pode ser comparado a um objeto que, dividido em dois, comporta duas idéias distintas: a de separação e a de reunião. É como se suas partes estivessem rompidas e, ao mesmo tempo, unidas. Esse dualismo favorece sua integração na vida pessoal e social, o que, por sua vez, vai contribuir para desencadear determinadas funções que se tornam inerentes à sua atuação.

A primeira é chamada de ordem *exploratória*, em que as coisas são captadas através da investigação, permitindo assim sua exploração não só pela razão como também para muito além dela, estendendo o campo da consciência para um domínio em que a medida exata é impossível, e no qual o ingresso implica uma parcela de aventura e desafio.

A segunda função remete à *substituição*, ou seja, quando o símbolo adquire a função de substituto. Essa situação está diretamente ligada à primeira só que agora o símbolo aparece como substituto do sujeito na sua relação com o meio ambiente, mostrando o mundo percebido e vivido tal como o sujeito o experimenta (1991:26). Isso inclui dizer que esse processo é imperativo à esfera do psiquismo, em que o afetivo e o representativo se consolidam ao nível do inconsciente pois, como coloca C.G. Jung:

É por inúmeras coisas se situarem para além dos limites do conhecimento humano que utilizamos constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não podemos definir nem compreender por completo [...] Mas o uso consciente que fazemos dos símbolos é somente um dos aspectos de um fato psicológico de grande importância, pois o homem também cria símbolos de modo consciente e espontâneo (C.G. JUNG apud CHEVALIER 1991:26).

O símbolo perpassa assim por todos os níveis do considerado real, circulando entre o invisível e o inefável. Em outras palavras, seria dizer que o símbolo *é uma expressão substitutiva destinada a fazer passar para a consciência de forma camuflada certos conteúdos que, por causa da censura, não podem penetrá-la. [...] Não podemos portanto colocá-lo como mero artifício pois suas características reais transcendem a essa expressão. Sua relação está tão entrelaçada ao sujeito que sua função original é precisamente essa revelação existencial do homem a si próprio (CHAS apud CHEVALIER,27).*

A terceira função foi chamada de *mediadora*, pois, reúne elementos separados estendendo pontes entre eles, citando alguns exemplos: a matéria e o espírito, o concreto e o abstrato, o inconsciente e o consciente. São idéias que se confrontam por si mesmas, mas que se reúnem através do símbolo, aparecendo aqui como força mediadora, unificando as idéias, proporcionando assim um estado de equilíbrio na relação.

Ao unir elementos tão desiguais, o símbolo adquire uma significativa identificação com o sujeito, permitindo que este se sinta como parte de um todo. Ao reunir forças antagônicas, o símbolo estabelece um centro de relações em que o múltiplo encontra sua unidade. Nesse confronto de tendências e de forças distintas, o símbolo adquire a função imperativa de reuni-las, criando uma relação de equilíbrio entre elas. Assim, o ser humano se insere no universo das relações, realizando uma síntese com o mundo, desenvolvendo uma intensa atividade mental, o que vai favorecê-lo na construção de sua personalidade.

Em síntese, o símbolo vai facilitar a *transcendência* entre os níveis de consciência, entre o conhecido e o desconhecido, entre o manifesto e o latente, o ego e o superego. Essa *força unificadora* é portanto o quarto aspecto funcional do símbolo que ata o homem ao mundo, contribuindo para sua integração pessoal em meio a uma evolução global.

Torna-se oportuno, agora, mencionar que tanto Chavalier e Gheerbrant (1991:28) como Moscovici são unânimes em afirmar que, no estudo da imagem, esta só se torna símbolo quando tem seu valor compartilhado por um grupo social que se reconhece em sua transcendência, permitindo assim que os indivíduos aceitem uma transferência imaginária, ou seja, o processo só estará concluído quando os indivíduos tomarem consciência de que fazem parte do seu processo de elaboração, contribuindo assim com seus valores simbólicos. Sem essa atitude, toda e qualquer imagem adquire uma conotação estanque, não refletindo o dinamismo de sua existência.

Como quinta função, os autores ressaltam o *aspecto terapêutico* do símbolo, pois ao condensar elementos díspares entre si, cria uma atmosfera de unidade e porque não dizer de cumplicidade, fazendo com que o ser humano não se sinta isolado no universo. O símbolo se assemelha a *qualquer coisa de indefinível, mas de profundamente sentido como a presença de uma energia física e psíquica que fecunda, cria e alimenta. Através dessas simples intuições, o indivíduo sente-se como parte de um conjunto que o amedronta e tranqüiliza, a um só tempo mas, que também o adentra para a vida* (apud CHEVALIER,1991:28). O ser humano adquire assim uma certa segurança que o faz sentir-se parte de um conjunto, identificando-se com ele e partilhando de sua existência.

A sexta função, não menos importante que as outras, é a *socializante*. Como já percebemos, o símbolo está amarrado ao meio social, estabelecendo uma profunda comunicação com este. Vejamos assim: em todas as épocas, determinados grupos agem criando uma certa simbologia, ou seja, cada grupo, de acordo com a época, possui seus próprios símbolos, participando intensamente deles. Dessa dinâmica interação nascem as bases para a permanência da civilização. Como bem afirma Chevalier (1991): *uma civilização morre quando já não possui símbolos ...*

Exatamente por possuir uma linguagem universal, o símbolo se torna virtualmente acessível a todo ser humano. No entanto, esse sentido de universalidade pode adquirir conotações que vão além de suas prerrogativas. Esse *além* é decodificado quando um mesmo

símbolo aparente adquire uma conotação diversa, de acordo não só com o grupo ou indivíduo, como também com a sua época histórica e a atmosfera do presente. É preciso ficar atento a essas possíveis diferenciações, com sensibilidade suficiente para uma profunda compreensão do *outro*. O símbolo não é, portanto, uma simples comunicação de conhecimento, mas sobretudo uma confluência de afetividades. Nessa concordância, ele adquire características de extrema importância para a socialização. Sua conotação de universalidade dá-lhe simultaneamente dimensões que perpassam do individual ao social.

A sétima função, denominada de *ressonância*, é também uma função de grande valia no estudo dos símbolos. Ela acontece quando as imagens produzem um eco na consciência, tornando-as vibrantes e significativas. Essa situação está estreitamente relacionada com a sociologia e a psicanálise, já que ambas são capazes de determinar quando um símbolo é prenhe de vida e quando já se extinguiu para sempre. A permanência do símbolo vai depender, no entanto, da atitude consciente e também dos dados do inconsciente. Um símbolo só será considerado vivo se tiver essa capacidade vibratória que o torna ressonante. Diz Chevalier: *a função de ressonância de um símbolo é tanto mais ativa quanto melhor se ajustar o símbolo à atmosfera espiritual de uma pessoa, de uma sociedade, de uma época ou de uma circunstância qualquer* (apud CHEVALIER & GHEEBRANDT, 1991:30).

A oitava função foi batizada por C.G. Jung como *transcendente*. Transcendente, segundo ele, no sentido de passagem de uma atitude a outra, pois remete *à propriedade que os símbolos possuem de estabelecer uma conexão entre forças antagônicas e conseqüentemente, de vencer oposições e de assim franquear o caminho a um progresso da consciência* (apud CHEVALIER & GHEEBRANDT, 1991:31). Essa transcendência possibilita a manifestação de forças antagônicas, sem no entanto serem consideradas incompatíveis, que só podem se unir dentro de um processo simultâneo e integrado. Sendo assim, um dos papéis atribuídos ao símbolo é o de harmonizar os contrários, equilibrando as exigências do indivíduo e do grupo social.

Como vemos, o símbolo acompanha a evolução do ser humano, enriquecendo seus conhecimentos e sensibilizando seu senso estético. Surge, então, uma nona função para o símbolo: a de *transformação*. Essa transformação acontece devido à energia psíquica do homem que, transbordando das profundezas do ego, adquire forma e suscita, através da afetividade, sua integração com as imagens que povoam seu inconsciente.

Dessa forma, reconhecer a importância do jogo dos símbolos, com suas singularidades no complexo mundo dos significados, é assentar-se em terreno fértil na busca de nossos objetivos.

Se as representações são capazes de expressar identidades e afetos (daí sua riqueza para o social), interesses e projetos diferenciados, incorporando-os à complexibilidade da vida social, compreender sua ação através da construção simbólica abre-nos as portas para a comparação, a segmentação e o estabelecimento de distinções, nas quais conhecimento e afeição se entrelaçam na eterna busca empreendida pelos seres humanos: entender e dar sentido ao mundo em que vivem.

O que procuramos evidenciar neste capítulo foi a estreita relação entre o ato de representar e o sentido simbólico, constatando a participação de ambos no dinâmico processo da construção da realidade social em que sujeitos e grupos sociais elaboram sua identidade. Dentro dessa perspectiva, podemos refletir sobre o caráter inovador que permeia o símbolo dentro do estudo das representações, oferecendo, por assim dizer, um leque de possibilidades que nos permite pensar a realidade social de uma maneira mais abrangente.

As representações são portanto construções que estão sempre ligadas por uma ou outra razão a um determinado lugar onde os sujeitos elaboram e representam suas identidades e interesses.

A realidade social é portanto um reflexo das identidades e dos significados que cada lugar determina. Dentro dessa perspectiva, desenvolvemos nosso objeto de estudo com a clara intenção de nos valermos do sentido simbólico, que, imbuído no ato de representar, fornece grande dinamismo exploratório no estudo das Representações Sociais.

No entanto, para falar em realidade social torna-se necessário particularizar o espaço onde as identidades são constituídas. A partir disso, faremos a seguir, uma breve incursão nos domínios da questão entre o público e o privado - que tão bem particularizam nossa sociedade, desde remotos tempos - com o intuito de esclarecer o permanente vínculo entre essas duas realidades, refletindo sobre a natureza dessa relação.

2.6 Espaço público x espaço privado: uma dialética dos lugares

Primeiramente, queremos colocar que o processo entre público e privado resulta única e exclusivamente da íntima relação que existe entre ambos, em que uma permanente troca delimita suas configurações. A noção de esfera pública, portanto, só pode ser entendida em relação ao seu contrário, ou seja, à esfera privada.

Tanto o público quanto o privado constituem realidades históricas em que diferentes sociedades mostram seus diferentes modos de ser. Mesmo que esses dois domínios adquiram sentidos diferenciados em alguns momentos, serão sempre definidos um em relação ao outro. Assim, como descreve Jovchelovitch (2000:45): *se de um lado existiu e ainda existe uma variação enorme em relação às questões e modos de vida caracterizados como público ou como privado, de outro lado, não há registros de qualquer sociedade humana onde o significado da vida pública não se tenha constituído pelo significado da esfera privada e vice-versa.*

Estudos comprovam que desde as sociedades mais remotas existe uma nítida distinção entre o que deve ser oculto e o que deve ser visto, o que deve permanecer no âmbito particular e o que deve ser de usufruto comum, indicando que existem coisas que devem permanecer secretas, enquanto outras podem ser divididas publicamente.

Podemos então dizer que a relação entre o público e o privado é de natureza dialética. Como diz Guareschi, *envolve o ordenamento intrínseco de alguma coisa em relação a outra: ou aquilo que, para ser, necessitada da outra coisa, senão não é* (apud JOVCHELOVITCH,2000:45). Essa afirmação é totalmente verdadeira pois a esfera pública depende da esfera privada para que possa ser entendida. É na dualidade desses pólos que os dois espaços se constituem como domínios distintos. Portanto, qualquer reflexão sobre a natureza e o significado da esfera pública e da esfera privada deve começar considerando essa realidade.

Mas para tal, devemos dirigir nosso foco sobre a maneira como percebemos esses dois mundos, construindo assim um certo saber social sobre esses espaços: um, que representa o mundo lá fora ainda incógnito; e outro, o espaço de dentro que contém uma diversidade enorme de identificações. Se estamos à vontade no espaço *interno*, é porque este nos garante a segurança; ao contrário, se nos sentimos meio perdidos no *espaço de fora*, é porque o domínio

dos *outros* nos é ainda estranho, ou seja, o que é privado pertence a mim, é portanto de minha responsabilidade, já o que é público não me pertence e, por isso, não sou responsável por ele. Infelizmente, esse pensamento ainda permanece latente em diversos segmentos de nossa sociedade.

Se, no início, essa esfera pública era menos *ameaçadora* e, portanto, mais visível e transparente com pessoas que ainda freqüentavam com bastante assiduidade locais públicos e até mesmo dentro de seu próprio espaço de ação, como a rua, estando sempre de porta em porta, numa constante interação com os vizinhos – o que se percebe, agora, é o fim desse tipo de comportamento. Hoje, o que vale é o *ser* individual, com pessoas cada vez mais acudadas em seu canto, totalmente voltadas para o espaço de dentro. Não permitem que as *coisas* de fora penetrem no seu mundo particular. Implantou-se hoje uma grande separação entre os dois mundos. A vida pública foi ficando debilitada e, hoje, agoniza nas grandes cidades. Essa transformação intensificou-se com a aceleração do consumo, em que os meios de comunicação de massa e a expansão das sociedades industriais avançadas constituem-se em forças ameaçadoras do bem público.

Em um período no qual se privilegia a supremacia da diferença, concebendo-se a vida pública como fragmentação, é importante ressaltar que essa vida pública é a fonte fecunda que, exatamente por pertencer a todos e ser comum a todos, conduz à produção e permanência da história, (já que transcende o ciclo de vida humana). Hannah Arendt (apud ARRUDA,1998:75) nos esclarece essa colocação, enfatizando que é a pluralidade da vida pública que torna possível a multiplicidade das lógicas sociais, que tão bem caracterizam a existência dos seres humanos. Essa pluralidade, no entanto, não permite o isolamento, nem a supremacia da diferença. Ficando claro porém que *diferença* para nós, seres humanos, não deve ser associada a isolamento, pelo contrário, é na comunidade da esfera pública que ela melhor se expressa. Pois, como enfatiza Guarechi: *falar de “relações” é falar de incompletudes, e pensar em algo aberto, em algo que pode ser ampliado ou transformado* (apud ARRUDA,1998:149).

Nesse sentido, fica certo que são os critérios que vão definir o que é legítimo do que não é. Mas, esses critérios só podem existir através do diálogo e ação comum, que só podem ser encontrados na esfera pública. Aqui reportamo-nos mais uma vez a Jovchelovitch: (2000:38) *neste processo, perspectivas diferentes constantemente se encontram, competem, negociam, se redefinem, são aceitas ou rejeitadas. É por isso que o reconhecimento de*

perspectivas diferentes e as tentativas de negociá-las em público são um processo contínuo e inacabado.

A Psicologia Social também esclarece alguns pontos em relação a essas colocações. A própria história nos conta que, de acordo com a época, público e privado se comportam de diferentes maneiras. Nos estudos de Áries vemos isso claramente quando ele descreve a família do século XV. Nesse período, era comum a troca social e afetiva fora dos laços de família. O espaço de convívio era voltado para o exterior, incluindo vizinhos, amigos e empregados. A família não era o núcleo centralizador das ações sociais. Essa relação será drasticamente transformada com o surgimento das sociedades industriais, que elegem outro sistema de comportamento social. O núcleo que emanava participação e cooperação, vê-se agora reduzido e só.

É, portanto, através da ação de atores sociais, produzindo atos que são chamados pelas demandas de um “outro generalizado”, que a esfera pública aparece como um espaço em que uma comunidade, como um todo, pode desenvolver e sustentar um conhecimento sobre si mesma (JOVCHELOVITCH, 2000:64).

Diante do que foi exposto, reconhecemos a importância que o espaço público determina no estudo das Representações Sociais, sendo exatamente a esfera pública, com suas mediações sociais, o caminho mais fértil para o desenvolvimento dessas representações.

3 MÉTODO PARA APREENSÃO DA REALIDADE

A restauração de um patrimônio histórico, para ser inteira, precisa ser mais do que uma recuperação física. É necessário registrar os fatos da vida para não deixar que se percam no tempo, e para manter a alma de nossas praças, becos, prédios e todos os outros lugares da nossa cidade, como a querida Rua Grande.

Gustavo Martins Marques

No Capítulo 1, ficou evidente o grau de importância que a Rua Grande vem, ao longo do tempo, estabelecendo com a cidade de São Luís, e, por ter sido um lugar socialmente valorizado, justifica nossa inquietação em compreender algumas questões sobre o processo de apropriação que ali se desenvolve: o que sentem hoje os moradores e comerciantes mais antigos da Rua em relação a habitar/ trabalhar em um lugar que já foi considerado como socialmente *valorizado*? Ou seja, como estes grupos vivenciam o *estar* na Rua Grande e o que sentem a esse respeito? Existe alguma diferença entre as Representações Sociais desenvolvidas pelos dois grupos referenciados? Existe alguma semelhança na maneira como esses grupos vivenciam a Rua? Quais as relações entre o conteúdo dessas representações e as transformações socioespaciais que vêm ocorrendo na Rua? Como se deu a apropriação que essas duas realidades (grupo de moradores x grupo de comerciantes) estabeleceram com a Rua e quais seus desdobramentos em termos do significado que esta apresenta para cada um desses segmentos sociais?

Para analisar essa problemática, optamos por interpretar os discursos proferidos pelos indivíduos que representam os grupos sociais já delineados anteriormente (moradores e comerciantes) em relação a um objeto que já foi considerado referência social para a cidade, a Rua, cujo recorte espacial se restringe a um trecho intensamente freqüentado pela população da cidade de São Luís: o trecho compreendido limita-se entre a Praça João Lisboa e a Rua do Passeio, estendendo-se por aproximadamente 760 m, dez quadras, largura média de caixa de rua de dez metros e 118 imóveis.

Sendo assim, consideramos que as falas e as ações dos agentes sociais a que nos referimos como informantes, são um produto das representações - pois são construídas socialmente a partir de uma determinada posição em um determinado espaço - ancoradas sobre a realidade social na qual estão inseridas. Portanto, a fim de determinar o significado da Rua Grande, buscamos respostas nas Representações Sociais que tanto moradores como

comerciantes aferem à Rua. Vale ressaltar, ainda uma vez, que essas representações são coerentes com os conceitos, noções e modos de ver que esses grupos elaboram a partir de suas experiências cotidianas de interação com o objeto e com o *outro* que constitui seu universo de ação.

3.1 A Amostra

Para analisar o conteúdo dos discursos proferidos pelo sujeitos, fomos buscar respaldo no procedimento de avaliação que se refere ao sistema de conhecimento que privilegia o indivíduo exatamente porque este representa um determinado grupo social. Procuramos, portanto, identificar os elementos constantes nas representações dos grupos adotados como referenciais, de modo que a amostragem de cada um desses grupos (moradores e comerciantes) possa traduzir através de suas *histórias de vida*, o verdadeiro sentido do viver na Rua Grande. Essa população se condensa, em sua maioria, no extenso número de casas comerciais que se espalham ao longo da Rua e no Edifício Caiçara que abriga grande parte dos seus moradores. Fora isso, vêm-se apenas duas residências de moradia.

Esses dados se fundamentam conforme o quadro abaixo:

Quadro I - Ocupação do Edifício Caiçara

N.º de andares	10
Nº de apartamentos por andar	06
Nº de apartamentos ocupados	40
Nº de apartamentos desocupados	08
Nº de proprietários antigos	10
Total de apartamentos	48

Fonte: Pesquisa Direta/2001

Da população do Edifício Caiçara, entrevistamos 25 famílias que representam a totalidade do pensamento atribuído a esse grupo. De um total de 40, apenas 10 se constituem como moradores antigos, os demais são famílias oriundas de outros logradouros (em sua grande maioria do próprio Centro da cidade), não possuindo, portanto, muito tempo de vivência no referido local. Todas essas pessoas, no entanto, pertencem a um seletos grupo que ainda vê muitas qualidades em morar nesse espaço, ou seja, acham que os benefícios ainda superam as dificuldades que a Rua apresenta. No contexto desse grupo, constatamos que

todos possuem renda média (segundo suas declarações) que varia de 8 a 55 salários mínimos, escolaridade de nível médio a superior, sendo profissionais liberais, donos de comércio na Rua ou em suas adjacências, funcionários públicos, estudantes (ensino médio e superior) e donas de casa, com idades variando dos 10 aos 85 anos, distribuídos em ambos os sexos.

Como moradores antigos, que ainda permanecem em suas residências unifamiliares (no eixo analisado pela pesquisa), constatamos que somente duas famílias resistem (segundo suas próprias palavras) em abandonar a Rua. São coincidentemente duas funcionárias públicas aposentadas, sendo uma solteira e a outra viúva, na faixa etária entre os 70/75 anos, com renda variando entre 5 e 12 salários mínimos, escolaridade de nível médio. Uma delas mora sozinha (em uma porta-e-janela); a outra, com uma irmã numa bonita casa em estilo que nos lembra o Art-Nouveau (ver **Fig. 19**). É interessante ressaltar que as duas residências localizam-se uma em frente à outra e o sentimento de amizade e partilha é extremamente forte entre as duas. Existe uma particularidade envolvendo uma dessas moradoras: ela vem mantendo, já há algum tempo, dois grupos folclóricos de intensa atuação nas brincadeiras juninas da Ilha – um de tambor de crioula e outro de bumba-meu-boi, danças típicas maranhenses de intenso ritmo afro. É, portanto, uma figura conhecida e respeitada não só no meio artístico e cultural como também por uma significativa parcela da população de nossa cidade.



Figura 19 – Residência de D. Terezinha Jansen (2000)
Fonte: Rua Grande Reabilitação do Patrimônio Histórico

Dando continuidade à pesquisa, procuramos o depoimento dos antigos comerciantes que continuam atuando na área, ou seja, aqueles que ainda desenvolvem atividades comerciais na Rua. Procurando por esses comerciantes em todos os estabelecimentos comerciais da Rua, constatamos que restam apenas nove remanescentes, que também insistem no discurso de que ali ficam enquanto houver condições para tal, mesmo reconhecendo que a Rua vem sofrendo um acelerado processo de deterioração em seus valores e costumes. Todos compactuam um intenso sentimento de nostalgia em relação à Rua.

Esse grupo se caracteriza por serem todos do sexo masculino, possuírem renda variando entre 30 e 65 salários mínimo, idade oscilando entre os 50/87 anos, com escolaridade até o ensino médio. Desses, oito não residem na Rua Grande, restando apenas um que fixou moradia no Edifício Caiçara, juntamente com sua família. Como pudemos perceber na pesquisa, a grande maioria dos chamados comerciantes novos que hoje atuam na Rua, são originários de outros Estados, em geral, trabalhando para multinacionais ou grandes firmas nacionais.

Todos os indivíduos que foram entrevistados, tanto de um grupo quanto de outro, configuram uma significativa parte na condução do processo identitário da Rua, pois cada um, em seu particular, se torna um representante do todo. Citamos aqui Ciampa (1998:172), que em poucas palavras descreve a abrangência do social no contexto do indivíduo: *Então eu – como qualquer ser humano- participo de uma substância humana, que se realiza como histórica e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sempre como humanidade.*

Mas, o que a princípio parecia satisfazer a nossos intuitos, ou seja, referenciar dois grupos distintos ainda atuantes na Rua, começou a reivindicar a presença de outros dois grupos que insistiam em aparecer nas falas dos primeiros: o grupo de ex-moradores, que por uma ou outra razão abandonaram a Rua em busca de melhor qualidade de vida e o grupo dos ex-comerciantes que encerraram suas carreiras nesse local por não verem mais nenhuma possibilidade de permanência no atual contexto da Rua.

Do universo dos ex-moradores, entrevistamos 25 pessoas, distribuídas em ambos os sexos e com idade oscilando entre 55/85 anos. São pessoas de escolaridade variando entre o nível médio e superior, com rendas fixadas entre 15 e 30 salários mínimos.

No grupo dos ex-comerciantes, conseguimos o depoimento de 20 pessoas. Todas elas com escolaridade de nível médio, idade entre os 65/83 anos, renda variando de 15 a 35 salários mínimos e com uma particularidade semelhante ao grupo dos comerciantes antigos que ainda atuam na área: pertencem todos ao sexo masculino.

Assim, fomos juntando todos os elementos que nos conduziram à compreensão dos significados que esses grupos atribuem à Rua.

3.2 O Lugar das entrevistas

O lugar específico para a realização das entrevistas foi exatamente o lugar onde o sujeito habita e onde desenvolve suas expectativas de vida, ou seja, sua morada, que por sua vez recebe, da própria Rua, que se coloca aqui como fonte de interação entre sujeito/objeto, elementos que irão conduzi-los na busca de suas representações.

A casa, como lugar específico, não foi escolhida aleatoriamente. Sua inclusão deve-se a seu profundo caráter de local privilegiado onde se protagoniza toda a emoção humana, local de segurança e proteção. Bachelar (1996) bem nos diz: *a casa é o nosso canto no mundo*. Lúcia Leitão também coloca com extrema pertinência que *a relação do indivíduo com o espaço da casa permite o desenvolvimento do processo de identificação, essencial no sujeito humano* (1998:55). A casa está, portanto imbuída de intensa simbologia em que o processo de troca espaço/indivíduo é legitimado na intimidade dessa relação. Com todos esses *atributos*, a casa torna-se o oráculo onde os personagens adquirem vida. Quando falamos em personagem, queremos referenciar tanto moradores quanto comerciantes, já que são esses dois grupos que revelam a identidade e o conseqüente significado da Rua.

Vemos assim que personagem e identidade se entrelaçam num dueto que se harmoniza e se desestabiliza continuamente de acordo com a realidade apresentada. Ciampa (1998) nos fornece uma visão bastante coerente com nossos propósitos ao dizer que identidade é metamorfose, e que sempre por trás de uma aparente diversidade, existe algo em comum, que pode traduzir o real movimento da identidade, numa dialética que permite desvelar esse caráter de metamorfose. O autor afirma que a identidade é trabalhada sob a forma de personagens, em que o indivíduo é visto como um ator que realiza suas atividades sempre em relação a outros. Sendo assim, a identidade pode adquirir vários personagens. O indivíduo não é mais visto como um ser isolado nem como coisa imediata, e sim como parte de uma relação que se articula tanto na diferença quanto na igualdade. Dessa forma, a realidade implica sempre movimento em incessante transformação. Nessa perspectiva, Ciampa afirma:

uma identidade nos aparece como a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída por uma história pessoal [...] identidade é história. Isso nos permite afirmar que não há personagens fora da história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens. (CIAMPA, 1998:157).

O autor esclarece, ainda, a importância das personagens vividas pelos atores, em que estes se transformam de acordo com as mudanças de papéis, pois enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens. E isso faz parte do ciclo. Mas se, por acaso, não houver mais personagens, será fatalmente decretada a morte do ator.

Refletindo com Ciampa, chegamos à conclusão de que todos nós desenvolvemos essa conotação de atores e que cada um, a seu modo, cria suas personagens em consonância com sua realidade. Identidade, portanto, não pode ser vista só como uma representação, pois esse não é o único aspecto a ser explorado por ela, existe um outro lado, o aspecto constitutivo, que considera o seu processo de produção. Assim, a identidade passa a ser entendida como o próprio processo de identificação (CIAMPA, 1998:60).

Essas breves considerações sobre identidade se fazem pertinentes, pois, no decorrer das entrevistas feitas nas residências, fica notório que cada entrevistado assume o papel de morador e como tal representa a si próprio, ainda que, em algumas ocasiões, deixe transparecer outras qualificações que, aqui e ali, se tornam evidentes em suas falas. O mesmo ocorreu quando da entrevista com os comerciantes. É nessa intrínseca rede de representações que o entrevistador (também com suas representações) estabelece uma teia que vai se expandindo e criando novas formas de ação, permanecendo porém sempre ligado ao elo central que as conduz.

3.3 Os Instrumentos de análise

Como vimos, o estudo das Representações Sociais emerge como plataforma diretamente relacionada ao senso comum, em que os conteúdos sociais são estruturados a partir dos modos, condutas, posturas, ou seja, pela maneira de ser de um determinado grupo social.

Tais condições exigiram uma determinada postura na condução da presente pesquisa. Como elegemos o indivíduo como o principal agente transformador, centralizamos em seus discursos a estratégia de interpretação adequada à análise da problemática construída, ou seja, é o sujeito quem articula e constrói a narrativa e, de acordo com sua vivência, vai recuperando sua **própria história de vida**. Este nos pareceu o caminho mais adequado a seguir ao tratarmos das relações entre indivíduos, espaço, sociedade e cultura, como é o caso da Rua

Grande, cujos moradores e comerciantes mais antigos forneceram as indicações que determinaram as mudanças ocorridas nesse espaço, modificando sua simbologia, alterando o seu significado e, conseqüentemente, imprimindo-lhe uma nova identidade. Usamos, por assim dizer, *matérias vivas*, que a todo momento estão se modificando e descobrindo novos pontos de vista.

A escolha de nossa estratégia recaiu na **história de vida**, por julgarmos ser esta a melhor maneira de visualizar como surgem as Representações Sociais de um determinado grupo. Como se elegeu trabalhar com o social, a proximidade com as pessoas torna-se inevitável, ainda mais, quando essas pessoas são as condutoras do processo. É a riqueza do material humano sendo desvendado, descortinando um mundo imaginário e, ao mesmo tempo real, onde as representações, os símbolos, os significados, os valores e a identidade se entrelaçam mostrando uma outra maneira de ver e sentir o espaço.

Como estamos falando de ciências sociais e humanas, desenvolvendo-se fortes amarras com a psicologia social, enfatizamos o caráter qualitativo da pesquisa capaz de esclarecer melhor as relações que vão se estabelecendo no espaço em questão. Sendo assim, toda e qualquer interpretação do discurso dos moradores e comerciantes foi construída a partir da vivência desses grupos. Essas associações são esclarecidas por vários autores quando colocam que a pesquisa qualitativa permite compreender o ser humano na fluidez das relações sociais (SPINK e MENEGON, 1999:84).

Toda produção do conhecimento até aqui elaborado parte do princípio construcionista social, que nos coloca como produto de nossa esfera social. Como bem traduz Gergen em sua fala:

Os termos em que o mundo é conhecido são artefatos sociais produtos de intercâmbio historicamente situados entre pessoas [...]. nesse sentido, convida-se a investigação das bases históricas e culturais das variadas formas de construção de mundo [...]. As descrições e explicações sobre o mundo são formas de ação social. Desse modo, estão entremeadas com todas atividades humanas (SPINK e FREZZA, 1999:26, 27).

Concluindo que: *dessa maneira, a investigação construcionista vai explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesma* (SPINK & MANEGON,1999:76).

Nas análises das entrevistas, optamos por explicitar elementos de sentidos isolados ou combinados em construtos representacionais (SOUZA apud SPINK 1993-1999:113) que são produzidos, mantidos e extintos em função de condições sociais específicas vividas por indivíduos e grupos. Em vista disso, nossa observação centralizou-se nos testemunhos dados pelos grupos sociais envolvidos no processo através de entrevistas parcialmente estruturadas, como também (e principalmente) de entrevistas não-estruturadas (feitas pela autora do presente trabalho), pois a ausência de estrutura permite uma maior amplitude e flexibilidade, variando de acordo com as necessidades que forem surgindo no decorrer da explanação do interlocutor, facilitando assim intervenções em função do desenrolar das interações.

As entrevistas foram gravadas com a intenção em captar todos os movimentos do entrevistado, que não raro, complementa o seu dito com significativas expressões corporais que se perderiam se o pesquisador não estivesse atento a todas as entrelinhas de seu discurso (do entrevistado). Essa percepção que o locutor desenvolve durante o processo, enriquece sobremaneira o resultado da pesquisa, pois nada lhe passa despercebido. É dessa constante e discreta observação, que obtemos um conhecimento mais apurado da realidade de nosso interlocutor, em que o não dito muitas vezes significa mais do que muitas palavras.

Assim como a entrevista, o tempo de sua aplicação transcorreu o mais livremente possível, sempre em concordância com a disponibilidade do morador ou comerciante, que, de acordo com o seu grau de envolvimento com o objeto e facilidade de expressão, foram conduzindo o tempo da entrevista. Podemos, no entanto, afirmar que em média esse tempo variou entre os 45 a 120 minutos. A realização das entrevistas aconteceu nos meses de agosto, setembro e outubro de 2001.

3.4 A Coleta de dados

Como definimos que a presente pesquisa seria conduzida por uma abordagem com ênfase qualitativa, detivemo-nos, por conta disso, nas peculiaridades, nas nuances que aí se expressam assim como nas relações que vão sendo construídas entre indivíduo/objeto. Sendo

assim, falar em real humano é, sem dúvida, afirmar a necessidade de aprofundar o conhecimento das motivações, das representações, dos valores, enfim, do saber ouvir as complexidades desse real.

Desse modo, esforçamo-nos em extrair dos grupos trabalhados a sua visão enquanto usuários que participam e vivenciam esse espaço no seu dia-a-dia. Nosso interesse maior não foi, portanto, quantificar opiniões e sim interpretá-las da melhor forma possível, ou seja, o mais próximo da realidade percebida para que suas lógicas fossem melhor compreendidas. Dentro dessa perspectiva, o número de entrevistas foi considerado satisfatório quando começaram as repetições de conteúdo, pois entendemos ser este o limite para que uma realidade seja apreendida. Não desprezamos, porém, alguns dados quantitativos, pois estes se fizeram pertinentes no momento em que demonstramos como os moradores e comerciantes estão distribuídos ao longo da Rua em questão.

No decorrer da análise dos conteúdos das entrevistas, voltamo-nos para as Representações Sociais em que o estudo dos significados conduzem todo o processo. Para melhor esclarecer o tema, lançamos mão de alguns recursos didáticos, como deixar bem definido para o entrevistado a natureza de nosso interesse pelo objeto em estudo e a importância de suas colocações para a pesquisa. Para isso, selecionamos algumas perguntas introdutórias e a partir daí mapeamos seus discursos em consonância com as representações que iam surgindo ao longo de suas explicações.

Os aspectos trabalhados no decorrer dessas entrevistas foram distribuídos em duas etapas distintas: na primeira, buscamos identificar quem são realmente os moradores e comerciantes mais antigos, compreendendo por que cada um deles ainda permanece na Rua, identificando, também, os fatores que contribuíram para essa decisão e, por fim, compreender como estes se vêm e como entendem ou sentem o processo de *transfiguração* pelo qual a Rua vem passando, ou seja, como estes setores percebem as mudanças e a continuidade no seu *lugar de vida*. Na segunda etapa, repetimos esse mesmo processo com outros dois grupos (já que sempre apareciam no decorrer das falas do primeiro) que são os ex-moradores e os ex-comerciantes da Rua.

No sentido de conhecer um pouco mais sobre a história da Rua Grande, fomos também buscar informações em fontes que fazem algum tipo de abordagem ao seu contexto histórico, para tanto, excursionamos em bibliotecas públicas e particulares e em alguns

órgãos afins como o Arquivo Público do Estado, o IPHAN e o IPLAM, interagindo-nos assim de alguns fatos que comprovaram pertinência e veracidade nos relatos dos grupos analisados.

Assim, visando ao enriquecimento de nossa pesquisa selecionamos e absorvemos esses novos dados e, partimos para uma análise das representações que cada um desses grupos elabora no decorrer de sua relação com a Rua.

Foi esse, portanto, o nosso método investigativo. Por permitir mergulhar no sentido das coisas e referenciar seres humanos, revelou-nos um trabalho extremamente gratificante. Desse envolvimento nos foi possível descortinar *saberes* que até então permaneciam no recôndito imaginário de alguns. Assim, na tentativa de resgatar a simbologia da Rua, nos aproximamos da essência da identidade, em que as pessoas se vêem naquilo que amam.

4 APROXIMANDO DA IDENTIDADE DA RUA GRANDE: UMA APROXIMAÇÃO PRELIMINAR

As ruas são os referenciais que servem para definir o perímetro de um território, mas, são também unidades significativas para quem as conhece. Definem um continente e mapeiam seu conteúdo. Sustentam uma contradição invocando um modo de vida com o qual são identificadas (SANTOS,1981:10).

Interar-se do que pensam sobre a Rua onde moram ou passam grande parte de seu dia, forneceu-nos um vasto e precioso material para compreender melhor o porque de essas pessoas não abandonarem o local (como a maioria já o fez) e relutarem em aceitar certos padrões considerados como modernos. Da combinação dos elementos desse material, foi-nos possível penetrar em outros universos que, dependendo do ângulo abordado, propiciam um sem-fim de interpretações.

No decorrer das entrevistas, percebemos a dificuldade que as pessoas têm em receber desconhecidos, ainda que estes, como nós, tenham todas as credenciais (comprovadas) para fazê-lo. A princípio, suspeitávamos que esse receio fosse uma consequência dos *tempos modernos* em que as pessoas se trancam em suas casas com medo de praticamente tudo (assaltos, seqüestro etc.). Mas nossa surpresa se deu ao constatar que o maior entrave encontrado não foi esse, e sim a falta de tempo disponível que quase todos pareciam não ter (o que é perfeitamente compreensível nos dias de hoje, no qual repetimos um modelo de vida contemporâneo: trabalho/consumo/trabalho). Ao mesmo tempo, percebemos também uma certa dificuldade por parte de alguns entrevistados em se mostrar, em deixar-se perceber - talvez por conta da presença do desconhecido. Outras variáveis foram surgindo no desenrolar das entrevistas, possibilitando vastas associações, explicitadas na análise de seus conteúdos. Nesse sentido, procuramos nos deter apenas naquelas variáveis que se mostraram significativas ao tema escolhido pela pesquisa e cuja pertinência nos levaram a classificá-las como indispensáveis no andamento do trabalho.

Como já vimos anteriormente, são nos lugares que se experienciam as coisas, resguardando-se vivências e experiências de vida, pois de acordo com TUAN (1983:6) *o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor*. Assim, tudo depende da percepção que temos do lugar, de como o vemos, ou melhor, de como realmente o sentimos. O observador tem não só um papel

decisivo nessa percepção de mundo como também uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem.

Nesse momento, o espaço da rua transforma-se em um lugar, e como tal, imbuído de valor, adquirindo identidade própria. Esse *olhar* mais sensível é de extrema importância para que os desejos e anseios da população sejam detectados, pois sem levá-los em consideração teríamos intervenções urbanísticas ineficazes. Sem levar em conta a identidade do lugar, toda e qualquer intervenção está destinada ao fracasso. Enfatizamos aqui o termo *intervenções* pois a Rua Grande transformou-se, nas últimas décadas, em um grande celeiro delas. E isso é, sem dúvida, um fator preocupante, não só para as pessoas que se interessam pelo urbanismo como também (e principalmente) para aqueles que desenvolvem alguma ligação com a Rua, pois essas transformações quase nunca se integram às estruturas físicas já existentes, sem o cuidado em preservar a ambiência que o lugar possui. Essas *interferências* vão então destruindo acervos, memória, história e tudo o mais que julgarem sem utilidade para seus fins (quase sempre de caráter duvidoso). Nesse processo, os usuários jamais deveriam ficar de fora, pois de sua participação depende grande parte do sucesso de qualquer projeto de intervenção na sua estrutura espacial. Como podemos intervir em um lugar sem considerar as pessoas que lá vivem? Sem ouvir o que elas pensam? Mas que qualquer um, são elas que detêm o conhecimento desse espaço, já que vivenciam o seu dia-a-dia.

Procuramos assim, nas entrevistas com os grupos escolhidos, saber como se processam suas relações com o objeto em estudo, detectando em cada fala, em cada gesto, cada olhar, respostas que nos levassem a compreender melhor o desenrolar de processos que envolvem ao mesmo tempo: espaço/lugar/indivíduo/intervenções.

De posse dessas respostas, embarcamos na investigação de como esse espaço transmuta-se para um lugar (no imaginário dessas pessoas), pois em suas falas foram se revelando a identidade e o significado que a Rua representa em suas vidas.

As relações de identificação existentes entre os dois primeiros grupos pesquisados (moradores e comerciantes que permanecem na Rua) coincidem em diversos pontos. Isso nos levou a considerar também um certo sentimento de *nostalgia* pertinente nos dois lados, já que cada um, à sua maneira, referencia a Rua como: [...] *já foi ótima [...] considerávamos muito as pessoas que aqui moravam, nossos antigos vizinhos. [...] hoje a Rua perdeu grande parte de seu brilho, não nos restou muita coisa.* Mas, por outro lado, existe também um sentimento

de apego, de carinho pela Rua mesmo nas condições em que ela hoje se apresenta: [...] *estamos bem aqui, é perto de tudo. [...] daqui não saio, não tenho mais idade para recomeçar em outro lugar. [...] temos uma boa casa, perto de tudo.*

Esse mesmo sentimento saudosista permeia a fala dos ex-moradores e ex-comerciantes da Rua, para quem a realidade atual desse espaço não se adequou mais às expectativas desses grupos.

Vimos, assim, aspectos que ora se cruzam ora se afastam permanecendo, porém, nos grupos analisados uma inquestionável identificação com o passado da Rua, cujas novas configurações espaciais determinam grande parte dessa reação. Observamos, portanto, como as diferentes configurações espaciais se relacionam entre si e como as práticas sociais entre moradores e comerciantes são determinadas. Nessa reflexão, aportamos na premissa de que os tecidos urbanos proporcionam variadas práticas socioespaciais (o que sobremaneira enriquece os estudos pautados no urbanismo).

Com a intenção de contribuir para um melhor aproveitamento desse estudo, achamos por bem esmiuçar a intensa afinidade de sentimentos que tanto moradores quanto comerciantes possuem com o *seu lugar*, apresentando para isso um breve estudo sobre a dinâmica que envolve essa relação. Nesse sentido, visando a nos aproximar ainda mais desse lugar, fomos buscar as razões que permeiam as escolhas dos moradores e comerciantes em permanecer na Rua. Isso nos conduziu a uma reflexão sobre o fenômeno da identidade. Essa identidade é aqui entendida como possuidora de um caráter de metamorfose, que se traduz num incessante movimento de realidades sempre em transformação. Ao assim proceder, encontramos a figura do *outro*, que emergindo da dinâmica mobilidade das Representações Sociais nos conduz a diferentes gradações no processo da construção dos significados.

4.1 O Permanecer na rua grande para os seus moradores

Hoje, morar na Rua Grande não significa mais ter um certo status social como era antigamente, acho que até pelo contrário, os que se foram daqui, foram exatamente em busca desse status perdido [...] Mas, por outro lado, aqui é um lugar que a gente conhece muito bem, tem o carinho pela Rua, pela casa da gente... que eu, no caso, não troco por nenhuma dessas casinhas de conjunto ai pra longe e muito menos por apartamento, pois tenho certeza que nunca iria me acostumar em viver num local desses. É verdade que muita

coisa mudou por aqui, mas o que não muda neste mundo? São os “novos tempos” e a gente tem mais é que acompanhar essas mudanças se quiser sobreviver nesse corre-corre de hoje em dia [...] Apesar de tudo eu sou uma apaixonada pela minha Rua, não tenho vontade de sair daqui [...] Essa casa tem muita história, nasci aqui, minha família toda passou por aqui, são muitas recordações, muitas lembranças. Essa casa e essa Rua são tudo para mim! [...] me lembro de como era tudo isso aqui. A Rua Grande já foi o grande centro dos acontecimentos de São Luís.. [...] tínhamos também vários cinemas, o Cine Éden que foi um marco na história da cidade. Muito bonito o prédio desse cinema (hoje funciona a loja Marisa). Pelo carnaval, lá se transformava em clube com magníficas matinês. E na época do carnaval era uma alegria só! Bandas de música, corsos (com desfile de carros alegóricos muito bem decorados), blocos variados (com fantasias ricamente confeccionadas), bailes maravilhosos (aqui mesmo nos clubes da Rua). No São João era outra festança, e assim ia praticamente o ano todo, era no Natal, no Ano Novo, na Independência (com desfiles muito bem organizados), nos feriados religiosos (que sempre tinha as procissões), enfim, tudo se comemorava nessa Rua. Tudo, mas tudo mesmo passava por aqui. Nós, moradores, éramos uns privilegiados! (relato de uma moradora da Rua Grande).

O *morar* para essa moradora, como para qualquer outro, adquire conotações específicas e particulares de acordo com os seus valores culturais e socioeconômicos que, juntamente com outros (simbólicos, de acessibilidade, segurança, localização etc.), determinaram o verdadeiro sentido do *habitar*. É nesse lugar, a Rua, destinado ao convívio, que emerge uma imensa e variada gama de seus sentimentos, particularizando não apenas o seu ser (visto que cada um possui seus próprios e intrínsecos valores), mas do seu grupo. A sua fala vem confirmar que:

o Lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida (Carlos, 1996:29).

Assim, o que a moradora nos evidencia é que o lugar de moradia vai adquirindo aspectos identitários. Num primeiro momento, ela nos coloca a perda do status da Rua, inclusive achando que muitos dos que dali mudaram o fizeram buscando exatamente o resgate desse status. Segundo ela, esse status foi se perdendo com as mudanças advindas dos *novos tempos*, que sempre ocorrem em qualquer lugar mas que as pessoas devem estar preparadas para acompanhá-los. Isso, sem dúvida, demonstra que os antigos moradores da

Rua pertenciam a um seleto grupo social que, conscientes disso, não aceitam mudar para locais menos favorecidos. A própria moradora, ao tecer sua sutil crítica ao fato de alguns ex-moradores buscarem a permanência desse status em outros lugares, reforça essa condição ao dizer [...] *tem o carinho pela Rua, pela casa da gente, que eu, no caso, não troco por nenhuma dessas casinhas de conjunto ai pra longe e muito menos por apartamento, pois tenho certeza que nunca iria me acostumar a viver num local desses.* Ou seja, ela também se coloca como moradora de um local privilegiado que não aceita mudar para nada que possa desvalorizar essa posição (mesmo reconhecendo que a Rua se distancia cada vez mais desse propósito). Podemos compreender melhor essas afirmações quando essa mesma moradora nos relata a sua visão da dialética entre o morar na Rua Grande e o morar em bairros distantes do Centro da cidade:

Como falei anteriormente não vejo grandes vantagens em morar ai pra longe do Centro da cidade (pra lá da ponte do São Francisco). Quem já está acostumado nesse vaivém de gente, nessa agitação da Rua durante a semana vai se sentir um “peixe fora d’água” em um lugar diferente (como em geral são esses bairros). Conheço gente que quase morreu de desgosto e tristeza quando foi embora para perto das praias, pra lá então é que não tem vida nenhuma! As pessoas nem se conhecem direito, é cada um no seu canto e o pior, tudo é distante, se precisa de carro pra fazer de um tudo. E quem não dirige como é que fica? Isso lá é vida! Parto do princípio de que a gente só deve mudar se for para melhor! Aqui, apesar de todas as dificuldades, ainda restam alguns vizinhos (moradores). As coisas estão todas ao seu alcance. Não se precisa de carro para tudo, eu, por exemplo, gosto de ir sempre à igreja e aqui o que mais tem é igreja por perto. Também não preciso de ninguém para fazer as minhas coisas, aqui tem bancos, muitas lojas, farmácias, restaurantes que fornecem quentinhas e muitas outras coisas que facilitam meu dia-a-dia. Se aqui na Rua ou por perto dela eu encontro o que preciso, para quê vou querer mudar? É verdade que tem coisas ruins, como o abandono durante os feriados e finais de semana em que a Rua fica praticamente deserta e também perigosa. Nesses dias, você tem que redobrar os cuidados pois os pivetes estão por aí mesmo. Mas, eu penso: qual é o lugar que não tem perigo hoje em dia? Ouço cada história horrível que acontece nesses bairros mais distantes! [...] Também tem a questão dos valores, que vão ficando cada vez mais esquecidos. Hoje em dia ninguém respeita mais ninguém, as pessoas não têm mais aquela solidariedade umas com as outras, isso acabou mesmo! Aliás, é uma das coisas que eu não aceito nesse modernismo.

Em sua fala fica evidente o velho dilema da tradição *versus* modernidade, cuja escolha é feita entre o meio urbano tradicional, com suas casas e ruas, onde todos se conhecem e interagem ou a moderna *selva de pedra*, com suas relações impessoais e constantes alterações em seu espaço físico. São duas realidades distintas: uma com sua história e riqueza culturais e a outra com suas novas técnicas e seus novos usos, acompanhando os *novos tempos*. Essa realidade nos lembra o fenômeno que vem ocorrendo na maioria dos Centros Antigos, onde o colapso de sua infra-estrutura favorece uma crescente degradação da área. Em consequência disso, novas áreas vão surgindo e conquistando muitos seguidores, atraindo grande parte da população residente nesses Centros.

Sabemos que, em São Luís, a história não foi diferente. Na década de 70, como evidenciado no Capítulo 2, inicia-se na cidade uma nova fase para o Centro Histórico, com o surgimento de novas áreas de ocupação que aos poucos vão esvaziando o Centro da cidade. Isso ocorreu principalmente após a construção da ponte Governador José Sarney (ver **Fig. 20**), que liga o Centro da cidade ao bairro do São Francisco, e que, por sua vez, facilita o deslocamento para as praias e diversos outros bairros, encurtando distâncias pela acessibilidade a várias avenidas. Podemos mesmo afirmar que a ponte se tornou o símbolo de uma nova fase da história de São Luís, já que possibilitou a ocupação de áreas que se tornaram referência do moderno. A esse respeito, Valdenira Barros, em seu livro *Imagens do Moderno em São Luís*, diz o seguinte:

[...] o lado da cidade em que está inserido o São Francisco tornou-se referência ao moderno, não apenas pelas novas construções, mas também pelo processo de exclusão social. Sem dúvida, a ponte do São Francisco significou uma ‘travessia’ para o futuro, carregando consigo o sonho de modernização da cidade e todas as contradições sociais que não foram solucionadas pelo poder público ao longo do tempo (BARROS,2001:73)



FIGURA 20 – Vista aérea da Ponte do São Francisco (2000)
Fonte: *Imagens do Moderno em São Luís*

Assim, o panorama que hoje se descortina na cidade demonstra exatamente essa realidade: o Centro sendo paulatinamente esvaziado, com as áreas residenciais cada vez mais escassas ou transformando-se exclusivamente em pontos comerciais. Essa situação se torna patente ao nos depararmos com inúmeros casarões vazios, condenados à degradação. Enquanto isso, do outro lado da Ilha, o que vemos são essas novas áreas de ocupação configurando a chamada *cidade nova* com seus constantes apelos comerciais, divulgando uma excelente qualidade de vida em que os bens materiais estão *facilmente* ao alcance de quem puder usufruí-los.

A razão que perpassa essa questão se redefine nas declarações da moradora, que escolhe permanecer na Rua, apesar das reconhecidas dificuldades, deixando claro, porém, que essas dificuldades não são exclusividade do local, nem do Centro como um todo, mas sim de um contexto muito mais abrangente e complexo, que se estende também e, principalmente, pelos bairros mais afastados. Para ela, continuar na Rua Grande se tornou símbolo de resistência. Não se deixou seduzir pelas solicitações da *cidade nova* que, ao seu ver, legitima uma realidade bem mais *dura* e desprovida de opções. Pertencer a esse outro lado (que ela qualifica de *pra lá da ponte*) representa uma *traição* aos valores que foram sendo construídos através do tempo, e que, segundo suas palavras, *vão ficando cada vez mais esquecidos*.

Via de regra, a questão da tradição *versus* valores modernos aparece sempre acompanhada de um intenso saudosismo. Toda vez que se fala em modernismo, é sempre enfatizando a sua desconexão com os considerados valores tradicionais como amizade, solidariedade, respeito e dedicação, entre outros. Por outro lado, percebemos que o termo tradicional é sempre usado no sentido pejorativo (velho, arcaico, conservador...) isto é, ressaltando apenas o seu lado negativo. No contexto geral, o que vemos é uma modernização fragmentada, pois, na impossibilidade de atingir os padrões cosmopolitas impostos pelo capitalismo, ocorreu uma modernização de espaços localizados. Não conseguimos nos livrar daquilo que representa a tradição, estabelecendo uma sociedade com uma *heterogeneidade multitemporal*, na qual há uma convivência de elementos referentes a diferentes épocas, mediante sobreposição e/ou justaposição de vários tempos numa mesma localidade. (BARROS, 2001:79).

E é exatamente essa heterogeneidade que caracteriza nossa cidade. Percebemos isso tanto no centro da cidade como nos bairros mais afastados. Na ânsia de acompanhar o progresso, a cidade foi sendo atropelada pela chegada de novos valores, mas, com certeza,

não estava preparada para isso. Daí esse eterno dueto: uma parte preconizando a contemporaneidade e tentando se moldar aos novos costumes, enquanto a outra não abre mão das tradições e procura a todo custo mantê-las vivas. O que vimos até hoje na Rua Grande vem confirmando isso, sendo a própria Rua um testemunho dessa condição. Essa questão aparece novamente na voz de outra moradora:

Essa Rua era o centro de tudo. Todos os acontecimentos sociais da cidade estavam de uma ou outra maneira ligados à Rua Grande. Aqui era o foco das atenções e das novidades. Todo mundo se conhecia, as famílias eram todas pessoas de bem, educadas e muito conceituadas na sociedade da época. Não é como hoje que a gente quase não conhece mais ninguém! [...] Ninguém pede mais com licença, acho que nem sabem mais o que é isso! Antes, até o vizinho, quando ia fechar a sua janela, pedia licença. [...] hoje você já sai de casa desconfiada, chega numa loja e não sabe quem está do seu lado, se alguém fica lhe olhando você já fica assustada. Mudou sim, mudou muito tudo isso aqui. [...] acabaram-se também as antigas tradições como os presépios armados pelas famílias da Rua, a queimação de palhinha depois das festas de Natal e Fim de Ano, em que se reunia a vizinhança e os amigos para rezar e depois servir um gostoso chocolate quente acompanhado de docinhos variados, bolos, biscoitos e outras gostosuras típicas da época. Eu e dona Terezinha Jansen, aqui na frente, ainda montamos nosso presépio e queimamos nossa palhinha até hoje. Não deixamos morrer essas antigas tradições. Aliás, nós duas representamos uma espécie de resistência, pois estamos praticamente sós por aqui, a não ser o pessoal do Caiçara, não resta quase nenhum morador por essas bandas. Mas nenhuma de nós quer sair daqui.

Essas duas moradoras nos falam de seus valores como sendo agregados ao tempo em que se constituíram, ressaltando como diferem da apregoada efemeridade da vida moderna, em que a tradição se vê subjugada pelo imediatismo. Esse sentimento de carinho por um tempo que se foi e que jamais voltará é revelado por outra moradora da Rua, precisamente do Edifício Caiçara que, sem dúvida, representa o pensamento de grande parte de seus vizinhos, quando diz:

Era uma Rua de famílias ilustres que foi aos poucos se acabando. A Rua Grande foi a primeira Rua importante que São Luís teve. Toda a vida da cidade girava praticamente em torno dela! Também aqui tinha de um tudo! O comércio era cheio (acho que corria mais dinheiro naquela época). [...] nem se precisava sair daqui para nada. [...] As pessoas se conheciam e se respeitavam. Eram todos educados, independente de sua postura social. [...]

A gente ficava na janela ou na mureta, que era uma espécie de murinho, característico das casas em estilo bangalô, e de lá se admirava o passa-passa das pessoas, aproveitávamos também para ver os paqueras. Foi um tempo muito gostoso mesmo! As casas eram, em sua maioria, uma mistura de residência e comércio, com famílias influentes e ilustres. Os comerciantes procuravam dar à Rua um aspecto aristocrático, caprichando em suas vitrines. Nessa época, era comum, à noitinha, as pessoas irem à Rua Grande apreciar essas vitrines, que sempre estavam muito bem arrumadas. Nem se compara com a bagunça que é hoje! O comércio era totalmente diferente do que se vê agora. As lojas, eram motivo de orgulho para a Rua, tinha a Real Jóias, a Casa Garimpo, a Casa Paris, a Mercearia Neves (com artigos importados, para um público mais refinado), a Calçadeira Piauiense, que trazia todas as novidades do sul e sudeste do país, a Confeitaria Cristal (essa bem mais antiga) e muitas outras... Mas tinham também as lojas mais simples, como a Mercearia Brasil, a padaria Duas Nações, o Lusitana, que na época era apenas uma mercearia (ver Fig. 21) o Café Mineiro, ponto de encontro dos senhores da época, e outros tantos...

Aqui, ela faz uma pequena pausa (visivelmente emocionada pelas lembranças)... mas, logo continua:

[...] uma coisa interessante da época era o sistema de cadernetas, a pessoa telefonava ou mandava a lista de produtos que desejava e prontamente era atendido. Não demorava muito e lá vinha o encarregado das entregas com um caixote na cabeça com as mercadorias e a caderneta para a pessoa assinar (pois o pagamento era feito por mês). Bons tempos em que se podia confiar nos outros.

E complementa entre saudososa e apreensiva:

[...] até mais ou menos 1975 ainda tinham vitrines para serem apreciadas na Rua. Depois, acabaram com tudo. Acho que começou a ficar perigoso... É como se diz mudaram-se os tempos. Agora, todo mundo tem medo de todo mundo e a insegurança é uma ameaça constante em todo lugar, antes, nem se ouvia falar em ladrão..., nós ficávamos até mais de meia-noite passeando por aí (com jóias e tudo) e não acontecia nada. Ninguém via perigo. Essa marginalidade começou a partir de 1973, pois na casa em que morei, nunca tinha dado ladrão e começou a partir daí.



Figura 21 – Merceria Lusitana (1950)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Os depoimentos chegam mesmo a coincidir uns com os outros e as vozes a se confundirem em determinados momentos. O afeto, que todos demonstraram sentir pela Rua, aparece como que marcando um território, delimitando uma área, que hoje pertence apenas aos que resistem em ali permanecer. Nesses relatos, ficou patenteado o profundo envolvimento que os moradores têm com a Rua, gerando uma curiosa cumplicidade entre eles. Com isso, os aspectos identitários se mesclam e se cruzam, resultando na *guarda* de certos valores, costumes e tradições. E é nesse contexto de certezas e dúvidas que emergem as representações do grupo.

Apropriando-nos, uma vez mais, da fala dessa moradora, vemos como o grupo entende a contramão do progresso:

Acho que as pessoas começaram a sair daqui, em grande parte, pelo abandono do Centro. Nessa época, final dos anos 60, muitas famílias já não tinham mais o comércio como fonte de renda. As coisas estavam ficando difíceis para os comerciantes locais. [...] então começou uma mudança no aspecto geral da Rua. Essas casas de comércio e ao mesmo tempo moradia foram sendo vendidas e assim as famílias foram mudando para bairros mais distantes do Centro. [...] Acho que foi mesmo falta de assistência. O Centro ficou esquecido. [...] a preocupação se voltou para os novos bairros e as pessoas passaram também a dar preferência para a parte nova da cidade (depois da ponte do São Francisco). Uma outra coisa que eu senti muito foi a retirada dos bondes (ver Fig. 22) Andei muito de bonde e acho que eles seriam ainda muito úteis nos dias atuais. Nosso Centro não comporta ônibus e a retirada dos bondes foi um erro. [...] o bonde da Gonçalves Dias, nós o

pegávamos aqui em frente ao Caiçara. [...] Tinha também um bonde que passava pela Beira-Mar, eu me lembro bem dele, fazia uma volta bem grande pela cidade. Todos gostavam de passear de bonde. Para as crianças então, era uma festa!

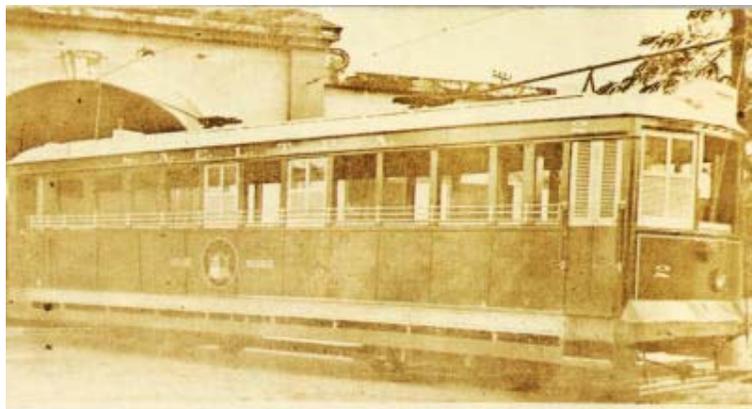


Figura 22 – Bonde “caradura” (1950)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Um ponto sempre reforçado nas falas dos moradores que ainda permanecem na Rua foi a sua proximidade e o fácil acesso a todos os bens necessários para que tenham uma boa qualidade de vida. Para eles, o Centro da cidade ainda é a melhor opção de moradia. O fator acessibilidade demonstrou ser de extrema importância já que permeou 100% dos depoimentos. Pudemos observar, ainda, uma significativa preocupação em manter vivas na memória as antigas formas de apropriação da Rua, que marcaram uma determinada geração, essa questão foi evocada por 90% dos entrevistados. A dialética do desenvolvimento (tradição x modernidade) com todos os seus entraves apareceu também numa surpreendente proporção de 99% dos entrevistados, evidenciando que as Representações Sociais desse grupo de moradores são resultantes de uma intensa ligação com o passado da Rua. Ao se reportarem às suas escolhas em permanecer na Rua, esses moradores cultivam dois sentimentos: um de *anseio*, que é o de verem a Rua bem cuidada pelo poder público, pois afirmam que até hoje nada de significativo foi feito em prol da Rua Grande; pelo contrário, não citam nenhuma melhoria que possa ser atribuída a esse segmento, esperando que essa recente descoberta dos Centros Antigos possa de alguma forma beneficiá-los também. O outro, qualificado como *receio* (e que mais os inquieta), é o de verem a Rua transformar-se em um espaço eminentemente comercial, obrigando-os a buscarem outros rumos. Essas duas colocações surgiram em um grande número de depoimentos, situando-se num universo de 99% dos entrevistados. Assim, a trajetória desses moradores foi pautada por momentos de mudança e continuidade, respectivamente, constituindo-se numa envolvente teia de significados, cujas

representações se deixam transparecer nas palavras, nos gestos, no olhar e até mesmo, nos suspiros de cada uma dessas pessoas.

É importante salientar, ainda, que 96,68% desses moradores alegaram um outro aspecto ao definir suas escolhas. Eles sempre se referem à Rua como possuidora de melhores condições de habitabilidade no que diz respeito à sua tipologia habitacional, ou seja, para eles não compensa sair de um lugar que lhes oferece um certo conforto para arriscar morar em minúsculas casas ou apartamentos, longe de tudo, segundo suas palavras. A busca pelas facilidades do desenvolvimento e do tão apregoado progresso parece não ter seduzido esse grupo, pelo contrário, as condições referentes à tipologia e localização pesaram muito mais.

As falas, a seguir, atestam esse último aspecto: ***Nunca deixei de morar na Rua Grande. Nasci em 1946, na casa de número 471, que pertencia a minha avó (hoje é uma loja de venda de discos). Em 1973, eu me mudei para o Caiçara. Sou viúva há 13 anos e vim morar no Caiçara porque meu marido trabalhava no Banco do Nordeste, que é aqui pertinho, era só descer e ele já estava praticamente no serviço. Me sinto muito ligada aqui. Acho mesmo que meu destino é morar na Rua Grande e não pretendo sair daqui. Comprei até um apartamento melhor do que o que eu morava antes, mais ventilado. Meus filhos nasceram aqui. Tenho um casal, um de 25 anos, que está morando fora e uma de 19 que mora aqui comigo. A de 19 gosta de morar aqui. [...] Já teve aquele “queremos morar no Renascença” mas, depois passou e eles gostam daqui. Como já disse antes, não pretendo sair daqui (professora universitária residente no Caiçara)***

Outra moradora complementa:

Gosto muito de morar aqui na Rua Grande. Meu apartamento aqui no Caiçara é amplo e bem ventilado. Não me vejo mesmo morando em outro lugar. [...] Em São Luís, ou você mora no Centro da cidade ou vai se “enterrar” ai pra longe. Eu sempre morei no Centro, tinha uma casa que por forças das circunstâncias (morte dos parentes), foi vendida, então vim para o Caiçara e não me arrependo. Continuo perto do meu raio de ação. Aqui ainda posso apreciar as coisas, as pessoas..., enfim, me sentir viva e atuante. Não tenho a menor vontade de mudar daqui! (aposentada, moradora do Edifício Caiçara).

Em tudo que foi dito até aqui, presenciemos uma posição bastante coerente entre os moradores a respeito desse recanto. Permitimo-nos, assim, determinar a Rua pela profunda

identificação que os seus moradores demonstraram possuir com ela. Não é à toa que a escolha do lugar de moradia envolve um conjunto de razões que, entre perdas e ganhos, reflete a realidade de cada indivíduo. No cerne dessa escolha, está, com certeza, o sentimento que vai reproduzir o conhecido, o verificável e, conseqüentemente, anular (ou ignorar) o que se configurar como estranho. O ser humano persegue sempre os ganhos, associando-os à sua própria evolução. E, ao longo desse processo, vai traçando critérios, ajustes e reajustes, numa eterna busca em prol de suas aspirações. Nessa busca, vão se estabelecendo vínculos, não só de continuidade (associados à resistência) como um processo de maturação em que as motivações se sobrepõem às demais, mas também de mudança, já que esta faz parte da natureza humana. Assim, quando esses moradores elegem permanecer na Rua Grande, o fazem conscientes das implicações de sua escolha, pesam prós e contra até chegarem a um consenso consigo mesmo, vivenciando, portanto, uma série de expectativas.

Como motivações comuns ao grupo, constatamos a centralidade e acessibilidade (a localização da Rua/perto de tudo); a pertinência em manter alguns valores relacionados com a tradição (as pessoas ainda preservam uma *certa educação*); a valorização de sua tipologia (com residências mais confortáveis do que as encontradas na maioria dos bairros mais distantes) e a afetividade, sempre presente em todos os depoimentos. Em suma, eles entendem a Rua como um lugar que ainda possui boas condições de habitabilidade, apesar das reconhecidas dificuldades. Essas características, consideradas como inerentes ao seu lugar de moradia, com suas similaridades, suas aspirações e, conseqüentemente, suas formas de ver e sentir o mundo, vão conformando suas Representações Sociais em que a cotidianidade e suas relações permitem determinar um vasto campo de significados, ou seja, *imagens, valores, idéias, categorias que são facilmente reconhecidos e respondidos por muitas pessoas de um grupo podem ser características definidoras de uma Representação Social* (MOSCOVICI apud SPINK,1995:52). Desse modo, o senso comum, tão enfatizado por Schutz, torna-se fundamental na condução dessas representações. Segundo suas palavras: *é através dele que o ator social faz a sua própria definição de situação* (apud SPINK,1995:79). Assim, cada ator social possui um conhecimento de sua experiência e, a partir disso, vai atribuindo maior ou menor relevância a determinados temas, aspectos e situações, tendo, no entanto, sempre como referência, a sua própria história.

Assim, no decorrer da história da Rua, descrita por seus moradores, comerciantes, ex-moradores e ex-comerciantes foi ficando cada vez mais claro o sentimento, a afeição, enfim, a profunda afetividade que todos esses segmentos nutrem pela Rua Grande. Essa constância nos

depoimentos incitou-nos a um aprofundamento dessa realidade. Afinal, uma rua pode adquirir um significado tão intenso para diferentes grupos sociais? Parece que sim, pelo menos é o que ficou registrado nas palavras de cada uma dessas pessoas. Nesse contexto, a história de cada grupo é também a história da Rua, pois, em sua trajetória, a Rua foi se incorporando à vida dessas pessoas de tal maneira que se tornou parte dela. É nessa relação construída dia após dia, num incessante caminhar juntos, que vão se tecendo as apropriações, pontuando momentos que ficarão para sempre marcados na memória de quem os vivenciou. Quando um morador ou comerciante faz referência a esses momentos, percebemos todo o envolvimento emocional que circunda o relato. Sendo muitas vezes traídos por suas próprias expressões, um sorriso maroto, um olhar perdido, uma lágrima... As recordações vão reconstituindo um passado que ao mesmo tempo nos parece tão presentes, dado à *vida* que transcende de cada fato relatado. Desse modo, vários personagens entram e saem de cena perpetuando-se nessas lembranças, ora são motorneiros e cobradores dos saudosos bondes, ora a figura emproada de algum literato da época... Assim, embarcamos também nessa retrospectiva pelo tempo, reconhecendo no que restou desse passado toda a força identitária que emana da Rua.

Durante muito tempo, a Rua Grande figurou como o *centro das atenções*, todos os fatos importantes da cidade praticamente convergiam para ela, sendo, inclusive, considerada como ponto cultural de São Luís. Com todas essas peculiaridades, era sobretudo um *lugar de encontros*, com tudo que tinha direito: cinemas, clubes, livrarias, jornais, confeitarias, igreja, mercearias, lojas de artigos finos e importados, sorveterias, bares, farmácias, restaurante, consultórios médicos, sapatarias, joalharias... e tantos outros estabelecimentos. As pessoas estavam sempre em contato umas com as outras, daí essa familiaridade tão presente nas falas de nossos entrevistados. Todos se conheciam, sabiam com quem estavam *lidando*. Isso propiciava uma certa tranquilidade ao local. Ninguém tinha receio de sair à noite, seja que hora fosse. Era, por assim dizer, uma Rua para morar, trabalhar... e, mais que tudo... passear... simplesmente passear, flunar. Enfim, é como um dos antigos moradores colocou: **a Rua Grande nos bastava!**

Vimos que variados podem ser os caminhos que nos levam a permanecer em um determinado local. No entanto, identificado esse caminho, consolidamos nossas representações e passamos a fazer parte desse lugar. Daí, nossa constante preocupação, nosso zelo, nosso interesse em vê-lo melhorando a cada dia. Não se trata mais de um espaço qualquer, trata-se do *meu lugar* que, agora, se enche de significação, exalando vida por todos os poros. Existe, sem dúvida, um certo fascínio nos lugares que se tornam reconhecíveis;

olhando-os, participamos do seu movimento e sentimo-nos, de certa forma, integrado a eles. O lugar, portanto, só passa a adquirir sentido, quando integrado a seus conteúdos sociais.

Com a nítida intenção de nos aproximar, cada vez mais, do lugar escolhido, fizemos um estudo sobre seus conteúdos identitários em que os valores simbólicos, impregnados na escolha desses moradores, ficaram melhor esclarecidos. Partindo desses resultados, chegamos até o significado que a Rua determina para esses grupos. Da mesma forma, fomos buscar o grupo dos comerciantes antigos que ainda atuam na Rua. É o que verificaremos a seguir.

4.2 O Permanecer na rua grande: para os seus comerciantes

Procuramos também respostas a esses mesmos questionamentos no grupo formado pelos comerciantes antigos que ainda *resistem*, segundo suas próprias palavras, na Rua Grande. É interessante ressaltar que esses comerciantes demonstraram possuir profundas identificações com o grupo de moradores, chegando mesmo, em alguns momentos, a se confundirem suas vozes.

Assim, quando ouvimos o senhor Nicolau, comerciante antigo da Rua e um dos proprietários do que foi uma das mais conceituadas lojas de artigos finos para presentes, a Casa Paris, temos a certeza de já ter presenciado essas mesmas colocações vindas porém, de outra fonte, a dos moradores antigos da Rua. Muitos são os pontos de convergência em suas falas. Talvez até, porque detenham o título de antigos usuários, o que já justificaria a semelhança em seus modos de ver e sentir a Rua.

Mas, quem são afinal esses comerciantes? Um olhar mais atento diria que são pessoas dedicadas e persistentes, que não perderam ainda a esperança de dias melhores e que também atribuem ao passado da Rua, fazendo coro com os moradores antigos, toda sua magnitude. Percebemos, porém, que uma profunda e não disfarçada mágoa particulariza esse segmento. Passemos ao relato do senhor Nicolau:

Nossa 'casa' era uma casa bastante conhecida. Temos 85 anos de Maranhão. Já passamos por muitas coisas, muitas crises e estamos aí sobrevivendo e vendo, infelizmente, a decadência da Rua Grande, que hoje, não é mais um ponto convergente da sociedade do Maranhão [...] a sociedade busca os 'shoppings', não por conveniência, nem por preço, mas

por segurança, conforto. Na Rua Grande, nós não temos mais nada disso, e, pra completar a dificuldade, temos os camelôs. Embora eu não seja contra o camelô [...] mas atrapalham, dificultam a circulação de transeuntes. [...] as transversais estão todas tomadas. Também essa história de não poder passar carro pelas transversais é o maior problema, não tem fluxo. [...] muitas pessoas não vêm até aqui pela carência de estacionamentos. Isso tudo faz com que o comércio vá decaindo, a prova disso é que todas as lojas boas, antigas da Rua Grande, desapareceram, nós mesmos, forçados pelas circunstâncias tivemos que sair, estamos numa transversal [...] Há um preconceito da população que não gosta das transversais, não sei se é por causa dos camelôs, se porque passear na Rua Grande sempre foi uma diversão e aqui com os camelôs não dá nem para andar direito [...] Deveriam era fazer um camelódromo. É a única Rua Grande que nós temos. Era uma Rua gostosa, que se percebia uma sociedade [...] às quintas-feiras você tinha prazer em arrumar as vitrines. Era tradição ir ao cinema, tomar um sorvetinho no Hotel Central e depois circular pela Rua Grande. [...] A sociedade vinha para a Rua Grande. As lojas eram muito bem cuidadas, era a Casa Paris, a Real Jóias, a Casa Garimpo... Agora são as grandes lojas de departamento. É lógico que o comércio tem que se expandir, isso aconteceu em todas as capitais, é uma coisa irreversível. Mas não podemos deixar cair de uma vez [...] Chega um turista e o que ele quer ver? As coisas antigas da cidade e a Rua Grande é uma delas. Turista atrai dinheiro.

De sua fala, pudemos tirar muitas informações, ainda que, em determinados momentos, algumas delas ficassem subtendidas em uma voz mais emocionada, uma pausa mais longa, um olhar perdido...Aqui, novamente percebemos a questão dos valores, que volta e meia se entrelaçam nos discursos: [...] *se percebia uma sociedade [...] você tinha prazer em arrumar as vitrines [...] era tradição ir ao cinema [...] a sociedade vinha para a Rua Grande.* São afirmações que atestam a força da tradição cultural que parecia emanar da Rua, sendo mesmo a ser considerado um valor permanente, já incorporado à sua própria estrutura. No entanto, grande parte desses valores foram perdendo força e caindo em desuso, da mesma forma como a sociedade da época, que antes, considerada tradicional e refinada, vê-se hoje no limiar dos novos tempos, com todos seus paradoxos. Na tentativa de se adequarem a essa nova realidade, tanto comerciantes quanto moradores reconhecem a importância de algumas mudanças. Afinal (segundo suas palavras), o que não muda? O problema que esses dois segmentos apontam em relação às transformações ocorridas na trajetória da Rua é que, na maioria das vezes, essas mudanças são abruptas e, na sofreguidão em acompanhar o

progresso, vão destruindo tudo que encontram, incluindo os valores, sejam eles materiais ou simbólicos.

Outro comerciante, mostra-nos o seu sentir em relação à Rua:

*Nem eu mesmo sei por que ainda continuo aqui [...] as coisas estão cada vez piores. A Rua está literalmente abandonada e não vejo nada sendo feito para reverter isso [...] é muito triste você vê um local, como este, assim. [...] o comércio está muito fraco. Acho que não vale mais a pena ficar [...] Minha tristeza é ver que tudo foi mudando... mudando... sei que tudo muda um dia, não posso querer que tudo fique parado no tempo... mas, **acabar com a Rua não!** [...] Mudanças são bem-vindas, se forem bem planejadas [...] Aqui já foi o paraíso e hoje está se transformando num inferno! [...] Mudou tudo [...] olhe aí pela porta e veja o atual público da Rua [...] **ninguém de posses quer mais fazer compras aqui**, não tem nenhum conforto, o calçamento é de péssima qualidade. **Tem também a insegurança**, agora é só povão mesmo! Desse jeito vai terminar igual ao comércio do João Paulo (referindo-se a um bairro extremamente popular de São Luís). **Talvez eu ainda esteja por aqui pelo que essa Rua já foi um dia. Morei na Rua Grande muitos anos de minha vida, nessa casa aqui ao lado da loja. Meu pai também tinha comércio aqui. [...] essa Rua tinha de um tudo e hoje não tem praticamente mais nada!***

Essa perspectiva, bem mais negativa em relação à anterior, assegura que a Rua já perdeu todos seus atributos, não restando quase nada do que significou um dia. Chega inclusive a vê-la igual a um dos comércios mais populares da cidade. O saudosismo se torna uma constante nesse depoimento, tanto que se encerra com uma frase enfática: **essa Rua tinha de um tudo e hoje não tem praticamente mais nada!** Ou seja, a Rua como símbolo, para ele, não existe mais. E, com certeza, esse fato lhe marcou muito, a ponto de ele não aceitá-la como se encontra hoje. De um lugar conhecido e apreciado, passou a figurar como estranho e ameaçador, onde os percalços estão sempre à espreita, destruindo a perpetuação de valores outrora conquistados. Mas, o sentimento de apego que ainda nutre pela Rua, apesar de todas as intempéries, fica notório ao declarar suas antigas ligações com ela, evidenciando a importância que ela já teve em sua vida (pois ali passou grande parte dela). É esse sentimento nostálgico que ainda lhe permite ficar. É o seu vínculo com o passado. São todas suas lembranças que ainda passeiam por ali...Talvez, para esse comerciante, sair da Rua signifique romper definitivamente com todas essas lembranças, o que torna sua decisão mais difícil, pois este nos parece ser o último elo entre eles.

Outro ponto enfatizado nesse depoimento diz respeito às duas realidades vivenciadas pela Rua: a de antigamente, comparada ao *paraíso*, quando tudo parecia ser sublime, perfeito, o céu na terra dos homens, e a de agora, transformada num verdadeiro *inferno*, exemplo de uma degradante situação que, segundo seu ponto de vista, tornou-se irreversível. Mais uma vez vemos o *passado* emergindo soberbo, com aura própria, irrepetível, carregando uma plenitude ímpar, pois tudo o que se refere a esse tempo é sinônimo de coisas boas. Em contrapartida, temos o *presente*, sempre evocado com um certo desprezo, personificando tudo de ruim que pode acontecer a um lugar: violência, barulho, insegurança, degradação urbana, descaracterizações... Sua tristeza é ver que tudo foi *mudando...mudando...* até chegar ao limite máximo de presenciar o fim da *sua* Rua (pois a Rua como ele conheceu, só existe hoje em suas lembranças).

Esse vínculo, presente em todos os depoimentos, se intensifica nas palavras de uma comerciante, pertencente a uma terceira geração de comerciantes de descendência árabe (como várias outras famílias da Rua), que ainda atua na área:

A Rua Grande tinha vida . Ela só faltava falar [...] você conhecia as pessoas [...] o comércio era de alto padrão [...] foi um tempo muito bom [...] Do jeito que era valia a pena.

Essa nostalgia percebida em sua visão de comerciante, ressurgiu também em sua narrativa como ex-moradora, pois, como a grande parte dos comerciantes da época, sua família habitava os cômodos de cima da loja: *[...] passei grande parte de minha vida nessa Rua [...] Daquela época só tenho boas lembranças [...] a Rua era sempre muito movimentada e alegre [...] bons vizinhos, pessoas muito bem educadas [...] e os bondes, que saudade deles! Como moradora que fui, não tenho nada de ruim para falar da Rua, pelo contrário , só coisas boas! Só saímos daqui porque a casa começou a ficar pequena , a família foi crescendo [...] então mudamos para o Monte Castelo, construímos uma casa lá e ficamos só com o comércio [...] acredito que os moradores que saíram daqui só o fizeram por alguma necessidade, não por gosto.*

Voltando a falar como comerciante, acrescenta:

O comércio daqui nunca morreu, só que a maioria foi vendendo as lojas para os estrangeiros: cearenses, pernambucanos, paraibanos [...] Hoje, se você subir e descer a Rua vai achar pouquíssimas lojas de maranhenses [...] o povão compra na Rua Grande [...] Se

*... você tiver paciência em procurar, você compra muitas coisas boas por aqui [...] **ainda se pode comprar tudo que quiser aqui na Rua** e a preços bem mais acessíveis do que nos 'shoppings' [...] aqui tem também artigos de primeira categoria, para o cliente de maior poder aquisitivo. Mas tem um grande problema: **as autoridades estão fazendo um grande descaso com a Rua** [...] falta segurança [...] tem os camelôs [...] **a Rua ainda tem chances de sobreviver** [...] vai ficar muito triste um Centro Histórico acabar assim [...] ainda mais em uma cidade que detém o título de Patrimônio Cultural da Humanidade [...] **o calçamento antigo era muito bom, muito bom mesmo! Então resolveram mudar para essa coisa horrível que está aí. Isso não existe. Talvez queiram mesmo acabar com a Rua** [...] não tem estacionamento, tudo isso atrapalha, afugenta o cliente mais refinado [...] os 'shoppings', levaram grande parte dos clientes daqui [...] agora é mais o pessoal de baixa renda. Aqui na Rua também tem um 'shopping', é menor que os outros, mas é muito bom, com preços bem melhores que os grandes 'shoppings'. **Eu gosto da Rua Grande, trabalho na Rua Grande, já morei na Rua Grande** [...] hoje ela está agonizando. Com todas essas mudanças, nós, comerciantes antigos, estamos sobrevivendo à duras penas, pois, de uma situação estável e promissora, passamos a outra bem diferente, cheia de incertezas e dúvidas. Hoje, ninguém sabe mais o que vai ser disso aqui.*

Como podemos perceber, nossa comerciante/ex-moradora retrata com precisão suas impressões sobre as duas realidades por ela vivenciada, fazendo inclusive uma breve reflexão sobre a influência das mudanças ocorridas na Rua no comportamento desses segmentos. Como vemos, existe nessa comerciante (e em todos os que convivem com a área há muitos anos) a consciência da má administração pública em relação à Rua, principalmente no que diz respeito às intervenções físicas. Essa insatisfação resulta em uma ferrenha crítica quanto à maneira como estas intervenções foram conduzidas, não levando em consideração as reais necessidades de seus usuários, que viram nessas alterações mais um passo para *acabar* com a Rua Grande. O calçamento atual, por exemplo, é sempre citado como de péssima qualidade, ocasionando inclusive diversas quedas nos transeuntes (em particular nas mulheres, pelo uso do salto mais alto). A comerciante ressalta também, com certa veemência que: **o calçamento antigo era muito bom, muito bom mesmo! Então resolveram mudar para essa coisa horrível que está aí.** Ou seja, ela não entende porque *quiseram* mudar uma coisa que era considerada boa para intencionalmente colocar outra pior, pois, segundo suas palavras, **isso não existe.**

O problema do estacionamento também é uma constante na voz dos comerciantes, que atribuem a ele a pouca freqüência do *cliente mais refinado*, ou seja, do que traz mais dinheiro para a Rua. Afirmam que a situação se complica pela obstrução das ruas transversais, totalmente ocupadas pelos camelôs. Se essas ruas fossem liberadas para o tráfego de carros, a fluência teria uma considerável melhora. Esse incentivo de fluxos só se reverteria em benefícios para a grande maioria dos usuários da Rua.

Segundo suas palavras, tanto moradores como comerciantes só foram saindo da Rua por necessidade e não por *gosto*, pois a Rua possuía tantos atrativos que ficava difícil trocá-la por outro lugar. A decisão entre permanecer e ficar perpassa mais uma vez pela questão dos valores, dos símbolos, da identidade e dos significados.

Vejamos a fala (carregada de emoção) de outra ex-moradora, filha de comerciantes que atuaram durante um certo período nesse logradouro, ao nos relatar sua história de vida:

*Sou de descendência libanesa e minha família possuía comércio aqui na Rua Grande. Meus avós vieram, como a maioria dos imigrantes, em busca de melhores condições de vida, fugindo da guerra. Primeiro se estabeleceram em uma chácara no início da Rua Grande, ali constituíram uma família muito grande. Nosso ramo de comércio era couro, **tínhamos um curtume [...] o comércio era embaixo e a casa com 3 pavimentos em cima [...] era status morar na Rua Grande [...] as famílias todas se conheciam [...] o acesso à Rua era uma beleza! [...] o comércio com vitrines lindas [...] Era muito bonito sair à noite para passear pela Rua, não tinha perigo [...] existia muita confiança entre as pessoas, muito respeito [...] tinha o sistema de caderneta, nem precisava assinar, eles anotavam e pronto, só pagava no fim do mês. Era a coisa mais gostosa morar na Rua Grande! [...] você sabia com quem estava lidando. Ah!!! e as manifestações populares, folclóricas, eram todas perto da Rua. O natal era a coisa mais linda do mundo! Papai Noel aparecia pela Rua pedindo alimentos e brinquedos para os pobres [...] a Rua toda enfeitada [...]. No carnaval, famílias inteiras desfilavam naqueles caminhões lindos, enfeitados com muito gosto. Passavam pela Rua e os moradores de suas janelas jogavam confete, serpentina, isso era o dia todinho, durante os 3 dias de carnaval! Aqueles blocos lindos, com fantasias maravilhosas, tomavam toda a Rua [...] Tinha o Casino, com suas festas maravilhosas, o pessoal amanhecia nas ruas [...] não tinha perigo [...] eu cansei de chegar 5/6 horas da manhã a pé [...] Tinha a nega maluca, eu cansei de sair em bloco de nega maluca [...] tinha a turma dos mascarados que entravam nas casas pedindo lanche [...] era uma brincadeira muito saudável [...] não é como agora que***

voce sai e não sabe se volta [...] não tinha a sujeira de jogar urina, maizena, nada disso! Era uma tranquilidade [...] o São João era a mesma alegria! [...] o Bumba-meu-boi [...] os fogos de artifício vinham de São Paulo [...] as famílias ficavam dos balcões de suas janelas com suas velinhas acesas jogando fogos [...] era a coisa mais linda!!! E o 7 de setembro? Todos vinham para a Rua Grande assistir ao desfile. Nesse dia as famílias da Rua se preparavam para receber os amigos, preparavam aqueles lanches, aqueles almoços [...] Essa arrumação levava o dia todo [...] também tinha o dia da Raça, outra festa, era uma loucura!!! As procissões eram outro acontecimento, as famílias ornamentavam as sacadas de suas casas com suas colchas mais bonitas, toalhas bordadas, velas, imagens [...] quando a imagem do santo aparecia jogavam-se pétalas de rosas, eram baldes e baldes de pétalas de rosas. Era uma coisa muito linda!!! Ah! Foi muito linda minha juventude ali naquela Rua!

A profunda identificação que essa ex-moradora demonstra ter com Rua em que viveu se reflete no tom emocionado e até mesmo eloqüente que suas palavras adquirem ao se reportar àquela época. Reconhecemos nessas palavras, gestos e atitudes uma ainda latente ligação com a Rua. Ela mudou de casa, de bairro, de vida, mas, com certeza, não mudou de Rua. É o que podemos observar no decorrer de seu relato:

Eu só lamento ter saído de lá [...] foi difícil a gente se acostumar com a idéia de sair de lá [...] casei, e continuei morando na Rua Grande, no edifício Caiçara [...] só que tinha aquela história dos suicídios no Caiçara [...] do terreno amaldiçoado porque ali era uma igreja [...] mas eu não queria sair da Rua Grande [...] Meu marido, também descendente de libanês, era engenheiro e construiu essa casa aqui no Olho d'água [...] mas eu não queria sair da Rua Grande [...] eu só vim ver essa casa depois de 7 anos [...] eu nunca quis vir pra cá [...] Então minha irmã morreu e minha mãe não podia ficar sozinha [...] fomos morar com ela em nossa antiga casa na Rua Grande [...] mas uma dificuldade muito grande [...] No Caiçara, o carro ainda passava [...] aonde estávamos, não entrava mais carro, o carro tinha que dormir na travessa da Rua da Paz [...] não tinha água, só dava água de madrugada [...] tínhamos que levantar de madrugada para encher tonel [...] Os camelôs tomaram conta da Rua, não se tinha nem acesso à entrada da casa da gente [...] fomos obrigados a sair [...] eu não queria sair [...] 'agora', o jeito é irmos para o Olho D'Água [...] Eu disse que queria conhecer a casa [...] a Rua Grande está na minha memória, eu me lembro de tudo, das lindas residências com seus interiores muito bem decorados (ver Fig. 23,24,25). Aos domingos, nem se precisava sair de casa, era tão gostoso ir para a porta conversar [...] a

Rua completava todos os habitantes dali, em todos os sentidos [...] Se dissessem assim: a Rua Grande vai voltar ao que era, ah! Eu largava isso aqui e voltava prá lá!



Figura 23 – Interior da residência do Sr. Oswaldo Soares (1991)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo



Figura 24 – Interior da Residência do Sr. Oswaldo Soares (1991)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo



Figura 25 – Interior da Residência da Sra. Terezinha Jansen (1991)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Durante muito tempo a Rua Grande foi palco das mais variadas manifestações artísticas e culturais da cidade de São Luís. A força desses eventos está na memória de todos aqueles que ainda vivem para lembrá-los. Ao ouvir a declaração de afeto e apreço que essa ex-moradora faz à Rua, não pudemos deixar de nos sentir emocionado com tanto carinho dispensado a um lugar. Seu depoimento, é, antes de tudo, um *louvor* à Rua em que nasceu e viveu grande parte de sua vida. Quem trafega hoje pela Rua, na maioria das vezes, não imagina como ela era em épocas passadas, não faz idéia da nostalgia cravada em cada residência desfigurada. Mas, para aqueles que cultuam sua memória, cada passo representa uma volta, uma evocação à momentos jamais esquecidos.

Insistimos nesse interessante depoimento, pois personifica a voz de tantos outros moradores que também saíram da Rua, ou melhor, foram compelidos a fazê-lo (segundo suas palavras). Vemos latentes em suas vozes como todos se sentiram praticamente obrigados pelas novas circunstâncias (abandono do poder público, chegada do progresso) a saírem da Rua, nunca se colocando como os autores de tal decisão.

Como pudemos conferir através dos relatos, os grupos evidenciados estabelecem entre si uma evidente correlação. Essas similaridades ficam aparentes quando constatamos suas motivações em comum: a centralidade, a acessibilidade, os valores e, sem dúvida, a imensa afetividade que permeia todos os depoimentos. Todas essas características vão tecendo o chamado *sensu comum*, termo usado por Schutz para consolidar as Representações Sociais, em que cada grupo ancora suas expectativas.

Essa mistura de realidades propicia um encontro do lugar com seus conteúdos identitários determinando assim o verdadeiro significado desse lugar.

Mas, para falar de significado, precisamos, antes, esclarecer um pouco o fenômeno da identidade já que ambos estão diretamente relacionados. A Identidade será aqui tratada tendo como base para os estudos desenvolvidos por Ciampa, que estabelece uma forte conexão desta com o caráter da metamorfose e da não-metamorfose. É o que desenvolveremos no item que se segue.

4.3 Metamorfose e não metamorfose

É interessante constatar como os indivíduos agem desta ou daquela forma em relação a determinadas mudanças e como suas representações não são independentes, pelo contrário, relacionam-se também a outros sistemas de representações, podendo, até mesmo, expressar um discurso sobre uma sociedade inteira. No caso da Rua Grande, essa relação se conecta à identidade que vai adquirindo conforme sua trajetória. É do entrelaçamento entre as lembranças dos grupos e as marcas físicas do espaço que podemos compreender suas complexidades e singularidades. A Rua nos fala através dessas vozes, ganhando uma significação que ultrapassa as contingências físicas.

Mas, para que nosso objetivo seja alcançado com melhor precisão, concentremo-nos na busca da identidade que esse espaço foi adquirindo ao longo do tempo, em que as lembranças foram sendo construídas, se firmando na memória de sua gente. Não sem razão,

Almeida afirma: *Num processo contínuo as lembranças são socialmente construídas apoiadas por referências, símbolos e relíquias do presente, por isso a memória é uma forma de fixar sentido e identidade aos grupos, reconhecendo suas origens e garantindo a sua permanência* (ALMEIDA,1998:1025). A memória é responsável pela perpetuação das coisas. Sendo assim, tempo e espaço não se perdem, conquistam uma certa estabilidade, capazes mesmo de garantir-lhes uma identidade.

Em nossa reflexão sobre identidade, privilegamos, como evidenciado no capítulo teórico, os estudos desenvolvidos por Ciampa. Identidade, como visto, é possuidora de um caráter de metamorfose que vai se traduzir como movimento, como realidade sempre em transformação. Todas as identidades construídas nos lugares são prenes de vida, e como tal, realidades sempre em transformação. Enfatizando essa colocação Ciampa nos diz: *Metamorfose é como a gente ir se transformando permanentemente. Somos seres humanos, somos matéria. Através da prática a gente vai se transformando ...e vai transformando o ambiente* (1998:144,145,146).

Toda transformação está diretamente relacionada com os chamados vínculos identitários que o grupo social tem determinado, sendo que, esses vínculos são capazes de ser metamorfoseados, não só através da introdução de novos atores, como também, de possíveis alterações em seu espaço físico e social. No entanto, como o real é sempre movimento, transformação incessante inserida num contínuo processo de mudanças, a metamorfose começa a mostrar um outro lado: o da não-metamorfose e, conseqüentemente, o não-movimento e a não-transformação, ou seja, *a questão da identidade posta como metamorfose se inverte ao contrário: a não metamorfose* (CIAMPA,1998:148). Isso ocorre quando o caráter reconhecidamente atemporal atribuído à identidade pressuposta é **re-posta**, contrariando a metamorfose. Como exemplo, podemos citar a repetição dos modelos de comportamentos que são decorrentes de determinadas heranças culturais. Na concepção de Ciampa isso se traduz da seguinte forma: *Talvez sociedades mais tradicionais, mais conservadoras, produzam identidades com aparência de não-transformação muito mais convincentes; em sociedades capitalistas; que podem ser caracterizadas por uma grande mobilidade (social, geográfica, ocupacional, familiar, etc), isso pode suscitar dúvidas* (1998:179).

Transladando essa análise para o nosso objeto de estudo, podemos situar, nesse contexto, as representações da grande maioria dos moradores do edifício Caiçara que,

elegendo o prédio como morada, exatamente por este se localizar no Centro da cidade (lugar conhecido e dominado por eles) dão continuidade a um determinado estilo de vida (97% desses moradores são oriundos desse mesmo Centro). Com essa decisão, reforçam suas raízes, perpetuando de certa forma a escolha de seus antepassados. Isso nos leva a acreditar que a identidade pressuposta foi **re-posta** e legitimamente confirmada por suas escolhas. Esse perfil é característico de comunidades reconhecidamente tradicionais, em que a manutenção de certos valores são prioridade em suas vidas. Tivemos a oportunidade de conferir todas essas colocações nos depoimentos que se seguem:

*Morávamos aqui mesmo no Centro da cidade [...] tivemos que vender nossa casa **mas não queríamos deixar o Centro de jeito nenhum**. Apareceu então essa oportunidade de vir para o Caiçara, foi bom, **continuamos no Centro que é nosso ponto de referência**. Esses outros bairros **não me enchem os olhos** (moradora do Caiçara).*

No que complementa outra moradora:

*Não sei se saberia viver longe do Centro da cidade [...] já sei tudo de cor e salteado por aqui [...] **também sempre morei aqui pelo Centro, nasci neste Centro e quero morrer nele!**... Meus avós, meus pais, todos moraram aqui..., nossa casa era mais ali embaixo [...] Dei graças a Deus quando pude comprar esse apartamento aqui na Rua Grande [...] continuo fazendo as minhas coisas do mesmo jeitinho que antes. **Não quero nem ouvir falar em mudar para esses bairros ai pra longe!***

Essas pessoas explicitam a não-metamorfose ao configurar um grupo que, assimilando determinados valores simbólicos, permanece fiel a eles a ponto de rejeitar qualquer mudança que possa comprometê-los. Isso fica claro no primeiro depoimento quando a moradora do Caiçara diz: [...] **esses outros bairros não me enchem os olhos**, no que a outra moradora acrescenta: *Não quero nem ouvir falar em mudar para **esses bairros ai pra longe!*** Nessas palavras está explícito o descaso e a rejeição que ambas nutrem pelos outros bairros da cidade. Ou seja, esses bairros não são merecedores de afeição, pois não perpetuam os valores e as tradições do morar no Centro. Por trás de tudo isso, porém, não deixamos de perceber um sentimento de autoconservação, que é a não-metamorfose, que age como um escudo contra o desconhecido e o imprevisível, a metamorfose.

Nesse contexto, também se enquadram as moradoras das duas residências que restaram à Rua. Suas palavras estão tão comprometidas com esses mesmos valores, que se torna impossível separá-las. A única diferença que podemos ressaltar em suas vozes (residência *versus* edifício) é que os moradores do Caiçara vieram de outras moradas (em geral, do próprio Centro) enquanto os das duas residências sempre estiveram ali. Assim, o sentimento de integração com a Rua é intenso nos dois segmentos, como o é também o de estranheza aos demais bairros, principalmente àqueles que personificam a *abominável* efemeridade atribuída ao mundo moderno.

Na verdade, existe, também, nesses moradores, uma certa resistência em aceitar os novos e diferentes atores que insistem nas mudanças, sem, no entanto, conhecerem a realidade do lugar. Por exemplo, um morador enfatizou em seu discurso que: [...] *hoje, cada um que chega para montar seu negócio na Rua o faz de qualquer jeito, vão derrubando fachadas, interiores e o que mais der, nem querem saber de patrimônio histórico coisa nenhuma!* Nesse desabafo, fica bem demarcado o limite que o morador coloca perante a intromissão de um *outro*, que chega modificando o que se encontrava determinado, estabelecido. E, mais uma vez, um ambiente cercado de tradições vai cedendo espaço para as incertezas de um novo momento. Aqui, o morador configura o caráter do perene, da não metamorfose, ao resistir às mudanças e tentar reproduzir os aspectos da realidade adquirida, enquanto o comerciante que está chegando representa exatamente o oposto: metamorfose, rupturas, identidades não repostas, enfim, características próprias de lugares marcados pela inserção de novos e diferentes conteúdos.

Reconhecemos, porém, que esses moradores mais antigos não são totalmente avessos às mudanças, admitindo mesmo que os processos de continuidade e mudança podem conviver pacificamente, desde que resguardados certos limites. Dentro do que consideram como *certos limites* ressaltam o prévio conhecimento do espaço que se pretende intervir (para que não *agridam* a paisagem da Rua). Essa condição norteou a maioria dos depoimentos (95%, para sermos mais exatos).

Um outro ponto pode nos esclarecer melhor essa questão da continuidade *versus* mudança que permeia grande parte da história da Rua Grande: numa determinada época, as autoridades competentes do Estado resolveram modificar os antigos nomes das ruas da cidade, fazendo uma homenagem a figuras ilustres do cenário sociocultural ludovicence e nacional substituindo os nomes de até então pelo dessas personalidades. À Rua Grande coube

o nome do sanitista Oswaldo Cruz. Esse fato, no entanto, não agradou à população de São Luís e muito menos aos moradores e comerciantes que vivenciavam ali o seu dia-a-dia. Sabemos que o nome distingue, identifica uma pessoa entre tantas outras. Particulariza alguém dando-lhe uma identidade. Sobre isso, esclarece Ciampa (1998:131): *o nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos.* Assim, qualquer coisa que modifique isso vai causar um sentimento de estranheza, fazendo com que não nos reconheçamos mais.

Podemos dizer então que o nome, ao expressar nossa identidade, representa um símbolo do que somos. Mas, seguindo ainda os passos de Ciampa, o nome não determina a identidade de alguém pois é a sua representação. Com isso, a mudança do nome da Rua Grande não alterou em nada a identidade de seus moradores e comerciantes, que continuaram com a mesma bagagem histórica de antes. Indagamos porém: o que mudou então? Não é difícil deduzir se caminhamos na mesma linha de raciocínio. A mudança que ocorreu foi na sua representação. E isso causou sentimentos de estranheza nessas pessoas, pois não se reconheciam como pertencentes à Rua Oswaldo Cruz. Perderam, portanto, suas referências. Observemos esse fato na fala de um morador:

Para mim, e creio que pra todos que moram por aqui, essa Rua sempre se chamou Rua Grande. Essa estória de Rua Oswaldo Cruz não pegou não, tanto que não demorou muito ela voltou a se chamar Rua Grande novamente. Não desmerecendo o Dr. Oswaldo Cruz, mas o nome Rua Grande tem uma história e, além do mais, todo mundo já estava acostumado com ele. As coisas não podem mudar assim. Ninguém muda seu nome de uma hora para outra, muda? Então, é a mesma coisa. Aqui não tem cara de Rua Oswaldo Cruz.. Tem cara de Rua Grande!

Com esse relato, o morador expressa não só o sentimento da grande maioria dos moradores como também dos comerciantes que formaram o nosso universo de pesquisa, pois, praticamente 100% destes se mostraram incomodados com a mudança. Ou seja, a identificação deles era com a Rua Grande. Ela representava o lugar onde viviam e era assim que queriam que ela continuasse a ser chamada, pois o nome nada mais é do que a representação da identidade. Assim, tudo o que for diferente a ele vai , com certeza, causar um sentimento de estranheza e até mesmo de rejeição.

Outro morador corrobora também esse pensar quando afirma:

Não sei que idéia foi essa de mudar o nome da Rua Grande. Não existe nome mais apropriado para ela do que Rua Grande mesmo. Sempre conheci a Rua por esse nome, como é que de repente resolvem mudar? Achei isso o cúmulo! Na época da mudança, eu fiquei muito chateado. Não concordei de jeito nenhum, ainda bem que essa história não foi adiante.

Como vimos, as transformações estão sempre presentes no imbricado processo de construção da identidade dos lugares. A realidade não pode ser considerada como definitiva e acabada, pois está sempre sendo colocada à prova, sempre sendo questionada. O que acontece é que alguns segmentos são mais susceptíveis a essas mudanças, enquanto outros têm mais dificuldade em aceitá-las, resistindo com veemência a toda e qualquer modificação, rejeitando o que lhes parece estranho.

Dessa forma, os vínculos identitários de cada grupo social podem ou não ser metamorfoseados, a partir da inserção ou não de novos conteúdos em que permanência e mudança sintetizam esse eterno jogo de possibilidades.

Para compreendermos com mais precisão o processo identitário dos lugares, voltemos mais uma vez a Ciampa, que nos conduzirá agora pelos caminhos da criação do *personagem*.

4.4 Vendo-se nos outros : a criação do personagem

Um outro aspecto interessante nesse processo de construção da identidade é a sua articulação com o que Ciampa chama de *personagem*. Para o autor, a identidade é constituída de vários personagens, em que a forma personagem é a expressão empírica da identidade. Isso quer dizer que o indivíduo se torna personagem pela predicação de sua atividade no mundo, sempre como um ser que se relaciona com outros, nunca isolado de seu contexto. Assim, a identidade torna-se a articulação desses personagens, pois [...] *ao comparecer frente a alguém, eu me represento. Apresento-me como o representante de mim mesmo. Como me represento? Desempenhando papéis, assumindo papéis (decorrentes de minhas posições)* (CIAMPA,1998:177).

Fazendo uma retrospectiva pelas entrevistas realizadas, tivemos a oportunidade de constatar como as pessoas “incorporam” determinados papéis e agem de acordo com o personagem que criam. Sabendo disso, fizemos questão de entrevistar cada indivíduo em seu *habitat*, ou seja, moradores em suas próprias residências e comerciantes, em seus estabelecimentos comerciais. Essa estratégia nos possibilitou penetrar na essência de cada um desses grupos, extraindo assim, o máximo de cada *personagem*. Mas, intrínseco a cada personagem, apareceram também outros personagens, confirmando o já dito: identidade é a articulação de vários personagens. Tudo isso nos pareceu ainda mais claro quando comparamos seus relatos a respeito do que achavam dos atuais vizinhos (manifestaram-se a esse respeito tanto moradores como comerciantes). Eis aqui alguns de seus depoimentos:

Os vizinhos hoje, aqui na Rua, são poucos. Acho que todos praticamente se conhecem. Têm os daqui do Edifício e os de mais duas casas aqui perto e é só! Os moradores ...bem, eu os vejo como sendo pessoas trabalhadoras, esclarecidas, que têm mais ou menos o mesmo jeito de viver e que preferem o Centro para morar. Digo mesmo que são pessoas de certa cultura, que valorizam as coisas da terra, que se preocupam com o bem-estar da Rua e que vêem tudo isso aqui como parte de suas vidas (relato de um morador/comerciante).

Esse relato partiu dos personagens morador/comerciante/presidente da Federação do Comércio do Maranhão, ou seja, dos três personagens que aí se configuram. Ao discorrer sobre seus vizinhos, nosso interlocutor mostrou muito de si mesmo. E a partir de si próprio descreveu os *outros*: *acho que, eu os vejo como, digo mesmo que...* Sobre esse fato, reportemo-nos às palavras de Ciampa (1998:171): *com isso, estabelece-se uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas.*

É importante ressaltar que o conteúdo desse depoimento manifesta as intenções de tantos outros colhidos no decorrer de nossa pesquisa. E ainda que cada indivíduo enfatize esse ou aquele particular, o somatório será sempre a unidade entre eles. Assim, as representações se movimentam e se recompõem num intrínseco jogo de idéias e práticas coletivas. As pessoas, quando elaboram suas representações, o fazem de tal maneira que o *outro* está sempre embricado nesse processo, ou seja, *o outro e o mesmo são uma construção recíproca* (ARRUDA, 1998:18).

O depoimento abaixo vai nos esclarecer melhor essas colocações:

Eu costumo dizer que as pessoas que moram aqui na Rua Grande pertencem à classe dos cabeças feitas, digo isso porque temos o privilégio de ter por aqui pessoas que ainda valorizam nossos costumes, nossas tradições e conhecem nossa história. Não são pessoas que correm atrás de futilidade. Somos conscientes e pés no chão (moradora do Caiçara).

Vemos então que os moradores representam-se como pertencentes à classe dos *cabeças feitas*, ou seja, das pessoas que sabem o que querem, de um bom nível cultural, pois conhecem e valorizam sua história, costumes e tradições. Não perseguem futilidade, pelo contrário, são conscientes e pés no chão (segundo suas afirmações).

Outro morador acrescentou o seguinte: *a grande maioria aqui é classe média mesmo. Talvez um ou dois tenham um poder aquisitivo maior, mas no geral é classe média. Mas, as pessoas daqui têm uma vantagem sobre as demais: gostam de morar aqui, se identificam com o lugar, conhecem a Rua e valorizam o Centro da cidade. Você percebe que são pessoas com uma certa cultura, que resistem bravamente ao consumismo desenfreado.* Com essa observação, o morador estabelece uma ligação entre ter identidade com a cidade e o morar no Centro, mais precisamente na Rua Grande. É como se as duas coisas não pudessem ser vistas separadamente, como se uma fizesse sempre parte da outra. Não sendo, portanto, concebível imaginar uma identificação maior com a cidade do que aquela feita através do seu Centro Histórico, e nesse contexto está a Rua Grande, representando o símbolo da resistência, *onde as pessoas com uma certa cultura resistem bravamente ao consumismo desenfreado.*

Como pudemos perceber, esse grupo estabelece suas Representações Sociais dentro de determinados parâmetros, que ora se cruzam, ora se afastam, mas que sempre culminam como o reflexo de suas aspirações, certezas e desejos. Nas suas similitudes e diferenças, demonstraram formar um grupo coeso e engajado, sobretudo através dos valores já conquistados.

Vejamos, agora, como os comerciantes antigos da Rua elaboram suas representações na busca de identificar quem são esses “outros” que também atuam na área em questão. Prossigamos com o primeiro depoimento:

O comércio mudou, e mudou muito, então os comerciantes também foram mudando. Hoje, a grande maioria aqui é gente de fora. São os grandes magazines que chegaram e abocanharam boa parte do comércio. Não se conhece mais todo mundo como antes. Na verdade, nem sei direito quem são meus colegas. Só sei dos antigos que ainda estão por aqui, esses eu conheço bem. São gente nossa. Mas o resto...

No conteúdo de seu relato, o comerciante faz uma nítida separação entre esses *outros* que representam o universo dos demais comerciantes que também atuam na Rua. Para ele, existem dois mundos distintos: o dos comerciantes antigos, que ainda permanecem na Rua e que ele diz conhecer bem, inclusive referindo-se a eles como *gente nossa* e o dos *outros* colegas, que ele diz não saber direito quem são, pois, *não se conhece mais todo mundo como antes*.

Desses *outros* ele só pode afirmar que a grande maioria é gente de fora (forasteiros) e que abocanharam boa parte do comércio. E encerra com uma certa aspereza, colocando-os ao nível de *resto*.

Esse jogo de intenções, precisamente, nos remete à questão do *outro*, que está sempre presente quando tratamos de Representações Sociais. Nesse sentido, o comerciante, ao deparar-se com a *diferença* personificada na figura do *outro*, descobre os dois lados da situação: um que valoriza o apreço, a amizade, e outro que acentua a desvalorização, o desprezo. Mas, essa diferença que ao mesmo tempo atrai, fascina e amedronta, num eterno jogo de ambivalência e sedução, vai se desdobrando na empreitada do dia-a-dia de cada um. Ver o *outro* através da diferença é tão comum como o seu contrário, sentir o *outro* através da semelhança e igualdade, que nos leva a uma identificação e empatia. Quando nos sentimos seguros em relação a esse *outro*, as intenções fluem. Se, ao contrário, vemos o *outro* como um ser ameaçador, incógnito e indecifrável, por certo usaremos de cautela se uma aproximação se fizer necessária. Essa relação complexa e antagônica, que se desenvolve com o *desconhecido*, vai incorporando sempre novos elementos *numa trama de retalhos cuja costura se recompõe sucessivamente num traçado sinuoso e semovente* (ARRUDA, 1998:41). Vemos, assim, que se trata de uma construção progressiva em que desejo e medo vão se alternando de acordo com os estímulos encontrados.

Outro comerciante, com mais ou menos o mesmo tempo de Rua Grande que o anterior, nos revela:

Nós aqui somos poucos, isto é, os antigos na Rua. Agora a Rua é deles, dos novos comerciantes. Acabaram-se quase todas as lojas antigas, o padrão agora é outro, bastante diferente do nosso. Hoje, tem muita bobagem, muita quinquilharia vendendo aqui na Rua. Tem também muita gente ficando rico do dia pra noite... dá pra desconfiar, não é mesmo?

Com esse depoimento, vemos mais uma vez confirmada a acentuada presença do sentimento de estranheza que um grupo já instituído estabelece em relação a outro que chega. Constatamos que as representações do grupo mais antigo desembocam à margem de sentimentos ambíguos, que se mesclam e se alternam configurando uma nova realidade: a realidade do não familiar, do novo, do desconhecido, que chega desordenando todo um passado de história, tradição, valores...impondo um outro ritmo, uma nova situação e, até mesmo, uma renovação de seus estoques culturais. Estabeleceu-se assim uma relação de desconfiança com esse *outro*, que é visto sempre com reserva. Nesse contexto, o *outro* pouco significa, pois não faz parte de sua história, de seu mundo; pelo contrário, é considerado como um alienígena num território já constituído.

Caminhando mais um pouco em busca de nosso objetivo principal, que é desvendar as Representações Sociais dos moradores e comerciantes a respeito da Rua Grande, chegamos até o estudo do significado. Já vimos em capítulos anteriores que o significado de algo só tem existência, se for atribuído por alguém, já que são as pessoas que determinam se algo tem ou não significado. Sendo assim, precisamos saber o que essas pessoas fazem nesse espaço/lugar, como se apropriam dele e o que entendem por público e privado nesse contexto. Com essa investigação, ficaremos mais próximos de um entendimento sobre a trajetória socioespacial da Rua em estudo.

4.5 As Apropriações da realidade socioespacial de uma rua e seus desdobramentos em termos de significado

As Representações Sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. Nesse sentido, elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada sujeito vai além de sua própria individualidade para entrar em domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida em comum, o espaço público (JOVCHELOVITCH, 1999:81).

No item anterior, fizemos uma reflexão sobre a Identidade e com isso nos aproximamos dos conteúdos socioculturais que particularizam um lugar. Cabe-nos, agora, esclarecer como se engendram o jogo de significados que permeiam o *pertencer* à Rua Grande.

Para que as pessoas *assimilem* um determinado lugar, é imprescindível que este lugar tenha algum significado para elas, que guarde em si a dimensão do afeto, do conhecido, do vivido. Nesse processo, o lugar vai ganhando sentido através do uso e das relações ali desenvolvidas. Assim, entendemos ser necessário compreender como moradores e comerciantes sentem essa Rua e de que maneira criam suas referências no domínio do que é público e do que é privado. Dessa forma,

[...] se de um lado existiu e ainda existe uma variação enorme em relação às questões e modos de vida caracterizados como público ou como privado, de outro lado, não há registro de qualquer sociedade humana onde o significado da vida pública não se tenha constituído pelo significado da esfera privada e vice-versa (JOVCHELOVITCH,2000:45).

Como já vimos no Capítulo 3 (item 3.6), falando sobre público e privado, as duas realidades definem, respectivamente, o que deve ser visível, comum a todos, distribuído a todos, e o que deve ser velado, oculto, particular, reservado, secreto, indicando portanto *que existem coisas que devem ser privadas e outras coisas que devem ser apresentadas publicamente* (JOVCHELOVITCH, 2000:45). E é exatamente na percepção que moradores e comerciantes desenvolvem a respeito desses dois pólos, (interno e externo), que centramos nossa observação, com a determinação em captar suas representações.

Na construção dessas representações, os dois grupos demonstram aspectos tanto no nível do mundo real (relativos aos aspectos físicos) como também de seu mundo interior (relacionados ao imaginário). Todo esse processo se ancora nas histórias de vida desses segmentos, nos quais os lugares vão adquirindo maior ou menor relevância, conforme a sua significação.

No domínio do geral, podemos dizer que a rua, por ser considerada pública, determina um espaço eminentemente coletivo em que a pluralidade e a diversidade de um mundo

comum asseguram as bases das relações ali desenvolvidas. O que dizer então, se esse espaço transmuda-se para um lugar? Um lugar reconhecidamente seu? Um lugar que se concretize como a extensão de sua morada? Nesse caso, temos configurado uma relação em que os conteúdos simbólicos se mesclam e se cruzam, resultando numa outra maneira de ver/sentir esse espaço/lugar. O público, assim, adquire características do privado e, como tal, incorpora seus valores.

No caso da Rua Grande, identificamos esse sentimento a partir das vozes de seus usuários mais antigos, aqui configurados como moradores e comerciantes que, a despeito das reconhecidas dificuldades, permanecem na Rua. Mas, vamos aos depoimentos:

As pessoas que freqüentam hoje a Rua Grande não têm a mínima noção das coisas! Você pode olhar e comprovar o que estou dizendo. É sujeira pra todo lado. Têm as lixeiras mas parece que ninguém vê, e jogam tudo pelo chão. Isso é um absurdo! Quando eu vejo, eu falo! Essa Rua é como se fosse minha casa e não admito que ninguém venha pra cá sujar, muito menos gente que vem não sei de onde! (moradora da Rua).

No que outro morador complementa:

[...] chegam ao cúmulo de urinarem por aqui mesmo! Não respeitam nem o lugar onde estão [...] onde já se viu..., fazer essas coisas em público! [...] esses camelôs vão deixando tudo sujo, usam e abusam de nossa Rua, dá até pena de ver.

Para esses moradores, a Rua se constitui como parte de suas casas e não admitem que estranhos venham depreciá-la. Isso se traduz quando a moradora enfatiza: *essa Rua é como se fosse minha casa e não admito que ninguém venha pra cá sujar, muito menos, gente que vem não sei de onde!* Ou seja, para ela, a Rua é considerada como uma extensão de sua casa. Nesse sentido, como nos acrescenta Da Matta (1997:16) *o espaço definido pela casa pode aumentar ou diminuir, de acordo com a unidade que surge como foco de oposição ou de contraste. A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público; como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa.* É, portanto, dessa dinâmica da casa & rua, que constatamos as significações inerentes aos lugares, compreendendo a importância de suas práticas socioespaciais.

O outro morador ressaltou a dicotomia entre o público e o privado, demonstrando sua indignação com a falta de postura das pessoas que não sabem distinguir esses espaços. Coloca, também, o abuso dos camelôs para com a Rua, ou melhor *nossa Rua*, segundo suas palavras. Ou seja, a Rua pertence somente a ele e aos demais moradores, numa clara manifestação de *posse* em relação à Rua, fechando um círculo no qual ninguém mais deve penetrar. Nesse caso, o espaço é entendido como um lugar público (de todos) e ao mesmo tempo privado (de cada um), onde cada morador considera como sendo o seu lugar (que por direito lhes pertence), mas que, por pertencer também a outros moradores, pode ser considerado como nosso.

Em seu relato, esse mesmo morador nos coloca a problemática da intromissão de outros (na figura dos camelôs), que chegam para desestabilizar o que se encontrava seguro. Com a apropriação feita pelos moradores, qualquer outro segmento que venha a contrariar o que já se encontra estabelecido, será considerado um invasor. E aqui, mais uma vez, vemos o lugar como uma continuação da morada das pessoas, que dividem responsabilidades e cuidam do que é comum a todos. Nessa seqüência, a Rua Grande se configura como *o nosso lugar* e, por isso mesmo, digno de atenção, respeito e cuidado.

Quando percorremos o grupo dos ex-comerciantes, os discursos começaram a tomar outros rumos. É o que veremos a seguir:

Não sinto mais a Rua como antigamente. Hoje, tem muita cara nova por aqui [...] não faço também muita questão em saber quem são eles. Fico no meu canto e pronto. Não é mais a nossa Rua (dos comerciantes antigos). Digo até que, a Rua agora é deles (dos comerciantes novos) [...] as coisas foram ficando cada vez mais difíceis e eu me vi obrigado a sair da Rua Grande. Passei meu ponto e fui para outra rua, aqui mesmo no Centro, pelas imediações da Rua Grande [...] Os mais antigos não têm mais nem voz para reivindicar nada, são apenas a minoria (ex -comerciante da Rua).

No que ratifica outro ex-comerciante:

Chega um tempo em que a gente vai se sentindo só. Perdendo espaço. Não tem aquele ditado que diz que uma andorinha só não faz verão? Pois é assim que os comerciantes mais antigos daqui da Rua se sentiram. Não tínhamos mais vez. A vez agora foi dada para os

novos comerciantes. Tanto é verdade que o espaço agora é deles. Só espero que cuidem bem dela. É, vamos ver o que eles vão fazer pela Rua Grande.

Com os relatos acima, entramos numa atmosfera mais densa e pragmática, pois as colocações desses ex-comerciantes foram taxativas: *a gente vai se sentindo só. Perdendo espaço [...] Não tínhamos mais vez. A vez agora foi dada para os novos comerciantes [...] o espaço agora é deles [...]* Demonstram assim que perderam as esperanças de dias melhores. Sentiram-se desprezados e, até mesmo, depreciados com a chegada de *outros* comerciantes. Parece que tudo lhes foi tirado e por isso não viam mais perspectivas de permanência na Rua. A partir daí, o espaço começou então a se configurar como um espaço de *outros*. Não reconheciam mais a Rua como sendo deles por isso delegaram a esses *outros* a preocupação com ela. Deram por encerrada sua missão na Rua. Assim, a Rua, apesar de ser um espaço público, passou a ser o **lugar dos outros**, cabendo a estes zelar por ela.

Essas apropriações socioespaciais que moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes desenvolvem com a Rua Grande deixam claro que o significado da Rua pode variar de acordo com as variáveis encontradas por cada um desses segmentos. Dessas apropriações se configuram os lugares, que podem, por sua vez, adquirir diversos aspectos, como já vimos anteriormente: ser uma extensão das moradas das pessoas, conferindo-lhes o título de **nossos lugares** ou, ao contrário, como não extensão dessas moradas, o que lhe valerá a configuração de **lugar dos outros**.

Um outro ângulo foi também ressaltado como fundamental na condução desse processo. É o que nos aponta outro comerciante:

Existe aqui na Rua, praticamente duas alas: a dos antigos e a dos novos. A dos antigos, que está quase se acabando, pois somos bem poucos. Alias, digo que somos a resistência, os sobreviventes. Mas, não sei por quanto tempo vamos resistir a tantas dificuldades [...] Acho injusta a concorrência de hoje em dia, desleal mesmo! Temos hoje só um pedacinho da Rua Grande e pensar que ela já foi toda nossa [...] Os outros chegam e as facilidades, para eles, são muitas. Deve ser o poder do dinheiro. Infelizmente as pessoas perderam o senso do que é direito. Quem trabalha certinho vive marcando passo. É a realidade de hoje.

Nesse discurso, o comerciante colocou alguns aspectos interessantes. Primeiro ele divide a Rua em duas alas: a dele, da qual também fazem parte os comerciantes antigos, que se configuram como a resistência, os que sobreviveram a tantas dificuldades, e a dos *outros*, constituída pelos novos comerciantes, os que vão chegando depois e, ainda assim, encontrando muitas facilidades, os que têm o poder do dinheiro (no sentido de que tudo se compra). Enfatiza, também, como essas alas se comportam perante a ética: a que possui senso do que é direito, que trabalha certinho, e a que perdeu esse senso, que acha que pode comprar tudo. Essa investigação detectou, também, a dinâmica que envolve suas apropriações socioespaciais, pois ao se referir que hoje só possui, juntamente com sua pequena ala, um pedacinho da Rua, determina um sentimento de posse, como se a Rua estivesse dividida em partes distintas, e que cada uma dessas partes pertencesse a um desses segmentos. A Rua passa então a ser propriedade de dois diferentes *senhores*. Mas essa divisão não foi considerada justa, já que uma das partes foi sacrificada, só lhes restando um *pedacinho*, enquanto antes, tinham tudo. Assim, a Rua é vista de forma fragmentada, não permitindo mais aquela visão de um todo (como outrora), uno e integrado. E é dessa forma que os comerciantes antigos entendem o espaço da Rua: como o *meu lugar*, quando se referem a si mesmos; como o *nosso lugar*, quando englobam a ala à qual pertencem, e como o *lugar dos outros*, quando mencionam os novos comerciantes.

Outra apropriação que volta e meia aparecia nos relatos dos entrevistados foi a presença do camelô, representando quase sempre a figura de um *intruso*. Esse aspecto pôde ser visto nas palavras de quase todos os comerciantes com os quais tivemos contato (precisamente 80%). Abaixo a palavra de um deles:

Infelizmente, ainda não conseguiram resolver o problema dos camelôs da Rua Grande. Eles são uns intrusos que insistem em ficar por aqui. De vez em quando a prefeitura ensaia umas medidas mais drásticas, mas depois, amolece. É impressionante o descaso com essa situação! Só pode ser politicagem. Eles (os camelôs) não sentem o menor carinho pela Rua, nem se importam com ela, pois se realmente se importassem, não deixavam tudo sujo do jeito que deixam. Ainda bem que não ficam todo tempo diretamente na Rua Grande. Ficam a maior parte do dia pelas transversais, mas ainda assim, atrapalham com a bagunça que vão deixando por onde passam. Isso é atraso. Definitivamente, a Rua Grande não é lugar para eles.

Para os comerciantes, de um modo geral, o camelô significa exatamente isso: atraso. Não aceitam que até hoje nenhuma medida mais firme tenha sido usada pelo poder público, no caso a prefeitura, para conter o avanço desses *intrusos que insistem em ficar por aqui*. Outro agravante para essa situação é o descaso dos camelôs para com a Rua, que sujam, bagunçam, isto é, não demonstram o menor compromisso com o espaço que usufruem. Nesse relato, vemos novamente a figura do *outro* como um estranho, alheio ao lugar, alguém que não compartilha o mesmo carinho pela Rua, que não criou laços, enfim, alguém que não possui identificação com o local. Somente usa e vai embora, estabelecendo assim, uma relação fria e puramente comercial, bem diferente daquela exercida pelo grupo dos comerciantes antigos. Por essa razão, encerra taxativo nosso interlocutor: [...] *a Rua Grande não é lugar para eles*.

Diante de tudo que ouvimos, sentimos a necessidade de fazer uma abordagem mais aprofundada sobre o tema do saudosismo, cuja insistência em aparecer em praticamente todos os depoimentos exigiu essa reflexão. É o que veremos a seguir.

4.6 Laços que permanecem/uma identificação com o passado

A história passada e a história presente estão aqui em uma relação dialética, e juntas elas se mesclam para evocar uma história possível. [...] Ora, as representações sociais também fazem história a partir de interações cotidianas. Dada sua capacidade de combinar significados do passado, imagens do presente e do futuro elas usam o tempo de forma que vai além do sentido ordinário do tempo. (JOVCHELOVITCH,2000:149)

Essa questão referente ao saudosismo, tão presente nos conteúdos relatados pelos grupos, deixa evidente que a grande maioria (precisamente 90%) de seus componentes são pessoas com idade mais avançada (entre os 50/87 anos). Sendo portanto, para essa faixa etária, perfeitamente compreensível esse tipo de posicionamento.

No entanto, cabe-nos ressaltar que esse fato não trata apenas de lembranças individuais, muito mais que isso, resgata uma condição determinante na vida desses grupos pois, ao estabelecerem uma sólida relação com o passado da Rua, aprofundam sobremaneira sua identificação com ela, tornando mesmo impossível uma dissociação entre eles. Essa observação se respalda no complexo relacionamento que cada grupo determina com a Rua, em que, praticamente todos, fazem coro ao afirmar sua intensa ligação com esse passado

(como ficou registrado em seus depoimentos), chegando mesmo a não conseguirem se desligar dele em nenhum momento e, cada vez que falam da Rua, esse passado sempre emerge com força e eloquência.

Assim, quando nos detemos nas palavras de cada grupo, constatamos com que intensidade esse processo vai tecendo suas representações no imaginário dessas pessoas. A princípio, fica notório como foi sendo construída a identidade atribuída à Rua que, por possuir inúmeros atributos, era considerada exemplar no contexto sociocultural da cidade. Esse panorama objetivou a conquista de um determinado perfil que conferia à Rua qualidades nunca antes outorgadas a qualquer espaço ludovicence. Dessa forma, foi sendo moldado um passado de fervilhantes acontecimentos em que a participação e o reconhecimento de grande parte da população contribuíram para ancorar sua importância e, conseqüentemente, consolidar expectativas de um futuro promissor, com amplas perspectivas de continuidade.

Nesses termos, as Representações Sociais de cada grupo vão se consolidando na medida que esse passado se torna cada vez mais presente, em que as aspirações de hoje remetem uma incessante busca em resgatar um tempo que se foi.

Todo esse contexto nos coloca diante de uma delicada situação: os grupos parecem sobreviver às custas desse imbricado relacionamento e como estão sempre olhando para trás, não conseguem se desvencilhar das amarras desse saudosismo.

Dessa forma, as transformações socioespaciais ocorridas na Rua vão acentuando sobremaneira essa postura. Isso se confirma no momento em que as falas enaltecem uma invejável qualidade de vida reinante nesse espaço até uma determinada época, quando tudo parecia estar no lugar certo e todos usufruíam um bem comum. Mas, chega o momento da ruptura, e o que parecia consolidado começa a desmoronar. E esse lugar acolhedor onde a marcante estética das moradas valorizava o conjunto arquitetônico se vê quase que de repente adquirindo novos contornos, com novos e emergentes usos.

Na verdade, o que transparece provocando essa situação é a constante procura do ser humano em decifrar o novo, em buscar padrões nem sempre condizentes com sua realidade. Indubitavelmente, esse fato desencadeou uma avalanche de descaracterizações ao longo da Rua. E o que se seguiu foi um atropelo de *reformas* tentando inserir a Rua nos moldes do modernismo vigente.

Administrar essa recém- chegada realidade não parecia nada fácil aos que ali já tinham estabelecido sólidos laços de identificação. Foi nesse momento que essas pessoas começaram a perceber a aspereza dos novos acontecimentos e que a tão preconizada renovação urbana havia chegado, impondo seus modelos e padrões. Nessas circunstâncias, a *vontade moderna* em embarcar nesses novos horizontes atraiu diferentes segmentos que viam ali um futuro promissor para o setor comercial. A inserção desses novos atores, com distintos valores e naturezas diversas, trouxe à Rua significativas transformações, alterando o até então intocável aspecto socioespacial que solenemente marcou o perfil de um período, ainda muito recente para a maioria de seus usuários, que não esperavam mudanças tão rápidas nesse sentido.

Dessa forma, a Rua se vê no limiar entre a instauração do *progresso*, com a instituição de novos conteúdos e relações, e a permanência de seus antigos valores, em que história e tradição se confundem. Esse duelo vai ter vida longa e, segundo a ótica dos grupos afetados pela pesquisa, a árdua luta de certa forma se mantém até os dias de hoje. Assim, é com extrema inquietação que presenciam as transformações ocorridas em seu espaço, com a negação de tudo o que a Rua representava até então, buscando apenas sua afirmação como integrante de uma cidade moderna e civilizada.

O que veio a seguir foi uma silenciosa *batalha* procurando neutralizar os nefastos resíduos dessas interferências, tão descomprometida com os anseios desses grupos, que sentiam em cada martelada de demolição como se uma parte de si próprios estivesse também sendo derrubada (de acordo com depoimentos colhidos). Para essas pessoas, era decepcionante ver tudo o que fora construído com esmero e dedicação sendo descartado em nome das *imperiosas necessidades do progresso*, solapando memórias e marcos referenciais.

Com essas interferências e negações do passado, a Rua corria o risco de transformar-se em mais uma espaço sem sentido e sem significado, exibindo uma pseudo fachada progressista. De símbolo de uma época, via-se agora no reboque de um momento, como espaço de passagem, esvaziado de conteúdo. Não sentiam mais a Rua como um lugar de encontro que se abria em receptividade, ao contrário, ela agora se fecha, não participa mais dos acontecimentos da cidade, é apenas uma espectadora a assisti-los.

Suas fachadas já não exibem um apurado senso estético em que o brilho de seu conjunto arquitetônico servia de referência para a cidade, os antigos casarões vão assim sucessivamente sendo substituídos por lojas de gosto duvidoso, intensificando os novos

ideais de grandiosidade e eficiência econômica. É o avanço do poder econômico subjungando os ideais de permanência. Demolindo verdadeiros exemplares de seu acervo sociocultural.

Todos esses acontecimentos começaram a mexer com o imaginário urbano, suscitando um novo diálogo com a história da Rua. Ou seja, a Rua correspondia a uma determinada imagem, que, por sua vez, se expressava em grande parte pela leitura de seus valores simbólicos e, na medida em que esses valores iam sendo negligenciados e até mesmo substituídos, surgia uma certa *resistência* em assimilar esses novos paradigmas. Nesse contexto, as pessoas ali estabelecidas sentiam uma imensa dificuldade em absorver os novos padrões cosmopolitas, em que tudo se revertia para o imediatismo.

Um exemplo do peso desse imaginário se deu quando, no início dos anos 60, começou a construção do Edifício Caiçara, primeiro prédio residencial com características modernas em São Luís. Este fato começou a gerar um certo mal-estar na época pois, no terreno em que o prédio foi erguido existira uma igreja, a de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos, que datava do século XIX e, no imaginário das pessoas, aquele local era considerado quase que sagrado, não devendo portanto ostentar algo tão impessoal como um edifício moderno (ver **Fig. 26,27**). Isso ocorreu apesar de todos saberem que ali não mais existia a igreja, era simplesmente um terreno sem ocupação (já que a igreja havia sido demolida desde 1939), mas ainda assim persistia a relação de identificação daquele espaço com a antiga igreja. Por esse motivo, as pessoas estabelecem uma conexão entre esses dois momentos. E, apesar de serem episódios distintos, separados cronologicamente por mais de trinta anos, despontam sempre no imaginário da população como fatos associados. Através das pistas fornecidas pelos grupos referenciados pela pesquisa, constatamos que o Caiçara só ganhou a alcunha de amaldiçoado, sendo inclusive palco de alguns suicídios, exatamente por se encontrar no mesmo lugar que pertencera à igreja.



Fig 26 – Igreja de Nossa Senhora da conceição dos Mulatos (1938)
Fonte: Imagens do Moderno em São Luís



Fig 27 – Edifício Caiçara (1980)
Fonte: Imagens do Moderno em São Luís

Nessa conflituosa atmosfera de idéias e ideais dos quais faziam parte tanto moradores como comerciantes, cresciam as intervenções, alheias a tudo e a todos, sem dó nem piedade. Era a ordem do capital falando mais alto. A intolerância estabelecendo raízes e estendendo seus tentáculos como índice de força, subjugando tudo a sua volta.

Esse jugo, segundo palavras dos grupos entrevistados, permanece até os dias de hoje, ancorado agora na corrida imobiliária, cuja especulação caminha lado a lado com o cotidiano da Rua.

Assim, através da perspectiva desses grupos, resgatamos o conceito das Representações Sociais e nos certificamos de sua importância na busca de interpretações para o estudo das realidades sociais, nas quais fatos e coisas vão adquirindo significados.

Entretanto, é de suma importância enfatizar que as Representações Sociais não podem ser confundidas com meras imagens reprodutivas de uma pretensa realidade, que podam interpretações próprias. Pelo contrário, o que nos encanta nas Representações é constatar que elas vislumbram inúmeras possibilidades de reformulações, gerando infinitas construções para os fatos apreendidos. As pessoas não são, portanto, simples repetidoras de informações. Buscam muito mais que isso, já que foram agraciadas com a capacidade de pensar e discernir, qualidades inerentes à produção de suas próprias Representações. A partir disso, estarão aptas a reconstruir informações, sem invalidar no entanto o contexto em que foram geradas, no que se incluem os valores e as regras de suas relações sociais.

Essas considerações nos remetem à busca das origens desse saudosismo, em que a questão da afetividade se mostra crucial no desenrolar dos fatos.

4.7 Recordar é viver/na dimensão do afeto

Ao se engajar na tarefa simbólica e compartilhada de representar uma dada realidade sujeitos sociais elaboram sua relação com o mundo social e o investem com afetos e valores (JOVCHELOVITCH,1995:109).

Como estamos sempre voltando ao contexto social em que emergem as representações, cabe aqui uma breve reflexão sobre o tema da afetividade que norteou 100%

dos depoimentos, fato que por si justifica nossa intenção. Além disso, sentimos necessidade de percorrer os caminhos que formam e consolidam esse sentimento no imaginário dessas pessoas.

Tomemos como exemplo os seguintes depoimentos:

[...] meu mundo girava praticamente em torno da Rua Grande. (palavras de uma ex-moradora);

[...] não esqueço nunca dos bons momentos que vivi nessa Rua. (trecho do depoimento de um ex-comerciante);

[...] não troco essa Rua por nenhuma outra. (colocação de um morador);

[...] posso dizer com toda certeza que ali na Rua Grande eu passei os melhores momentos de minha vida. (relato de um ex-comerciante).

Quando ouvimos depoimentos como esses, certificamo-nos mais uma vez do elo que estabiliza e ao mesmo tempo tenciona a relação entre o sujeito e o objeto de nosso enfoque: o afeto. Dizemos que estabiliza porque une, relaciona e identifica realidades e tenciona porque gera também conflitos entre essas realidades.

Esses relatos se transformam em verdadeiros testemunhos dessa interação afetiva que se solidifica nas imagens construídas em torno do próspero passado vivido pela Rua e cuja materialização se dá através das palavras desses sujeitos. Rememorar essa época de bem-aventurança atribuída à Rua é, portanto, cristalizar essa afetividade.

Cientes dessas representações, resgatamos uma série de episódios que, selecionados pelos grupos, nos forneceram uma visão mais apurada da realidade de uma época que se *mostra* pontuada de vantagens e bem feitas.

Dessa afetividade, solidamente ancorada nas imagens do passado da Rua, emerge uma série de descrições que vão constituindo o *saber* que circula nessa comunidade, ou seja, a afeição que cada um dos grupos assume em relação à Rua, é facilmente detectada no carinho

que perpassa por suas falas. Esse momento fica eternizado quando esse passado volta a ser presente, transcrito por palavras carregadas de emoção.

Como vemos, a questão da afetividade se concretiza quando o passado da Rua vem à tona trazendo com ele saudosismo e nostalgia. A identificação com esse momento vivido pela Rua recai sempre na posição de destaque que a Rua ocupava no contexto da época, na empatia que circulava entre os grupos e, sobretudo, na afinidade que as pessoas desenvolveram com o lugar através do tempo ali vivenciado. Assim, o próprio tempo se encarrega de estabelecer uma relação de vida, consolidando laços e perpetuando valores.

Diante dos fatos observados, acreditamos que o fator determinante na condução dessa sólida afetividade foi objetivado por essa relação de convivência e interação desenvolvida no cotidiano, em que a Rua participava ativamente de um momento especial na vida de cada um desses sujeitos, pois, segundo eles, naquele momento, a maioria deles, estava construindo seus caminhos acreditando num futuro promissor (como espelho do presente que ora se apresentava), ou seja, visualizavam grandes perspectivas para o *dia de amanhã*. Não podemos esquecer, no entanto, que esses sujeitos eram bem mais jovens e, portanto, imbuídos de vontade e determinação (características em acordo com a idade). Essa relação se clarifica nesses três depoimentos:

[...] era um tempo bom, muito bom mesmo. Eu tinha uma boa condição de vida e muitas expectativas promissoras para o futuro (comerciante); *[...] não teve tempo melhor que aquele... tínhamos praticamente tudo ao nosso alcance aqui na Rua* (morador antigo que ainda permanece na Rua); *[...] pode até ser considerado exagero de minha parte, mas aquela época foi o melhor tempo que já vivi, pois foi nessa época que conquistei minha independência econômica* (ex-comerciante).

Essas atitudes nos remetem a um tipo de imagem ideal, em que os sujeitos são levados por um alto grau de sentimentos positivos. Dessa forma, saudade e nostalgia apresentam-se envoltos num halo de lembranças afetuosas de um tempo que passou.

No entanto, não podemos deixar de considerar o reverso desse processo, ou seja, o momento em que essas imagens vão se desconstruindo, cedendo lugar a uma nova realidade, cheia de incertezas e expectativas quanto aos rumos que doravante a Rua vai seguir. Essa desconstrução se ancora no crescente modernismo que assola os ideais urbanistas desse novo

momento vivido pela Rua (com maior intensidade nos anos 70), objetivado, por sua vez, pelas crescentes transformações socioespaciais que vão compilando seu patrimônio.

Esses aspectos são reforçados pelos grupos através de palavras tais como: *hoje não temos aqui mais nada que valha realmente a pena* (ex-comerciante); [...] *depois dessa loucura que tomou conta da Rua, com tantas mudanças desnecessárias, nem de longe a Rua lembra o que foi um dia!* (ex-moradora); [...] *em relação ao que já tivemos por aqui, estamos hoje em grande desvantagem...* (morador antigo que ainda permanece na Rua); [...] *muitas vezes penso em deixar tudo isso aqui... já não tenho o mesmo prazer de antes em trabalhar aqui. Estou meio desanimado com os rumos da Rua* (comerciante).

Certamente, esses aspectos dizem respeito às representações que vão se modelando no interior de cada grupo analisado, traduzindo assim o retrato de um lugar diretamente experienciado por eles, onde demonstram o que são/foram e como é/era a vida nesse local.

Para entender melhor o desenrolar do processo que vai firmando as objetivações e as ancoragens relativas às representações contidas nos discursos dos grupos analisados, retomamos à questão crucial de nossa pesquisa: a trajetória socioespacial da Rua Grande.

4.8 No Percalço das transformações

Podemos dizer que a transformação de um espaço *é um meio através do qual a sociedade transforma a natureza ou sistemas artificiais anteriores e a partir disso ela mesma* (CARAMELLA,1995:329).

Nesse contexto, a rua, como espaço social, está sempre em processo de interação com diferentes grupos sociais que, possuidores de interesses diversos, vão consumindo e recriando valores num dinâmico jogo de continuidade e rupturas.

Dentro desse enfoque, encontramos uma Rua Grande tentando se adaptar ao cotidiano das mudanças que continuam a corroer sua herança de celeiro sociocultural da cidade pois, como já nos referimos anteriormente, em praticamente todos os depoimentos, independentes destes pertencerem a este ou àquele grupo referenciado (precisamente 99% de todos os entrevistados), as alterações socioespaciais figuram como fator relevante na construção de suas representações. Ou seja, a Rua que era vista de uma determinada maneira durante um

significativo período, passa, logo após essas transformações, a adquirir outras feições, bem diferente da anterior. Isso, aos olhos desses usuários, desencadeou um intenso e sofrido processo de adaptação aos que ali tinham firmado suas raízes.

Constatamos a consolidação desse fato em alguns trechos dos depoimentos que se seguem:

[...] quando eu me entendi por gente, essa Rua era a mais bem cuidada da cidade. O sobrado que pertencia à nossa família era muito confortável. Tínhamos uma excelente qualidade de vida...que pena que tudo acabou [...] senti o mundo caindo quando começou o derruba-derruba das belas fachadas dos sobrados, dos casarões. Parece que iam levando um pouco de mim em cada martelada. É triste você presenciar sua própria história se transformando em entulho (depoimento de um ex-morador).

O apego que esse ex-morador dispensa à Rua de outrora encontra eco nas palavras de outra ex-moradora:

[...] cada vez que via um dos belos sobrados sendo transfigurado para a vinda desses grandes magazines, ficava pensando no que isso poderia significar em termos de melhoria para a Rua e sinceramente não via nada que pudesse justificar essa barbárie. Será que não se poderia juntar o presente com o passado, abrindo espaço para o progresso sim, mas de modo que as duas realidades convivessem sem atropelos? Seria impossível conciliar essas duas realidades? O moderno, o atual, o novo tem sempre que se sobrepor atropelando o que é antigo?

O testemunho dessa ex-moradora nos coloca novamente diante da discussão do antigo x novo em que as duas realidades aparecem quase sempre em clima de conflito (esse impasse já foi discutido anteriormente). Como vemos, toda vez que é feita uma interferência sem o cuidado de observar os costumes e as expectativas do meio a ser trabalhado, as conseqüências podem implicar sérios desgastes para ambos os lados. Essas novas apropriações induzem a um circuito de mudanças que nem sempre estão sintonizadas com os padrões já estabelecidos, gerando, assim, uma certa tensão entre as partes envolvidas. Isso se materializa na desconfiança quanto aos reais propósitos dessas interferências.

Outro morador, que também presenciou esses fatos e continua residindo nesse logradouro, nos relatou o seguinte:

As transformações por que passou a Rua Grande, deixaram marcas em todos que tinham algum tipo de ligação com ela. [...] na minha opinião, as mudanças foram ocorrendo meio rápidas demais! Por exemplo, tinha dia de amanhecer duas, três casas com as fachadas todas embaixo. É que as pessoas escolhiam a noite para fazerem essas demolições pois, tinham receio do patrimônio, que se dizia protetor do acervo da Rua. [...] as novas casas de comércio foram chegando com força total. [...] mas, entenda bem, não era que todos fossem contra as mudanças. O negócio era meio complicado, a gente queria as boas novas (os magazines) mas também queria a Rua preservada. [...] O progresso não traz só coisas ruins não, tem suas vantagens. [...] mas não precisava destruir o que estava bom precisava? [...] e ainda tinha mais: cada loja que chegava se achava no direito de colocar umas placas enormes e de profundo mau-gosto (prá não dizer horríveis). [...] pintavam as fachadas de qualquer jeito. Não estavam nem aí para a estética. Definitivamente, não se via mais o esmero de antes!

Mais uma vez estamos diante do resultado de uma intervenção que ocorreu alheia aos anseios de uma significativa parte da população, trazendo insatisfação e descontentamento. Isso vem atestar que a maioria dessas pessoas tinha consciência de que uma intervenção pode produzir resultados positivos, mesmo quando atuando em áreas ditas problemáticas (nesse caso, por se tratar de uma Rua de fundamental importância para a cidade). Sendo assim, a recuperação de velhos casarios para atividades exclusivamente comerciais pode e deve respeitar a ambiência do lugar, valorizando e dando continuidade a todos os atributos encontrados. Afinal, uma história urbana é também contada através de seu acervo arquitetônico.

Cabe aqui uma reflexão sobre o nível de consciência das pessoas em relação à necessidade de resgatar a história local e, conseqüentemente, em fazer resistência às constantes e indevidas transformações no patrimônio edificado.

Sem dúvida, é uma questão delicada que deve ser vista e trabalhada com cautela. Não é sem motivo que existem muitas críticas quanto à falta de uma política urbana que incorpore o patrimônio como peça-chave para o desenvolvimento. Seria talvez o caso de juntar parcerias como governo, prefeitura e iniciativa privada num trabalho conjunto para a preservação

desses espaços. Quem sabe assim diminuiria a falta de informação que muitas vezes leva a atitudes radicais e arbitrárias como a destruição de marcos referenciais, verdadeiros suportes da memória coletiva de um povo.

Como podemos ver, os problemas advindos dessas interferências podem afetar diversos segmentos sociais urbanos, colocando face a face interesses bastante diferentes. Cabe, então, enfatizar que toda pretensa proteção ao patrimônio não deve se deter apenas em termos do espaço físico, mas sim, buscar sempre o reconhecimento de seu contexto social, pois é lá que as atividades humanas se desenvolvem e se solidificam.

Vimos assim, como moradores e comerciantes antigos da Rua Grande vêm configurado o seu lugar no contexto espacial da Rua e de que maneira sentem o desenrolar desse processo, estabelecendo uma estreita e complexa relação entre ***o meu lugar, o lugar do(s) outro(s) e o nosso lugar***. Para isso, penetramos também nas apropriações socioespaciais que o lugar determina para esses segmentos. No próximo item, apresentaremos a conclusão com uma síntese desse conteúdo, enfatizando como se forma a intrínseca teia que envolve ao mesmo tempo símbolo, identidade e significado, que foram se revelando na trajetória da Rua em estudo.

5 CONCLUSÃO

Contando estórias, grupos e indivíduos humanos relembram o que passou, dão origem e sentido à experiência e manipulam a cadeia de eventos que forma tanto a vida social como a vida individual. No processo de colocar a si mesmo e sua vida social em uma estória,, sujeitos sociais apresentam imagens que adquirem vida, engajam-se em diálogos múltiplos e redefinem o mundo social (Sandra JOVCHELOVITCH,2000:144).

Ao referenciarmos nossas bases de estudo na Teoria das Representações Sociais, inaugurada por Serge Moscovici, compreendemos melhor a intrínseca rede de significados que se introjectam na construção das distintas realidades sociais. Desse modo, ficamos cientes do poder e do fascínio que a Rua Grande ainda exerce sobre os segmentos consultados, cujas representações a envolvem sempre como símbolo de uma época de apogeu.

Dessa forma, a Rua Grande, como lugar, se enche de significado não só em decorrência de seu expressivo passado e conteúdo histórico, mas também por permanecer como um importante eixo comercial do centro da cidade de São Luís. Nos diversos momentos de sua trajetória, fica evidenciado um forte elo que se estabelece com seus moradores, comerciantes, ex-moradores e ex-comerciantes (conforme suas falas).

Se, outrora, essa Rua absorvia e centralizava praticamente toda a vida sociocultural de seus moradores e comerciantes, sobrevive hoje, quase que exclusivamente, de lembranças no imaginário dessas pessoas e de um constante apelo comercial que se traduz numa crescente especulação imobiliária.

Diante do exposto, compreendemos que as motivações que levam as pessoas a escolherem este ou aquele lugar como *porto* de suas vidas, perpassa por diversas etapas até adquirir identidade própria. São histórias que vão agregando valores, que vão se firmando e uma infinidade de outros elementos que, juntos, determinam o tipo de relação que essas pessoas estabelecem com o lugar em que vivem pois, em geral, desenvolvem ligações muito fortes com eles.

Nesse caso, a relação sujeito/lugar se tornou tão íntima que resultou em semelhantes apropriações por parte desses moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes. Partindo das idéias desses grupos, compreendemos que as Representações Sociais por eles elaboradas se cruzam em muitos itens - talvez por possuírem uma mesma herança histórica de

convívio em relação à Rua - o que lhes permite uma certa similitude em suas percepções e colocações. Constatamos, também, que para esses usuários a Rua não é um simples espaço de transeuntes. Ela está repleta de significado, pois faz parte de suas histórias de vida - carrega em si a produção de vida em todas as suas dimensões, passando a refletir uma imensa carga valorativa nas representações desses indivíduos. Suas falas demonstram que a Rua adquiriu esse direito ao incorporar valores desse cotidiano. Sendo que esses valores são responsáveis por manter uma certa homogeneidade na maneira de ver e sentir esse lugar.

Essas constatações se concretizam no saber contido nas Representações Sociais desencadeadas por esses grupos e incorporadas ao processo socioespacial da Rua, em que sujeitos sociais compartilham uma dada realidade, engajados por um conjunto de imagens e afetos, responsáveis pela sua conexão com o mundo social.

Dessa relação sujeito/representações/meio social emergiram temas imperativos na construção do significado que esses segmentos atribuem à Rua. Fazemos a seguir uma organização do campo representacional desses grupos com os referidos temas.



Como pudemos visualizar, os temas presentes em cada contexto foram bastante próximos na maneira como os grupos sentem a Rua. Desse modo, o cenário apresentado por cada segmento atesta como se formam as representações na percepção do ambiente vivido.

Assim, a construção das Representações Sociais dos grupos analisados revela uma intensa passagem entre vários domínios do campo afetivo, em que as imagens do passado vão se tornando cada vez mais presente.

Essa **afetividade**, ressaltada em todos os depoimentos com bastante veemência, marca cada palavra, cada gesto, cada olhar, de uma maneira tão intensa que, por várias vezes, tivemos a sensação de *ver* tudo aquilo que essas pessoas falavam, embarcando também nessa nostálgica retrospectiva. Dessa forma, todos os grupos demonstraram possuir uma profunda cumplicidade na ânsia de reviver um tempo perdido, mesmo que isso só seja possível através de lembranças. E, foi exatamente nessa identificação com esse tempo vivido na Rua, em que esta aparece carregada de simbologia – lugar de status, de encontros, de grandes eventos culturais, ocupando uma posição de destaque no contexto sociocultural da cidade, que resgatamos os desdobramentos dessa afetividade através de sentimentos como **saudosismo** e **nostalgia**. Constatamos que, nesse momento, a história da Rua (retomando sempre sua época de apogeu) tem um peso decisivo nas representações dos grupos; esse fato se confirma quando suas falas se voltam para os eventos ocorridos na Rua, em que praticamente tudo se comemorava: datas cívicas, festas populares, festas religiosas e tantas outras manifestações, garantidas por uma eficiente infra-estrutura urbana. Durante um longo tempo, a Rua Grande permaneceu assim, reinando absoluta no cenário sociocultural de São Luís, compondo o retrato de um lugar com aura própria, irrepetível. Foi essa atmosfera de bem-aventuranças que ajudou a criar esse saudosismo que se perpetua em todas as falas, sejam elas de moradores, ex-moradores, comerciantes ou ex-comerciantes.

Esse saudosismo tem continuidade num certo sentimento de **nostalgia** que também perpassa por todos os depoimentos, reforçado pela ambiência da Rua, que durante um determinado período *tinha praticamente de um tudo* (palavras de uma moradora), evidenciando assim uma intensa diversidade de usos, com residências, farmácias, cinemas, clubes, jornais, escolas, lojas, bares, restaurantes, confeitarias, igrejas, enfim, uma Rua praticamente auto-suficiente, em que usos e funções denotavam uma sólida integração. Como ficou demonstrado através das falas das pessoas entrevistadas, essa diversidade de usos estabeleceu uma corrente de interações favorecendo as relações interpessoais entre os grupos,

ou seja, esse fato estabeleceu uma intensa ligação entre as pessoas que vivenciaram esse momento, desencadeando esse nostálgico sentimento de perda quando essa diversidade foi cedendo lugar ao uso quase que exclusivo do comércio.

Esse período se desestabiliza com a chegada dos *novos tempos*, em que novas e emergentes idéias de renovação urbana se implantam na Rua. Nessa atmosfera de conflito, constatamos a passagem da Rua de um tempo caracterizado pelo apogeu para um período de declínio. Esse momento se eterniza no imaginário desses grupos pela insatisfação gerada com a *avalanche comercial*, que traz consigo a perda de grande parte da tão apregoada **tradição** que, até então, caracterizava aquele local. Nessas circunstâncias, a Rua rompe com grande parte de seus valores e passa a adquirir outras feições. É o momento das transformações, em que se estabelece o dilema entre a permanência do meio urbano tradicional, com seus valores consolidados, sua história e riqueza cultural e a assimilação de uma recém-chegada modernidade, com suas relações impessoais e constantes alterações no espaço urbano. Sobre essa dialética, os grupos foram unânimes em afirmar que a Rua não estava preparada para tais mudanças e também que eles próprios não se sentiam à vontade com a velocidade com que elas estavam acontecendo. Essas transformações e negações reforçam a constatação de que a Rua se voltou, a partir dessa nova realidade, para os escusos interesses dos ideais progressistas obscurecendo os antigos valores respaldados na tradição.

Esses temas são considerados como principais pois se fizeram presentes em todos os grupos, circulando por todas as falas, servindo de eixo na condução de outros temas que, imbricados a estes, dão continuidade ao dinâmico processo das representações no meio social.

Seguindo sempre o caminho traçado pelas representações elaboradas pelos grupos analisados, encontramos algumas questões que se tornaram pertinentes para um melhor entendimento da trajetória da Rua Grande em termos de seu significado. Essas questões se desdobraram em outros temas que, apesar de não configurarem uma opinião geral entre os grupos, respaldam características particulares importantes na afirmação dessas representações (ver quadro1), confirmando, assim, a realidade que transita nesse meio.

O estudo realizado veio evidenciar que o grupo dos moradores que permanece na Rua Grande o faz, por considerar que ainda vale a pena insistir em um local tão carregado de significado. Para eles, a Rua representa parte de suas vidas e estão totalmente envolvidos com/por ela. Autodenominam-se como **a resistência** e não conseguem se ver morando em

outro lugar, pois, morar ali ainda lhes confere certos privilégios, como a localização (centralidade) e sua conseqüente acessibilidade aos bens materiais. Também não abrem mão de certos valores conquistados e não se deixam seduzir pelas *armadilhas* do mundo moderno. Entendem a Rua como sendo *o meu lugar* e *o nosso lugar*, pois, embora em número infinitamente menor que nos áureos tempos, acreditam ser os principais guardiões desse espaço. E, apesar de tantas mudanças e **insatisfações** geradas por elas como as intervenções descomprometidas com o acervo patrimonial, o comércio tomando conta da Rua, ocasionando com isso uma certa **insegurança** nos feriados e fins de semana, quando a Rua fica praticamente deserta, esses moradores conseguem manter ainda uma significativa identificação com a Rua. Mas, para isso, estão sempre atrelados ao passado, como ponto referencial de suas vidas.

No grupo dos comerciantes, as diferenças se ancoram em seus sentimentos e expectativas (bem mais pessimistas), em que **ressentimento**, **insatisfação**, **descontentamento** e **desconfiança** se entrelaçam fazendo com que o grupo já não se *veja* como peça importante no imenso quebra-cabeça que se tornou a Rua. Ressentem-se por estarem à margem dos acontecimentos referentes à Rua, não se sentem mais valorizados como antes. Acreditam mesmo que, hoje, pouco podem fazer pela Rua, pois é apenas uma minoria que ainda insiste permanecendo ali. Para eles, a Rua Grande perdeu sua identidade, não é mais o centro difusor dos acontecimentos, não dita mais moda e nem de longe lembra a opulência que um dia teve. Com uma visível mágoa, citam os novos comerciantes como os atuais herdeiros da Rua. São agora esses *outros* os responsáveis pela nova imagem da Rua, com um comércio notadamente voltado para o popular. São também esses *outros* que não demonstram a mesma ligação afetiva com a Rua, ou seja, não possuem o tempo de vivência, fator decisivo na construção dessa identificação. São pessoas interessadas apenas em lucros pessoais e na valorização da Rua enquanto espaço comercial, o que com certeza gera transformações negativas no sentido da conservação de seu patrimônio histórico e artístico. Essa realidade se traduz na não aceitação do novo, do não familiar, do desconhecido, do estranho que chega desordenando todo um passado. Em suas representações, esses comerciantes traduzem a Rua apenas como local de passagem e não mais de encontro (como outrora). A Rua agora, de modo geral, passou a ser o *lugar dos outros*.

Ao penetrarmos no mundo dos ex-moradores, deparamo-nos com um incomensurável **descontentamento**, explicitado pela maneira como se dirigem a esse espaço: sempre rememorando o passado, enaltecendo tudo o que diz respeito a ele e somente a ele.

Praticamente ignorando o presente, o hoje da Rua Grande não significa nada para eles, que estão literalmente presos ao seu passado. Asseguram que só saíram da Rua por força das circunstâncias, relacionando esse fato ao descaso do poder público em relação à Rua, como também em presenciar um lugar carregado de identidade cultural com a cidade, ser absorvido pelos novos conteúdos modernistas (uma referência ao modernismo, com seus caracteres impessoais) que impõe um outro ritmo, renovando estoques culturais que passam a não se identificar com os valores socioculturais ali estabelecidos. Ainda assim, a grande maioria afirmou que se a Rua voltasse a ser pelo menos parte do que foi um dia, eles estariam prontos para retornar. Com os novos usos atribuídos a ela e o recente público que a domina, esse grupo vê a Rua Grande (como hoje se apresenta) como *o lugar de ninguém* ou melhor, *o não-lugar*, reportando-nos a Augé (1994:74), que coloca o não-lugar, lado a lado com o lugar, diferenciando-o na maneira como significa e para quem significa, transformando-se em um lugar destituído de identidade, ou seja, *o lugar de ninguém*.

Quanto ao grupo dos ex-comerciantes, verificamos que suas representações estão calcadas num intenso **ressentimento** e **descontentamento** com os rumos que a Rua foi seguindo com a chegada dos novos comerciantes que trouxeram consigo a euforia dos grandes magazines. Esse momento está bem demarcado no seguinte depoimento: *não tínhamos mais vez. A vez agora foi dada para os novos comerciantes. Tanto é verdade que o espaço agora é deles*. Dessa maneira, o vínculo entre eles e a Rua se rompe e, mesmo a contragosto, viram-se quase que obrigados - pelas novas circunstâncias-a procurarem outros horizontes. E foi o que fizeram, partiram em busca de outros locais, na tentativa de resgatar um pouco do prestígio perdido, levando consigo uma imensa insatisfação com as novas feições da Rua. Diante disso, a Rua Grande transformou-se em uma incógnita, vivendo intacta apenas em suas lembranças. Assim, a Rua, definitivamente, deixou de ser *o nosso lugar* para se tornar única e exclusivamente *o lugar dos outros*.

Assim, nesse incessante jogo entre presente e passado que se assenta na história da Rua Grande, voltamos às raízes simbólicas das representações, pois nos ecos da afetividade, do saudosismo, da tradição, da acessibilidade, da resistência, da desconfiança, do descontentamento e do ressentimento, em que essas duas realidades se situam, se mostram e se entrelaçam, reconhecemos um terreno fértil para a sedimentação das Representações Sociais, ou seja, através do caráter de ambivalência dessa situação, constatamos que esses temas, ao circularem no cotidiano e interagirem no meio social, desencadeiam as representações que vão se estabelecendo nesse tempo de convivência.

Sendo as Representações Sociais inseparáveis da dinâmica do cotidiano, é perfeitamente admissível uma interação entre presente e passado como nos demonstra o exemplo da Rua Grande ainda que (para alguns) dentro de uma conflituosa relação.

Todos esses fatos são de extrema importância pois proporcionam um melhor entendimento dos caminhos que levam ao urbanismo, enfatizando uma maior valorização do espaço enquanto lugar de afeto.

O caráter de ambivalência na construção dessas representações determina o significado que a Rua apresenta para cada um desses segmentos, pois, a partir do momento que todos estabelecem uma relação identitária com a Rua, ela passa a ser parte de suas *histórias de vida*.

Diante das evidências, reconhecemos a intensa relação entre as transformações socioespaciais da Rua Grande e as Representações Sociais de seus moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes. Nesse contexto, apreendemos que as intervenções ali processadas não afinaram seus eixos em consonância com a realidade local, comprometendo seu acervo com constantes descaracterizações em sua ambiência, o que ocasionou profundos descontentamentos por parte desses segmentos.

A conscientização de uma política de preservação seria o primeiro passo para administrar com sabedoria toda e qualquer intervenção em um espaço público. A Rua Grande, em sua trajetória socioespacial, atesta mais uma vez essa carência, com suas aleatórias transformações físicas dando evasão às mais diversas atividades - agora atreladas ao recém-conquistado estilo de vida moderno - foi deixando passar a sua essência, e, de um lugar com evidente vocação tradicional, passou a ansiar por se enquadrar definitivamente nessa nova *performance* progressista, tão em voga nos ideais capitalistas. Mas, será se essa nova imagem estaria refletindo sua verdadeira face? Estaria sua tradição, seu patrimônio construído e seus traços culturais sendo preservados? Nesse processo como ficaria sua identidade sociocultural? Essa recente concepção de vida, atrelada à modernidade, estaria caminhando de acordo com as expectativas dos usuários da Rua?

Essas perguntas encontram uma unânime resposta por parte de nossos entrevistados, que acreditam firmemente em uma solução bem mais pacífica para a Rua Grande do que a atual, que vem *consumindo* seu acervo. Apreendemos nas idéias dos usuários que toda

intervenção em um espaço deveria ter a preocupação de cultivar a essência desse espaço, procurando sincronizar sua identidade ao novo contexto. Com isso, os valores ali constituídos não seriam depreciados e até mesmo descartados em detrimento de um novo estilo de vida, que segrega, particulariza e disciplina, e no qual as pessoas mal se conhecem, ficando, portanto, cada vez mais difícil a criação e a manutenção de vínculos.

Como podemos inferir, o dilema da tradição e da modernidade na Rua Grande continua angustiando esses segmentos, pontuando a grande maioria de seus depoimentos. Afinal, essa cidade feita sob encomenda é realmente capaz de suprir todas as necessidades e expectativas do tão almejado viver bem? Nossos entrevistados acreditam que essa ainda é uma questão delicada, pois as forças que conduzem às transformações – geradas pelas novas apropriações - materializam-se na forma de uma constante tensão entre as partes envolvidas e estão expressas nos diferentes enfoques dados, nos quais cada segmento visualiza um determinado resultado. Ou seja, de um lado, os que almejam enquadrar a Rua aos novos tempos, condicionando seu crescimento exclusivamente a valores econômicos; de outro, os que desejam preservar seu acervo, suas características peculiares e seu referencial histórico.

Não resta dúvida, portanto, que os padrões de apropriação impostos à Rua, com sua distribuição de atividades e movimentos, geraram demandas e criaram novos valores, influenciando fortemente na transformação de sua configuração espacial. Esse circuito de mudanças, com a introdução de novos conteúdos, evidencia-se nas novas configurações da Rua, onde as demolições e novas edificações introduziram significativas alterações na maneira de ver e sentir esse espaço.

Em síntese, o estudo realizado nos leva a reconhecer que as representações construídas pelos segmentos analisados em relação ao objeto de estudo, a Rua Grande, se desenvolveram de acordo com as perspectivas de cada um desses segmentos. Como os grupos possuem características similares, suas representações não poderiam deixar de expressar essas convergências. A unânime afeição que os grupos dedicam a esse espaço, conferiu-lhes o status de lugar, e, como tal, permanece vivo - mesmo que, muitas das vezes, só através das lembranças de seu memorável passado. Assim, o significado da Rua emerge como um lugar de extrema importância para cada uma dessas pessoas, pois, para a maioria, foi ali que construíram suas vidas e passaram a maior parte dela. E, apesar de todas as transformações pelas quais a Rua vem passando, uma coisa se manteve inalterada: o carinho que essas

peças lhes dedicam. Mesmo aquelas que não as reconhecem mais como a *sua rua*, nunca disfarçam uma latente afetividade em suas falas.

Na medida em que toda e qualquer intervenção ao espaço urbano deva ser calcada no sentido de conferir valor às suas especificidades, mantendo-se assim sua importância no contexto histórico da cidade - em que participam os principais condutores dessa história, ou seja, aquelas pessoas que mais diretamente estão envolvidas com o objeto em questão - teremos com certeza um número cada vez maior de acertos quanto aos resultados desses projetos. Assim, esperamos que esta investigação sobre as *Representações Sociais* atribuídas à Rua Grande possa, de alguma forma, subsidiar trabalhos que envolvam o estudo do entendimento das identidades que vão sendo constituídas através do tempo, explicitando valores e revelando as singularidades de um determinado lugar, servindo assim de reflexão para o aprofundamento dessas questões. Insistimos também em enfatizar a importância do aspecto da dimensão subjetiva, muitas vezes negligenciado em detrimento da tecnicidade, firmando sempre o compromisso com as questões sociais como determinante em toda e qualquer intervenção em espaços públicos. Não esquecendo, assim, que o ser humano é eminentemente social, portanto ***não só sujeito da sociedade e da história como também sujeito à sociedade e à história*** (JOVCHELOVITCH,2000.41).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Raquel de Castro. **Paisagem e espaço público : um estudo sobre duas praças de Belo Horizonte.** Mimeo, s/d

ALVES, Rubem. Senhoras prefeitas, senhores prefeitos. **Folha de São Paulo.** São Paulo, s/d. Opinião.

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho. (coord). **Centro Histórico de São Luís – Maranhão: Patrimônio Mundial.** São Paulo: Audichromo, 1998.

_____ Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luis. In: **Seminário Sobre Desenho Urbano no Brasil, 2.** Rio de Janeiro: FINEP 1996.

ARGAN, Giulio C. **História da Arte como História da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARRUDA, Ângela (org). **Representando a alteridade.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

AUGE, Mark. **Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas - SP. Papyrus, 1994 São Paulo, Martins Fontes, 1988.

AUGRAS, Monique. **A dimensão Simbólica.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BANDEIRA, Cristina Tereza Portelada. **Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico.** Monografia de curso de arquitetura pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luis, 2000.

- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____ **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARROS, Valdenira. **Imagens do Moderno em São Luis**. São Luis. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAMPBELL, J. O Mito e o Mundo Moderno In: **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena 1990.
- CARAMELLA, Elaine. Semiótica e Imagem da Cidade. In FARRET, Ricardo L. (org). **Anais do VI Encontro Nacional – ANPUR**, 1995. Brasília: ANPUR, 1996.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no / do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996..
- CASSIRER, E. **Esencia y Efecto Del Concepto de Símbolo**. México, Fundo de Cultura Econômica, 1989.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória de Severino e a História de Severina. Um ensaio de Psicologia Social**, São Paulo: Brasiliense, 1998.
- COMPANS, Rose. O paradigma das global cities nas estratégias de desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n.1, maio, 1999.
- DURAND, Gilbert. **O Imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo, Editora Nacional, 1987.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A;

FERRARA, Lucrécia D. Alesio. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura.** São Paulo: Nobel, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra. (org). **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

JODELET, D. **Les representations sociales.** 5 ed. Paris: Press Universitaire, 1997:447.

JOVCHELOVITCH, Sandra. (Re)descobrimo o outro. In:ARRUDA, Ângela (org).**Representando a Alteridade.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

_____ **Representações sociais e esfera pública:** a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S; Guareschi, P. (orgs). **Textos em representações sociais.** Petrópolis-RJ, Vozes, 1995.

LACERDA, Norma; ZANCHETI, Silvio; DINIZ, Fernando. **Planejamento metropolitano:** uma proposta de conservação urbana e territorial. Recife, 1999, mimeo.

_____; ZANCHETI, Silvio; MARINHO, Geraldo. **Sistema Qualitativo de Avaliação de Impactos em áreas urbanas históricas.** Recife, s/d. mimeo.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico.** 4º Edição. São Paulo: Atlas, 1992.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do saber**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITÃO, Lucia. **Os Movimentos desejanter da cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

LEME, Maria Alice Vanzoline da Silva. **O Impacto da Teoria das Representações Sociais**. in SPINK, Mary Jane (org). O conhecimento no Cotidiano – As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARCELLINO, Nelson C. **Introdução às Ciências Sociais**. São Paulo: Papirus, 1998.

MARQUES, César A. **Dicionário histórico e geográfico do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.

MARTINS, Ananias Alves. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural – séc. XVII, XVIII e XIX**. São Luís: Sanluiz, 1999.

MATA, Roberto Da. **A Casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Massangana, 1987.

MEIRELLES, Mário M. **História do Maranhão**. 2. ed. São Luís, Fundação Cultural do Maranhão, 1980.

MELO, Magnólia Sousa Bandeira de. **Índice toponímico do Centro Histórico de São Luís**. São Luís: UFMA, 1992.

MILGRAN, Stanley. Cities as social representations. In: MOSCOVICI, Serge; FARR, Robert M. **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. 2.ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

_____ (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica, In: Guareschi, P; Jovchelovitch, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MONTEIRO, Circe Maria G. (org). Cidade e Produção do Cotidiano - Seminário Interdisciplinar – 1993, Recife. **Anais**. Recife: UFPE, MDU, 1995.

_____ Representações sociais da cidade: **do imaginário ao real**. In: FARRET, Ricardo L. (org). Encontro Nacional – ANPUR, 6, 1995. Brasília. **Anais**. Brasília: ANPUR,1996.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. São Luís, Legenda, 1989.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____ Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH S. (osgs). **Texto em representações sociais**. 2.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

NAHUZ, Cecília dos Santos e FERREIRA, Lusimar Silva. **Manual para normalização de monografias**. São Luís: CORSUP/EDUFMA,1989.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro – UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro,1998.

_____ Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org). **O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A Cidade com um jogo de cartas**. Rio de Janeiro: EDUFF-Editora Universitária,1985.

_____; VOGEL, Arno.(coord). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP,1981.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAWAIA, Bader Burihan. Representações e ideologia – o encontro desfeticizador. In: SERRA, Astolfo. **Guia histórico sentimental de São Luís**. Rio de Janeiro: Civilização, 1965.

SOUZA, Paulo Melo. **Rua Grande: Um Passeio no Tempo**. São Luís: Prefeitura Municipal; São Paulo: Pancrom, 1992.

SOUZA FILHO, Edson Alves. **Análise de Representações Sociais**. In: SPINK, Mary Jane (org). O conhecimento no Cotidiano – As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1993.

SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____ (org). **O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995b.

_____ (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

STORCH, Andréa Melo Lins. **Ponte a ponte: investigando os significados das apropriações sócioespaciais das margens do Rio Capibaribe nos bairros da Madalena e das Graças**. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – UFPE/MDU, Recife.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1984.

VIVEIROS, Jerônimo de A. **História do comércio do Maranhão.** São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. 3v.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S.(orgs). **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ZANCHETI, Silvio; JOKILEHTO, Jukka. **Reflexões sobre planejamento da Conservação Urbana Integrada.** Recife: mimeo, s/d.